

Universidade Estadual de Campinas

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por Mario Bernales Lillo

e aprovada pela Comissão Julgadora em

24, 04, 195.


PROF. DR. ATALIBA TEIXEIRA DE CASTILHO

Toponímia Pré-Hispânica e Hispânica do Sul de Chile

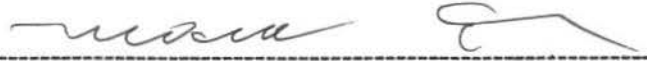
Mario Bernales Lillo

Tese apresentada ao Departamento de Lingüística do
Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade
Estadual de Campinas, como requisito parcial para a
obtenção do grau de Doutor em Ciências, sob a
orientação do Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho.

Campinas, Março de 1995

65-11

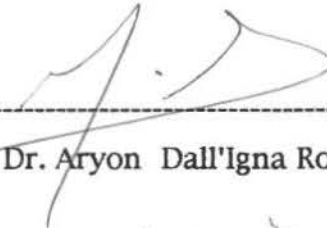
Banca Examinadora:



Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho (Orientador)



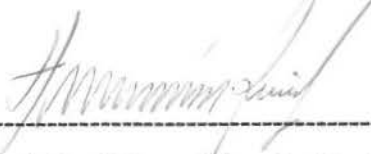
Profa. Dra. Lucy Seki



Prof. Dr. Aryon Dall'igna Rodrigues



Profa. Dra. Vicentina de Paula de Amaral Dick



Prof. Dr. Héctor Hernán Bruit

Dedicatória:

A
Julia, Marlis, Marcelo e Arturo,
pelo apoio e pela colaboração.

Agradecimentos:

Ao Prof. Ataliba, meu orientador, pelo estímulo, pela constante disponibilidade e por acreditar em meu trabalho.

A Profa. Lucy e a Profa. Vicentina, pelas sugestões feitas por ocasião da qualificação.

A Prof. Eleonora, por me ter permitido usar o Laboratório de Fonética do IEL.

Ao pessoal do Laboratório, pelo abrigo e amizade.

A Maria Teresa, Adelaide e Patrícia, pela colaboração e paciência ao me contar alguns segredos da língua escrita.

A meus professores e colegas.

Aos funcionários da Biblioteca do IEL, pela atenção com que sempre me atenderam.

À CAPES, pela concessão de bolsa de doutoramento que permitiu a realização deste trabalho.

Aos colegas do Departamento de Lenguas y Literatura da UFRO, pelo apoio e confiança na minha capacidade.

À Universidad de la Frontera, por me licenciar para realizar o curso.

Resumo

O objetivo desta tese é descrever e analisar os topônimos pré-hispânicos e hispânicos da Nona Região ou Região de La Araucanía (paralelos 37° a 40° de latitude) no sul do Chile.

Ao desenvolver esta pesquisa, desejou-se também estudar outras perspectivas de análise sobre os nomes, que superaram a tradicional apresentação do topônimo em seus aspectos etimológicos e semânticos, ao privilegiar a motivação inicial que inspirou criador do nome no momento em que batizou vales, rios, lagos montes, rochas, etc.

Para conseguir o objetivo da pesquisa, decidiu-se reunir um corpus toponymicus representativo, confiável e homogêneo, suscetível de comparação. O método aplicado foi o geográfico-lingüístico, amplamente conhecido nos estudos dialetais.

A maioria dos topônimos coletados são de origem mapuche (2.465 nomes, 64,8%), e através destes observa-se o estreito vínculo do indígena com sua terra e o seu conhecimento da natureza. Por outro lado, os nomes hispânicos não são tão abundantes na região (1.261 nomes, 33,2%) quanto os topônimos das colônias européias não hispânicas. Eles têm pouca representatividade (73 nomes, 1,92%).

O corpus coletado na região selecionada, tanto de base mapuche quanto hispânica, foi classificado de acordo com a origem dos nomes, considerando-se como referência os aspectos da geografia física, das manifestações vitais e da criação semântica metafórica.

No capítulo final, discutem-se as principais questões observadas em relação à produtividade lexical e à formação morfológica dos topônimos (lexemas e morfemas livres ou presos), a partir das ocorrências verificadas no corpus toponymicus. Tal estudo compreende uma análise preliminar do processo lexical e dos mecanismos da formação dos nomes de lugar, segundo os critérios morfológicos e semânticos.

Nas conclusões da pesquisa fala-se sobre as principais fontes de inspiração que ambas as culturas compartilham, ou seja, sobre as linhas diretrizes ou eixos êmicos que se relacionam com a visão do mundo de cada povo. No caso dos espanhóis seriam a "Cruz", a "Espada" e o "Diabo"; no caso dos mapuches, o meio natural (morfoloconímia) e a dimensão mágica (mitoconímia).

Finalmente, o glossário dos topônimos citados em cada capítulo e a bibliografia especializada fecham a pesquisa.

ABSTRACT

This thesis aims at describing and analysing the pre-hispanic and hispanic *topónimos* from the IX Region of the "La Araucanía" (paralels 37° to 40°) in the south of Chile.

While developing this research, we also intended to study other approaches to the analysis of names that turn out better than the traditional presentation of the *topónimo* in its semantic and etimologic aspects, in that they privilege the initial motivation that inspired the man who named valleys, rivers, lakes, mountains, rocks, etc.

To reach the aim of the research, we collected a homogeneous trustable representative *toponymic corpus* that could undergo comparison. The methodology applied was the geographic-linguistic one, widely known in dialectal studies.

The corpus collected in the selected region in the mapuche as well as in the hispanic basis, was classified according to the origin of the names taking aspects of the physical geography of the life manifestations and of the metaphorical semantic creation.

In the last chapter, the main questions related to both the lexical productivity and morphological formation of the *topónimo* (lexems and free or bound morphemes) are discussed from the point of view of their occurrences in the *toponymic corpus*. Such a study involves a preliminar analysis of the lexical process and of the mechanisms of formation of the names of certain places, concerning morphological and semantic criteria

Concluding the research we the main sources of inspiration that both cultures share, that is to say, the guidelines or emics that are related to each people's view of the world. In the case of the Spanish, these sources would be the "Cross", the "Sword" and the "Devil"; for the mapuches, they would be nature and the magic dimension.

Finally, the glossary of the *topónimos* cited in each chapter and the specific bibliography close the research.

SUMÁRIO

1. Introdução	1
1.1 Os estudos toponímicos e a toponímia do Chile	1
1.2 Mapuches ou araucanos: síntese histórica	9
2. Primeiros estudos do <i>mapudungun</i>	17
2.1 Os missionários: primeiros registros da língua (ss. XVII-XVIII)	17
2.2 Os capuchinos bávaros e seu conhecimento do mapuche	18
2.3 Rodolfo Lenz e o estudo contemporâneo do mapuche	20
2.4 Estudos atuais: a fonologia	20
2.5 Estudos atuais: a morfossintaxe	22
2.6 Divisão dialetal	26
2.7 A variação sociolingüística	29
2.8 Bilingüismo histórico: estudos contrastivos (espanhol/mapuche)	30
3. Materiais e Método	37
3.1 Objetivos e materiais	37
3.2 Método geográfico-lingüístico	44
4. Classificação dos topônimos pré-hispânicos e hispânicos	47
4.1 Os mecanismos de formação dos topônimos	47
4.2 Os critérios de classificação dos topônimos	51
4.3 Classificação dos topônimos pré-hispânicos	54
4.4 Classificação dos topônimos hispânicos	76
4.5 Classificação dos topônimos de outras colônias européias	86
5. Aspectos diacrônicos	89
5.1 Topônimos mapuches substituídos por outros nomes mapuches	92
5.2 Topônimos mapuches substituídos por nomes hispânicos	94
5.3 Topônimos hispânicos substituídos por outros hispânicos	98
5.4 Presença de topônimos quêchuas	99

6. Formação morfológica dos topônimos	102
6.1 A formação morfológica dos topônimos pré-hispânicos	102
6.1.1 Função e significado dos morfemas	105
6.2 A formação morfológica dos topônimos hispânicos	114
6.3 Aspectos semânticos	116
6.3.1 Relevância do significado na formação dos nombres	116
6.3.2 A etimologia popular	119
6.3.3 Eixos êmicos ou subjacentes	122
7. Conclusões	125
8. Glossário	126
9. Mapas	154
10. Bibliografia	155

"Los nombres de lugares son viva voz de aquellos pueblos desaparecidos, transmitida de generación en generación, de labio en labio, y que por tradición ininterrumpida llega a nuestros oídos en la pronunciación de los que hoy continúan habitando el mismo lugar, adheridos al mismo terruño de sus remotos antepasados" (Menéndez Pidal, *Toponimia prerrománica hispana*, 1952: 5)

1.0 INTRODUÇÃO

1.1 Os estudos toponímicos e a toponímia do Chile

Os estudos relacionados com os nomes de lugar com os quais se preocupa a Toponímia tiveram, até o momento, pouca difusão na América e no Chile, comparados com as múltiplas aplicações conseguidas na Europa a partir do século passado. Os artigos publicados, em geral, referem-se a listas de palavras ou a confecções de glossários de caráter tradicional cujo interesse principal consiste em explicar termo a termo isoladamente. Por outro lado, adverte-se que os autores destes trabalhos não dispõem de materiais de primeira mão, recolhidos *in situ*, nem empregam uma metodologia apropriada e critérios modernos de análise lingüística.

Na atualidade, observa-se uma preocupação maior por estes temas e uma renovação evidente no enfoque teórico. Apesar, entretanto, de ter havido um aumento do número destes estudos, os lingüistas ainda têm tido dificuldades em lidar com as diversas complexidades que a toponímia apresenta. Essas complexidades se devem ao fato de que ela é um meio para chegar à alma popular, ou seja, ela apresenta-se como elo entre o homem e a realidade, entre o pensamento, as coisas e a sabedoria (Quiroga 1989: 1). De fato, a pesquisa em toponímia tem a lingüística como suporte básico e de acordo com isso deveria ser entendida como uma disciplina da ciência da linguagem, pois herda seus métodos e seus pontos de vista. No entanto, algumas situações especiais oferecidas pelos

topônimos só podem ser explicadas levando-se em consideração além da fonética, da etimologia, da dialetologia, da história da língua, da etnolingüística, outras disciplinas como a história, a geografia, a antropologia, o folclore, a arqueologia, etc.

Em suma, a toponímia compreende aspectos da psicologia social que se relacionam às etapas da civilização, ao valor do "terruño", quiñão de terra, às conquistas de territórios, às migrações dos povos, à história da língua, etc. (Hernández 1978: 8). Nesse sentido sabemos que, na formação e evolução dos nomes de lugar, o protagonismo recai no homem como ser atuante e criador, que a linguagem funciona como sistema de comunicações e expressão, e que a realidade e os aspectos físicos cumprem o papel de elementos referenciais. Pode-se concluir, então, que a presença destes três componentes: o fator humano, o fator lingüístico e o fator histórico-físico é uma característica pouco comum em comparação com outras disciplinas (Díaz 1987: 15-16).

A respeito, pode-se acrescentar ainda as observações de Llorente Maldonado sobre toponímia e a ciência da linguagem (1971). Ele considerava que:

"...es evidente que la Toponimia, a pesar de su complejidad y de sus relaciones con otras disciplinas, constituye un capítulo de la Lingüística; sin embargo, los geógrafos y los historiadores reclaman con frecuencia sus derechos sobre ella; podemos decir que la Toponimia es una parcela disputada por muchos, con mejores o peores títulos, pero en el Registro aparece como propiedad de la Ciencia del lenguaje"

De fato, como já foi dito acima, sua comparação com outras ciências mostra algumas características de ordem positiva e negativa. Por um lado, é positiva, porque ao se relacionar com outras disciplinas como a História, a Geografia, a Etimologia, a Botânica, a Zoologia, etc. ela enriquece-se e, ao mesmo tempo, serve-lhes de complementação. Por outro lado, é negativa porque não deve cair nas explicações de caráter fantasioso para resolver alguns significados dos topônimos e transformar-se na "ciencia del acertijo", como foi chamada por Corominas em 1960. As versões populares raras vezes são úteis à Onomástica.

Uma outra dificuldade que o estudo científico da toponomástica também enfrenta consiste nas peculiaridades lingüísticas de determinadas regiões, as

variáveis locais, especialmente, as mudanças fonéticas dos nomes através do tempo, ora pelas invasões do território ou colonização, ora pelos sucessivos povos que moraram no lugar.

O certo é que, uma situação desta natureza só pode ser superada pelo pesquisador, se existe uma documentação antiga e confiável que garanta a análise histórico-lingüística.

Quanto aos estudos relativos à etimologia popular dos topônimos, de um modo geral, os dados revelam que às vezes a motivação não é de caráter lingüístico, mas é extralingüístico, baseada numa razão histórica, geográfica, de tradição popular ou de outra natureza.

Esse fato pode ser retratado pelo seguinte exemplo. Segundo Hernández (1978: 7), Auguste Le Flemanc incluiu entres os nomes de origem celta o topônimo murciano Caradoc, *Torre-Caradoc*, já que o lexema do nome lhe pareceu celta e, do ponto de vista histórico, tudo parecia razoável. Se o autor tivesse, entretanto, sabido que este nome lembrava o sobrenome de um inglês, antigo dono da terra, provavelmente teria economizado explicações etimológicas remotas e duvidosas, portanto inúteis.

Em virtude disso, os investigadores sugerem não propor etimologias quando faltam testemunhas antigas e confiáveis. Dauzat, no texto *La toponymie française* (1960), comentou:

"...comment doivent s'orienter nos recherches?...après avoir travaillé en surface, il faut travailler en profondeur, et ne pas céder à la tentation de synthèses prématurées et artificielles"

Um outro exemplo interessante que pode ser reproduzido pertence à etimologia popular, a qual coloca várias e curiosas motivações. Na verdade, este fenômeno pode conduzir a um erro de caráter histórico ou muitas vezes basear-se na falta de educação ou cultura intelectual das pessoas. Assim, durante o século XVI, segundo Baldinger (1968: 8), um frade recebeu o aviso da visita de algumas autoridades eclesiásticas à sua paróquia. No transcurso da reunião o arcebispo notou que ele estava muito preocupado com a comida, e para tranquilizá-lo, disse-lhe que somente servisse *modicum et bonum*, ou seja, uma comida modesta e boa. Mas, o religioso que entendia apenas um pouco de latim, matou a *Modicum* (o

nome de seu burro) e ofereceu a seus hóspedes a carne pouco saborosa do animal.¹

Nos últimos anos tem sido pesquisado o topônimo Niebla 'lugar, povoado, praia, fortificação', localizado ao lado norte da desembocadura do Río Valdivia na parte sul do Chile. Em reiteradas ocasiões escutamos falar -mesmo entre pessoas cultas- que o significado do nome devia-se à abundância de "niebla", neblina, no lugar. No entanto, as razões históricas demonstram que nesse lugar foi fundado em 1645 o Castillo de Niebla, nome devido ao primeiro habitante Don Francisco de Niebla.

Em conclusão, a análise toponomástica da denominada toponímia maior ou nomes de grandes lugares, como povoados, rios, vales, montanhas, etc., e da toponímia menor ou de pequenos lugares, como riachos, cachoeiras, pedras, etc, permite descobrir, segundo Hubschmid (1960: 447) que:

"...la significación original de un nombre o poner en claro el proceso de su génesis y nacimiento"

e, ao mesmo tempo, proporciona antecedentes fundamentais para propôr hipóteses sobre as migrações dos povos, os acontecimentos históricos, os descobrimentos, as conquistas, as colonizações, as mudanças de costumes, etc.

Com relação à toponímia hispânica, observa-se que na Espanha ainda estão em vigência os excelentes trabalhos de caráter monográficos sobre a filologia de Menéndez Pidal, que em 1906 reconheceu a significação do material toponímico e propôs as bases científicas desta nova disciplina. Em sua obra *Orígenes del Español* os topônimos serviram de documento importante para a reconstrução do espanhol pré-literário e para estabelecer os limites regionais. De fato, através desta disciplina o autor procurou resolver alguns problemas de substrato. Segundo Rohlfs (1966:188) e Rabanales (1970:198), o tema da toponímia

¹ Além disso, convém mencionar aqui um exemplo muito significativo que segundo Baldinger (1968: 8), situa-se entre a onomástica e a língua comum, o qual consegue uma nova motivação durante o tempo e é possível entendê-lo melhor através da etimologia popular. Uma capela da catedral de Metz chamou-se durante a Idade Média *Sanctus Petrus major* (século VIII) *St-Pierre li majeure* (século XIII), mas *majeur* 'maior', comparativo de *grandis*, envelheceu, perdeu-se em francês e foi substituído por *plus grand*. Finalmente, o povo que já não compreendia *li majeure*, transformó-lo a partir do século XVI, em *St-Pierre l'ymagier* (*imagier* 'vendeur d'imagens, d'estampes') e como este também envelheceu, o nome da capela transformou-se em *St-Pierre-aux-images* 'São Pedro das imagens'.

aparece, praticamente, em todos os seus trabalhos e, em geral, eles têm o caráter de instrumento metodológico.

Seguindo as próprias palavras do eminente filólogo espanhol é possível observar suas criteriosas discussões com respeito à toponímia e às peculiaridades dos topônimos:

"La toponimia no es sólo la historia de los nombres propios más usuales en un idioma, pues encierra, además, un singular interés como documento de las lenguas primitivas, a veces los únicos restos que de algunas de ellas nos quedan [...] y esos topónimos arrastran consigo en nuestro idioma actual elementos fonéticos, morfológicos, sintácticos y semánticos propios de la antigua lengua, elementos por lo común fósiles e inactivos, como pertenecientes a una lengua muerta, pero alguna vez vivientes aún, conservando su valor expresivo, incorporado a nuestra habla neolatina"

Un retrato fiel das idéias de Menéndez Pidal foi elaborado por Rabanales na década de 1970, ele ressaltou:

"...la toponimia aparece en la mayoría de los trabajos de Menéndez Pidal, y siempre como un instrumento metodológico valiosísimo para dilucidar algún problema de la biografía de la lengua española, y así hasta los últimos años de su casi centenaria vida..."

À contribuição de Menéndez Pidal poderíamos somar os resultados dos sucessivos congressos internacionais. O I Congresso Internacional de Toponímia e Antropologia foi organizado por Dauzat em Paris (1938) com a participação de vinte e um países; o Segundo Congresso também foi em Paris (1947); o Terceiro, em Bruxelas (1949). A partir desse momento organizou-se um Comitê Internacional de Ciências Onomásticas que fundou a revista *Onoma*. Paralelamente, Dauzat começou a editar a revista *Onomástica*, que mais tarde foi conhecida pelo nome de *Revue Internationale d'Onomastique*. Também foi de grande importância para estes estudos o Congresso de Toponímia Pirenaica,

ocorrido em Jaca (Espanha) em 1948, pois as conclusões de caráter metodológico foram publicadas nas "Actas de la primera reunión de toponimia pirenaica" (Zaragoza 1949) e, atualmente são consideradas nos trabalhos da área. Além da dedicação incansável de Dauzat, Rohlf, Lapesa e Llorente, sobre o espanhol, os trabalhos de Leite de Vasconcelos, J. da Silveira, Joseph M. Piel e M. Paiva Boléo sobre toponímia e onomástica portuguesa, faz-se necessário citar as excelentes pesquisas desenvolvidas na Alemanha por Meyer-Lübke e Baldinger na área românica, especialmente os de onomástica e etimologia popular. Da mesma forma, é bom lembrar aqui as contribuições apresentadas no volume I da *Enciclopedia de Lingüística Hispánica (ELH)*, (1960), como as monografias "La Hagiotoponimia" de López Santos, "Toponimia de Reconquista" de Marsá e "Toponimia prerromana" de Hubschmid.

Quanto à América Latina, como já foi dito, percebe-se a ausência de trabalhos na toponomástica e alguns autores que têm desenvolvido pesquisas nesta linha observaram e criticaram a situação de urgência e necessidade que tinha esta classe de estudos. Assim, por exemplo, Theodoro Sampaio, no *O Tupi na Geografia Nacional*, ao começo do século, escreveu (1902: 43):

"Estudos [...] systematicamente guiados, para o fim de explicar o vocabulário geográfico de procedencia tupí, poucos cultores têm ido, bem que não raros o tenham tentado"

Levy Cardoso, em *Toponímia Brasileira* (1961: 314) enfatizou:

"No Brasil, entretanto, relativamente muito pouco se tem feito nos domínios da toponímia"

e Carlos Drumond, em *Contribuição do Bororo à Toponímia Brasileira* (1965:13-14) comentou o seguinte nas **Palavras preliminares** do livro:

"Dentre os assuntos que podemos englobar sob a rubrica geral de "estudos brasileiros", um dos mais negligenciados tem sido, sem dúvida alguma, o referente aos **nomes de lugares ou acidentes geográficos** [...] no Brasil, com raríssimas exceções, estudos deste gênero têm sido feitos mais a título de "

curiosidade", sem os métodos apropriados a tal empreendimento [...] nada mais são do que simples listas de palavras de origem indígena acompanhadas de um provável significado"

Uma contribuição atualizada sobre o nível que deveria alcançar esta disciplina foi proposta pela autora Dick, em 1992, no *Prefácio a Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de estudos*. Ela argumentou:

"...nosso objetivo com esta série articulada, liga-se também à questão, sentida necessária e imprescindível, de retirar da Toponímia o caráter secundário que sempre se fez cercar no país"

De outro lado, a informação disponível mostra que na Venezuela e na Argentina as coisas não são diferentes. Rago, falando sobre toponímia "llanera" da Venezuela disse que seu trabalho lhe permitirá:

"...realizar una contribución al estudio del repertorio toponímico de la región [*llanera*], acerca del cual -que sepamos- ninguna descripción sistemática ha sido emprendida..." (o grifo é nosso)

e o indigenista argentino Esteban Erize, no texto *Mapuche 4, Toponímia* (1988) também comenta o riscos e problemas atuais da disciplina.

Em relação a isso, no Chile não é muito o que se fez até o momento, no sentido de averiguar, sistematizar e explicar os topônimos de procedência pré-hispânica e hispânica ou de outras colônias européias (alemã, francesa, holandesa, italiana, suíça, etc.). Em geral, as pesquisas lingüísticas são escassas e não mostram uma análise de conjunto de um *corpus toponymicus* recolhido *in situ*. Quanto às publicações, são recentes e quase todas se relacionam com a toponímia da região centro-sul do país, isto é, com a área geográfica onde vive um dos povos indígenas mais numerosos da América, conhecidos pelo nome de *mapuche* (<mapu 'terra' e che 'gente': gente da terra).

Sob a perspectiva nacional, a contribuição dos pesquisadores apresenta algumas novidades tanto na metodologia e classificação do material, quanto na análise lingüística. Ao respeito de Wagner (1965) observa-se em seu artigo, "Contribución al estudio de la toponimia de Chiloé" o funcionamento e a distribuição de alguns morfemas mapuches, especialmente -hue 'terra ou lugar onde há alguma coisa', como elemento integrante de nomes que aludem a alguma característica física do lugar. Contreras (1977) em "Toponimia aborígen magallánica: vigencia, extinción, sustitución" postula que, para enfocar o estudo toponímico, o autor deve distanciar-se do glossário tradicional para não cair exclusivamente na explicação de cada termo. Neste sentido, ele afirma que a extinção de um nome pode ser ocasionada também pelo desaparecimento quase paralelo do próprio grupo étnico, como aconteceu na zona austral do Chile com outros povos indígenas (*Qawasqar* ou *Alacalufes*, *Yamanas* ou *Yaganes* e *Selknam* ou *Onas*), onde a toponímia imposta pelos exploradores e colonizadores tomou o lugar da autóctone. Em relação à região norte do país, podem-se assinalar os seguintes trabalhos: Duque (1982), em "Aproximación a la toponimia de la Isla de Pascua" tenta estabelecer uma classificação da toponímia Rapa Nui utilizando cartas e símbolos, embora a informação pertença a outros autores; Quiroz (1983), em "Toponimia de la V Región. Clasificación semántica", estabelece uma taxionomia semântica que permite compreender a visão que o homem tem de sua terra quando batiza os lugares. O mesmo autor (1990) em "Valparaíso, una toponimia para reflexionar" mostra uma forma de processo histórico para nomear os lugares e, ao mesmo tempo, escreve sobre a disputa entre topônimos hispânicos e indígenas.

Como já foi observado, não são muitas as pesquisas dedicadas exclusivamente à análise do conjunto de topônimos pré-hispânicos e hispânicos. Em geral, percebe-se que os estudos enfatizam o significado ou a etimologia do nome de maneira independente, sem estabelecer relações entre eles. Recentemente Ramírez (1988) em *Onomástica indígena de Chile: toponimia de Osorno, Llanquihue y Chiloé* fez um estudo semelhante ao que está sendo proposto nesta tese.

O primeiro trabalho realizado neste sentido foi de Bernales (1983), que fez uma análise dos topônimos mapuches, hispânicos e alemães (500 no total) da província de Valdivia, próxima a Cautín. Para conseguir o objetivo baseou-se na documentação histórico-lingüística sob uma perspectiva tanto sincrônica quanto

diacrônica. Assim, conseguiu mostrar o nascimento, a extinção ou substituição de alguns nomes, como também a concentração dos mesmos numa determinada área geográfica. Por exemplo, os topônimos pré-hispânicos concentraram-se na área rural com 56,3%; os hispânicos nos setores urbanos ou nos "sítios" do domínio espanhol, com 35,2%; e os alemães na cidade de Valdivia e La Unión (área colonizada pelos alemães a partir de 1850) com 7,5%.

Tendo presente esta situação é que nos propusemos à realização deste trabalho. Como já se assinalou, os antecedentes bibliográficos a nível regional e nacional sobre o tema não são abundantes. Entre os trabalhos mais conhecidos sobre a língua mapuche figuram os dicionários tradicionais de nomes indígenas do Chile: Lenz (1910); Meyer Rusca (1915); Wilhelm de Moesbach (1952); Sáez (1962); Ramírez (1983, 1988); Bernales et alii. (1992); etc. e algumas teses de grau que reportam dados e metodologias atualizadas: Ayala (1962); Osses (1973), Grothe (1976); Bernales (1984); Saldaña (1990); etc.

1.2 Mapuches ou araucanos: síntese histórica

O nome *mapuche* designa o conjunto de tribos indígenas que viviam dos dois lados da Cordilheira dos Andes e falavam um mesmo idioma, *mapudungun*, que tinham os mesmos costumes, crenças e organização interna. No Chile, esta população atualmente é composta por 350 a 400 mil pessoas² que habitam "reduções" ou reservas espalhadas na região de La Araucanía ou La Frontera entre os rios Bío-Bío e Toltén e correspondem a uns 2.300, sendo a superfície em torno de 2 a 3 hectares por cada chefe de família (Ver Mapa Nº 3)³. A maior concentração de pessoas se dá nas províncias de Cautín e Malleco, IX Região, onde compõem até 25% da população total e entre 80% a 90% da população rural. Quanto ao limite norte, províncias de Arauco e Bío-Bío, VIII Região, e limite sul, província de Valdivia, X Região, o número de população mapuche diminui e

² Não existe um cálculo estatístico da população. Fala-se de 600 mil pessoas e até de 1 milhão (proposta feita por algumas organizações mapuches). Na atualidade, o número consensual é o que se propõe neste trabalho.

³ Quanto ao limite norte, províncias de Arauco e Bío-Bío, Oitava região, e o limite sul, província de Valdivia, Décima região, o número da população mapuche diminuiu e apresenta mudanças lingüísticas e culturais novas.

Como foi dito, a província de Valdivia nesta pesquisa será considerada em forma parcial, devido ao fato geográfico e histórico-lingüístico comum que tradicionalmente apresentou que com área sul de La Araucanía.

apresenta mudanças lingüísticas e culturais. A denominação araucano, conhecida na literatura historiográfica e antropológica, é um gentílico hispânico derivado de *Arauco* (<*raü* 'lodo' e *ko* 'água, riacho': águas turvas; ou também do quêchua *auka* 'inimigo, rebelde, salvação') qualificativo que soldados e funcionários do império inca usaram para os mapuches devido a sua belicosidade.

Pouco se sabe da sociedade mapuche antes da chegada dos espanhóis. Segundo Medina (1952: 119):

"...las diversas tribus en que se ha dividido a los araucanos, constituían en el fondo un solo y mismo pueblo. Las distintas designaciones con que a veces se le nombra, de ordinario tomadas del propio vocabulario indígena, no implican sino simples denominaciones geográficas [...] dividen en dos parcialidades: *picunches*, o gente del norte, y *huilliches* o gente del sur".

Quanto a este último antecedente, Latcham (1924) planteou a seguinte teoria sobre a origem do povo mapuche. Ele diz que o país teve dois tipos de primeiros habitantes, os pescadores da costa espalhando-se pelo vale central como caçadores e colhedores, mais outro grupo que veio do norte, conhecedores da agricultura, gado e alfareria. Estes ocuparam o território entre Coquimbo e Chiloé misturando-se com os primitivos caçadores e colhedores. Entre os séculos XIII e XIV chegou a Chile, pelo pampa argentino, um povo nômade e caçador, procedente do leste da região guaraní do Paraguay, que ingressou como uma "cuña" entre os nativos do Chile, ocupando a área entre o rio Bío-Bío e o Cautín (paralelos 37° a 39° de latitude sul).

Devido a este fato, os mapuches afastaram-se dos *picunches* que ficaram pelo norte e dos *huilliches* que se espalharam pelo sul. Portanto, à chegada dos espanhóis eles estavam divididos e foram facilmente sometidos pelos conquistadores.

A maior crítica feita a esta teoria relaciona-se com as argumentações sobre os dados arqueológicos no sentido que estes não demonstrariam uma integridade cultural pré-histórica entre mapuches do norte e do sul (Aldunate 1978: 9).

Guevara (1928) apresenta outra hipótese sobre a origem do povo mapuche. Para ele trata-se de um grupo de pescadores que ocuparam o litoral de

norte a sul, e espalhando-se gradualmente pelo vale central, pelas regiões subandinas e andinas até chegar à Argentina. Segundo ele, o povoamento começou nos períodos pré-históricos e evoluiu. As diferenças culturais dos grupos mapuches do norte, centro e sul são recentes, devido às invasões dos incas e dos espanhóis.

Nestas últimas décadas, diversas escavações têm servido de base para postular que os mapuches habitaram o território desde os anos 600 a.C, mas ainda estas hipóteses estão a nível de pressupostos sobre eles escreveu Dillehay (1990: 36-37):

"...nada se conoce del período comprendido entre 600 a.C. hasta el año 1000 d.C. Por lo tanto, podemos suponer que primero existió una base cazadora-recolectora en la región [...] y se puede conjeturar que en algun período del tiempo, entre los 500 y 1500 d.C., uno de los principales cambios institucionales ocurridos en el valle central fue la práctica de la horticultura de subsistencia. Es probable que la caza y la recolección de plantas alimenticias hayan persistido como la actividad básica en las tierras altas. En la zona costera continúa la recolección primaria de mariscos [...] se desconoce el período cuando introdujeron las prácticas agrícolas en la región".

Os dados históricos e arqueológicos ainda não permitem estabelecer uma origem certa dos mapuches do Chile e só será possível compreendê-la quando for estudada de uma perspectiva sudamericana global.

Outro ponto importante que também modificou o sistema de vida dos mapuches é a dominação inca do Peru. No século XV, o reinado de Tupac Yupangui começou conquistar as terras desde o sul de Copiapó até o rio Maule, tendo sido os incas detidos pelos mapuches no limite do rio Bío-Bío, no ano de 1480 (Salas 1992: 35).

Essa resistência ao domínio inca obrigou a marcação da fronteira à altura do rio Maule (paralelo 35° de latitude sul).

Como o mapuche do sul do Maule não estava sometido a domínio algum, tinha independência para controlar seus recursos produtivos: a terra, os implementos técnicos e a força do trabalho. Medina (1952: 9) caracteriza o século

XVI como um período onde existiam duas zonas com diverso grau de desenvolvimento no Chile:

"La parte norte del país, merced a la conquistas e a la influencia de la civilización incásica, se hallaba en la edad del bronce, en tanto que el sur apenas si alcanzaba a la edad de la piedra pulimentada".

Interessante, também, conhecer aqui a divisão política administrativa mapuche com fins militares já que o momento era o da chegada do homem europeu. Segundo Latcham (1924: 138-139) a divisão geográfica compreendia: os *Vutanmapus* 'grande extensão de terra', os *aillarehues* 'subdivisão da anterior', e os *rehue* 'outra subdivisão'. Por exemplo, no Plano General del Reyno de Chile de 1793 encontra-se a seguinte descrição:

"Estos dividen todo su país de N a S en cuatro *Uthanmapus* o Principados paralelos y casi de un mismo ancho a los cuales nombran según sus situaciones respecto al mar y a la Cordillera de los Andes, esto es al G. llaman *Lauquenmapu* o País marítimo; al H. *Lelgunmapu*, o País Llano; al Y. *Inapiremapu*, o País subandino y al J. *Piremapu* o País andino. A cada *Uthanmapu* lo dividem en cinco *Aillarehue* o Provincias, y cada *Aillarehue* en nueve *Rehues* o Prefecturas..."

Durante o século XVI, chegam os espanhóis. Conquistam e ocupam sem dificuldade o norte dos país. Porém, os mapuches do sul resistiram e os impedem de ocupar seus territórios entre os rios Bío-Bío e Cruces. Por isso, os espanhóis tiveram que aceitar os tratados chamados "parlamentos", através dos quais a Coroa reconhecia a independência territorial dos mapuches sem obrigação de nenhum trabalho pessoal sem remuneração. Contudo, deviam permitir a entrada dos missionários a suas terras.

Nos séculos XVII e XVIII os europeus desenvolveram uma política persuasiva de dominação através dos missionários nas zonas fronteira. Exemplo disso são as congregações católicas que se assentaram na cidade de Valdivia e San José de la Mariquina e em outros pontos. Mas os mapuches conseguiram-se manter

independentes da cultura hispânica pelo menos durante estes séculos, embora adotassem o cavalo, o boi e algumas ferramentas de lavoura.

No século XIX nos anos da Independência de Chile, colonizou-se o território desde a cidade de Valdivia até Chiloé sem problemas para o governo chileno. Porém, os mapuches defendiam com guerra -praticamente os três séculos- as fronteiras entre os rios nomeados. Mas o governo chileno fez uma campanha militar denominada "Pacificación de la Araucanía" e conseguiu dominar aos mapuches no ano de 1883. Com isso, incorporou-se ao país todo o território que estava em disputa entre esse rios. Enquanto que os indígenas foram confinados a "reduções" ou terrenos estáveis de propriedade individual, paralelamente, fundaram-se cidades e entregaram-se os terrenos a colonizadores europeus e chilenos.

O *mapudungun*, língua dos mapuches, é uma das línguas de grupos étnicos minoritários da América Latina que mantém maior vitalidade e vigência no contexto da vida cotidiana e nos atos culturais significativos deste povo que a usa como língua materna. Embora não haja dados quantitativos exatos, continua sendo falada como língua materna na maior parte das áreas rurais onde vivem mapuches nas Oitava, Nona e Décima Regiões do Chile (paralelo 37° a 40° de latitude Sul); o mesmo ocorre nas áreas urbanas, de preferência nas pequenas cidades do interior e povoados da Província de Cautin, e em alguns setores das grandes cidades como Temuco, Concepción e Santiago.

No que se refere aos últimos pontos, atualmente, vários grupos de ascendência mapuche têm tido interesse em estudar e aprender o *mapudungun* como segunda língua, a fim de manter, atualizar ou incorporar alguns de seus membros ao acervo da sua própria cultura, baseada no falar da sua língua.

A língua tem sido estudada e difundida a partir do século XVII, mas apesar dos esforços, a língua mapuche continua sendo pouco conhecida e insuficientemente difundida até agora.

As razões que se dão para explicar este fato são muitas e variadas, algumas justificáveis e outras um tanto subjetivas. (1) Diz-se que o *mapudungun* é uma língua complexa e muito diferente do espanhol, fato certo, embora insuficiente como explicação; (2) que o *mapudungun* não possui escrita, o que sem dúvida torna difícil mas não impossibilita seu conhecimento, de acordo com os aportes neste sentido de Salas (1988), Catrileo (1984), Sepúlveda (1982), Raguileo (1986), Sandvig e Llanquín (1983); etc.; (3) além disso, que só se ensina o

mecanismo da língua e não a língua como substância cultural, o que em certo sentido é verdade; (4) que os estudos e pesquisas são demasiado especializados e só podem ser entendidos pelos especialistas, o que também é verdade.

As pesquisas e edições, tanto no âmbito lingüístico, como no literário ou semiótico em torno do mapudungun e suas manifestações discursivas são de caráter especializado, nem poderiam ser de outra forma.

A situação atual do povo mapuche é a de um grupo étnico minoritário que mantém complexas e desiguais relações inter-culturais com a sociedade chilena e que luta por manter viva e vigente sua identidade étnico-cultural, no meio das dificuldades da história contemporânea e, que, além disso, deseja recuperar um lugar de dignidade e respeito na sociedade global. Evidentemente, o aumento do prestígio da língua e da cultura mapuche na sociedade global dependerá, em grande parte, de ambos os grupos: mapuches e não-mapuches. Expressões estigmatizantes como: "é uma língua que dificulta a comunicação"; "é uma língua indígena"; "lingüística e culturalmente não é hispana"; etc. prejudicam continuamente a convivência entre os dois povos. De outro lado, pensamos que o esforço maior deverá provir do grupo não-mapuche, no sentido de que este supere os preconceitos atuais com relação aos mapuches.

Ao surgir, há 100 anos, a situação não era muito diferente. Lenz, (1896:XV) ao final do século XIX, escrevia:

"creo que las relaciones entre chilenos e indios serian mucho mejores i mas fructíferas si se comprendieran mejor unos a otros"

Atualmente, considera-se o *mapudungun* como uma língua em perigo, em extinção, pois os falantes vivem em "reduções" (reservas de terreno outorgadas por Título de Merced de Terras), limitadas à vida de sua cultura tradicional.

Segundo Augusta, até agora:

"El indio ha perdido ya casi todas sus posesiones, parte por sus propios vicios, parte por culpa de sus exploradores ó por la ley de conquista" (1903: IX)

Além disso, o espanhol se impõe porque lhes abre amplos horizontes do mundo civilizado europeu-ocidental moderno, irresistível e atraente (Salas 1987:35).

Augusta (1903: VIII-IX) na *Introdução da Gramática Araucana* e de acordo com os antecedentes da época, previa também o futuro da língua mapuche da seguinte forma, embora, as razões que ele dá não pareçam muito convincentes:

"Es fácil prever que el idioma indígena apenas se hablará en Chile de aquí á unos cien años; la interesante y heroica raza araucana está ya por desaparecer. Comerciantes y colonos sin conciencia, á semejanza de los primitivos conquistadores, la han explotado con la crueldad y perfidea de que es capaz la codicia humana"

Além dos antecedentes comentados, chamam a atenção as idéias do engenheiro de ferrovia Gustave Verniory, escritas no território mapuche na década de 1889 a 1899. Nessa época, ele considerava os mapuches como um grupo exótico e sem futuro. Por isso, quando o lingüista Lenz pediu-lhe ajuda e informações sobre a língua e a cultura mapuche, ele concordou:

"Es una feliz idea la de Lenz, pues el curioso idioma indígena está llamado a desaparecer en un futuro cercano, al mismo tiempo que se extinguirá la raza, o se asimilará a la población chilena. Hasta aquí nadie se ha ocupado de este estudio sino los misioneros del tiempo de la conquista española, de los cuales uno, el padre jesuita Andrés Febres, ha dejado una gramática mapuche, que por lo demás es a menudo errónea (1975: 413)

Por outro lado, o desejo de extermínio do povo mapuche, de caráter institucionalizado e violento, também aparece registrado na história da América. O texto de uma Circular Oficial de 1878, dirigida ao Governador de Tucumán, Argentina, foi escrito com as seguintes palavras (Erize 1988:9):

"Es objetivo declarado del Gobierno Nacional despojar a los indígenas hasta del lenguaje nativo como instrumento inútil"

Durante vários séculos, os mapuches resistiram aos invasores espanhóis e, a partir do processo denominado "pacificação", desenvolveram mecanismos de defesa que lhes permitiram sobreviver de alguma forma até hoje. Lamentavelmente, as diferenças principais entre os grupos indígenas estabelecidos durante a última metade do século XVI - *picunches*, *moluches*, *huilliches* e *pehuenches* - que ocupavam a região centro-sul do Chile, têm desaparecido por uma razão ou outra e os acontecimentos e características culturais que uma vez distinguiram um grupo de outro estão em vias de desaparecimento.

Quanto à povoação mapuche atual, os pesquisadores, instituições governamentais e privadas acreditam que sua composição cultural e étnica vá sofrer mudanças inevitáveis a longo prazo e que a sociedade mapuche vá mudar.

A interação com a cultura da Europa ocidental, fora do ambiente mapuche, gerou um bilingüismo mapudungun-castelhano de adultos, jovens e crianças. Os velhos vivem no interior das "reduções" e ainda são monolíngües. Os mapuches bilingües adquirem o espanhol e em geral o falam em circunstâncias de contato com interferências do *mapudungun*. E este efeito permite falar de pessoas com sotaque mapuche na pronúncia ou aquelas que falam "espanhol-mapuchizado", uma espécie de socioleto do espanhol, caracterizado por morfemas hispânicos com traços fonológicos, morfossintáticos e de conteúdo semântico mapuches.

Em suma, os mapuches foram ocidentalizados e obrigados a viver em pequenos espaços de terra outorgados pelo título de Merced de Terras (Salas 1987). Ali foram abandonados e, até agora seguiram dois caminhos: (1) conservaram de sua cultura o que valorizaram e que lhes foi possível manter e (2) simultaneamente se incorporaram à vida nacional (Durán e Ramos:1986 e 1987). Em outras palavras, até agora, eles estiveram à margem da vida chilena global, porque não se integraram na cultura hispânica majoritária.

2.0 PRIMEIROS ESTUDOS DO MAPUDUNGUN

De 1606 e 1916 publicaram-se as primeiras obras escritas do *mapudungun* de autoria de um missionário espanhol e um bávaro. De forma geral, estes autores elaboraram as primeiras descrições gramaticais, juntamente com dicionários, textos escritos e catecismos católicos, como o propósito central de utilizá-los na evangelização das tribos indígenas, fato similar ao que aconteceu em outros países da América Latina na mesma época.

Ao final do século XIX e início do XX publicaram-se os primeiros artigos sobre o mapuche, realizados por um lingüista profissional, Rodolfo Lenz. A obra de Lenz incluía trabalhos descritivos, uma importante compilação de textos, observações e reflexões quanto à fonética desta língua. Em resumo, seus trabalhos eram de caráter essencialmente lingüístico-descritivo.

O interesse por esta classe de estudos durou várias décadas e caiu no esquecimento dos lingüistas a partir de 1964 quando surgiu um novo impulso por conhecer o *mapudungun*, interesse que é mantido até hoje.

2.1 Os missionários: primeiros trabalhos (s. XVII-XVIII)

As primeiras obras gramaticais sobre o mapuche, ou araucano, ou *mapudungun*, foram preparadas por padres católicos. Em 1606 editou-se *Arte y Gramática general de la lengua que corre en todo el Reyno de Chile* do jesuíta espanhol Luis de Valdivia e, quase dez anos mais tarde, em 1777, publicou-se em Westfalia *Chilidúgú sive Tractatus Linguae Chilensis* do jesuíta alemão Bernardo Havestadt.

A expulsão dos missionários jesuítas em 1767 fez com que a etapa inicial dos estudos mapuches fosse interrompida.

Observe-se que estas obras gramaticais foram elaboradas com um enfoque latino-escolástico e, ainda, mantêm um inegável valor histórico-documental, constituindo-se nos únicos testemunhos da língua mapuche falada durante a Conquista e Colonização do país. Segundo Salas (1980: 23) as seguintes palavras de P. Luis de Valdivia demonstram como se iniciou o estudo sobre o mapuche:

"...algunos de los ratos que me sobraban me ocupé en hacer un Arte ó Gramática y un Vocabulario en la lengua dellos [de los

"indios naturales" del Reino de Chile] por donde pudiesen los ministros del Evangelio aprenderla..."

Pode-se observar que todas as gramáticas desta época estão complementadas com versões em mapuche da Doutrina Cristã.

No Chile, a primeira crítica registrada sobre este enfoque pertence ao início do século XIX e seu autor foi Rodolfo Lenz. Ele disse o seguinte (1944: 16):

"...la mayor parte de las lenguas americanas a principios de nuestro siglo solo eran conocidas por textos debidos al celo religioso de los misioneros españoles (particularmente jesuitas, entre los años 1550-1767), es decir por traducciones del castellano al idioma indígena, que no reflejaban al lenguaje natural de los indios; los tratados gramaticales de los mismos autores se atenían forzosamente al molde de la gramática latina, y por consiguiente, falsificaban el sistema gramatical de los naturales"

2.2 Os capuchinhos bávaros e seu conhecimento do mapuche

A partir de 1895 iniciou-se a catequização de La Araucanía. Os recém-chegados, capuchinhos da Província de Baviera, programaram seu processo evangelizador em *mapudungun*, aprenderam a língua e, deste modo, ajudaram a seus irmãos.

Poucos anos mais tarde, o padre Félix José Kathan de Augusta editou, na cidade de Valdivia, a *Gramática Araucana* (1903). Este livro caracteriza-se por apresentar grandes acertos na morfologia (definição de morfemas, de significado, classes posicionais de sufixos verbais, etc.) mais que na sintaxe. O material aparece ordenado em lições e em cada uma o autor desenvolve um problema gramatical, seguindo-se um esquema didático que poderíamos chamar de apresentação-exemplificação-exercício. Na última parte inclui-se um dicionário breve araucano-espanhol e espanhol-araucano e alguns fragmentos de leitura.

Mais tarde, Augusta apresenta uma extensa coleção de textos mapuches autênticos e de grande importância etnográfica sob o nome *Lecturas Araucanas* (Augusta 1910).

Seis anos depois, apareceram os dois volumes do *Diccionario Araucano-Español, Español-Araucano* (Augusta 1916). De acordo com os critérios da época, estima-se que Augusta tenha usado técnicas lexicográficas bastante modernas, além de ter reunido uma grande quantidade de material. Cada página contém de vinte a trinta palavras (entradas) e cada palavra corresponde a um morfema de base (raízes ou palavras) ou afixos. Os morfemas de base vêm seguidos com explicações sobre flexões e/ou derivação. O dicionário inclui, também, formas derivadas e compostas e classifica gramaticalmente cada palavra (entrada) e exemplos utilizados. Todo o material aparece ordenado alfabeticamente. Há, pois, uma grande preocupação em explicar e definir cada um dos aspectos considerados e fazer as devidas referências à *Gramática Araucana* ou às *Lecturas Araucanas*. Até hoje é o melhor e maior dicionário escrito sobre a língua mapuche.

Augusta, com as três obras, contribuiu com a melhor e mais exata descrição do mapuche contemporâneo: a gramática, o dicionário e a compilação de textos.

Na última etapa de sua vida, dedicou-se aos estudos de antroponímia araucana, música mapuche e história cristã. No ano de 1907 editou *Cómo se llaman los araucanos?* (Augusta 1907) e, cinco anos mais tarde, *Zehn Araukaner Lieder* (Augusta 1911).

O pensamento de Augusta reflete-se nas obras escritas depois de sua morte. Seu discípulo, o padre Ernesto Wilhelm de Moesbach, continuou seus passos e levou em conta suas idéias. Em poucos anos, adquiriu domínio sobre a língua mapuche e escreveu vários trabalhos interessantes, como *Vida y costumbre de los indígenas araucanos en la segunda mitad del siglo XIX* (Moesbach 1930), *Los huilliches a través de sus apellidos*, texto de orientação antroponímica, escrito com a colaboração de Walter Meyer Rusca (Moesbach 1953) e *Idioma Mapuche* (Moesbach 1962).

O último texto é considerado, ainda, a gramática mais completa sobre esta língua, apesar de ter sido escrito numa época em que o desenvolvimento da lingüística descritiva havia superado o enfoque das gramáticas latino-escolásticas.

As idéias de Augusta também estão presentes nos trabalhos do padre Sebastian Englert de Dillingen, especialmente no artigo "Lengua y literatura araucana" (Englert 1936). Nele, o autor trata a contribuição dos missionários ao conhecimento do mapuche e sua preocupação pela origem, parentesco, características gramaticais desta língua e a importância da literatura oral.

2.3 Rodolfo Lenz e o estudo contemporâneo do mapuche

O estudo científico da língua mapuche iniciou-se no final do século passado com a chegada ao país do lingüista alemão Rodolfo Lenz. Durante o verão, ele viajou ao sul do Chile, à Região de La Araucanía, e nessa área reuniu um conjunto de matérias que mais tarde aproveitaria para fazer uma gramática descritiva quase completa desta língua. Infelizmente, esta gramática nunca foi escrita. Os textos recompilados foram editados nos *Anales de la Universidad de Chile*, de 1895 a 1897, sob o título "*Estudios Araucanos*". São doze "*Estudios*" sobre relatos, diálogos, fragmentos descritivos, canções, relatos históricos, autobiografias e contos tradicionais. Trata-se de um documento extenso, completo e variado do mapuche falado na época da "pacificação" e do começo da radicação deste povo em "reduções".

Através dos textos, Lenz obteve uma visão da estrutura morfossintática da língua. Suas observações apareceram espalhadas em diferentes edições, como *Introducción a los Estudios Araucanos* (Lenz 1896) ou *La Oración y sus Partes* (Lenz 1920).

Pode-se dizer, ainda, que o estudo analítico dos textos compilados permitiu-lhe reconhecer diferenças fonéticas e lexicais importantes nesta língua e fazer alguns comentários e sugestões sobre variações dialetais. Desse modo, reconheceu apenas quatro dialetos: o *picunche*, o *huilliche*, o *pehuenche* e o *moluche*.

Finalmente, é preciso comentar outros três pontos sobre a obra geral de Lenz realizada no Chile: (1) ele foi o primeiro lingüista profissional que chegou ao Chile e estudou uma língua indígena, devendo adaptar sua própria preparação teórica de romanista a esta nova situação; (2) adiantou-se à época, no sentido de ter inventado o trabalho de campo com informante nativo, as técnicas de elicitación, a análise de textos e de ter proposto alguns mecanismos para a descoberta de estruturas gramaticais; (3) e levou a língua mapuche do convento dos missionários à cátedra universitária, outorgando-lhe valor de tema acadêmico.

2.4 Estudos atuais: a fonologia

Depois da morte de Lenz (1938), os estudos sobre a língua mapuche caíram no esquecimento.

Recentemente, em 1964, Max Echeverría editou o artigo "Descripción fonológica del mapuche actual" (Echeverría 1964). O autor baseia suas observações fonêmicas na metodologia de K. Pike e descreve os fonemas de uma variedade do mapuche falada na área centro-sul de La Araucanía. Sua análise supera as descrições propostas anteriormente.

Em 1959, o linguísta Jorge Suárez escreveu uma interpretação fonêmica dos textos mapuches pehuenches, do lado da Cordilheira dos Andes, compilados em transcrição fonética por Lenz nos "Estudios Araucanos" (Suárez 1959).

Um ano depois, Echeverría apresentou uma nova descrição fonológica do mapuche, agora escrita em inglês, em co-autoria com Heles Contreras. A nova versão foi chamada de "Araucanian Phonemics" e é idêntica à primeira.

Mais tarde, em 1969, Adalberto Salas iniciou o estudo da fonologia e da morfologia do verbo mapuche. Salas também usou a metodologia de Pike e chegou aos mesmos resultados de seus antecessores.

Na década seguinte, Mary Richie Key complementou o conhecimento fonológico do dialeto centro-sul e detectou vários casos de flutuação interfonêmica: /l/ ~ /ʎ/, /ɣ/ ~ /t/, /ŋ/ ~ /n/ e em vogais /i/ ~ /ī/, /u/ ~ /o/, etc. Chamam-lhe a atenção alguns casos associados a conotações emocionais, como /s/ ~ /θ/ e /s/ ~ /č/. A respeito deste último ponto, ela propõe algumas sugestões interessantes que se deveriam considerar nas pesquisas futuras, como por exemplo, o lugar dos sons na palavra, incidência do bilingüismo mapuche-espanhol, a faixa etária dos falantes, etc. (Richie Key 1976).

Em 1980, Robert Croese, estudando a realidade dialetal do mapuche, distinguiu fonemas estáveis e fonemas instáveis, os quais se caracterizavam por estar afeitos às variações regionais.

Quanto ao tema anterior, também se preocuparam pelo estudo da fonologia do pehuenche, variedade desta língua, as pesquisadoras argentinas Perla Golbert (1975), Ana Fernández e Lucía Gollucio (1978); e o chileno Gastón Sepúlveda (1976).

Recentemente, Daniel Lagos tem continuado a linha de pesquisa na área centro-sul de La Araucanía e os resultados têm sido muito semelhantes aos de seus colegas (Lagos 1984).

Na opinião dos especialistas, ainda será necessário voltar ao estudo da fonologia desta língua. Falta conhecer, por exemplo, outros antecedentes sobre a flutuação dos fonemas, o comportamento dos supra-segmentos, o funcionamento do

acento, os estudos de frequência, de fatores dialetológicos e sociolinguísticos nas realizações alofônicas, etc.

2.5 Estudos atuais: a morfossintaxe

O texto obrigatório para todas as pessoas que desejam iniciar estudos na morfologia do *mapudungun* é a *Gramática Araucana* de Félix José de Augusta.

Suas anotações sobre o verbo e os sufixos, surgidas da observação direta da língua, são consideradas até hoje pelos especialistas como uma apresentação eficaz e exaustiva e são, ao mesmo tempo, matérias de consulta obrigatória. Embora seu trabalho tenha pouca informação acerca de quando e onde usar os sufixos na língua falada, ele não perde a atualidade.

Numa das seções dedicadas à apresentação e descrição dos afixos, o próprio Augusta escreve:

"Muy frecuentemente se halla interpuesta en los verbos alguna de las partículas antedichas, las cuales añaden al significado del verbo alguna circunstancia de movimiento, lugar, dirección, etc. que muchas veces no tiene equivalencia en el idioma castellano..." (Augusta 1903:95)

A ordem que atribuiu às "*partículas intercalares*" aparece registrada nas diferentes lições que dão vida à sua obra. Descreve e exemplifica as partículas de plural (*pu-*, *-ke*); as de duração do verbo (*ke*, *le*, *lewe*); as interrogativas (*kai*, *cam*, *am*, *pe*); as reiterativas (*tu*); continuativa (*ka*); de movimento (*me*, *pa*, *pu*, *metu*, *patu*, *putu*); aumentativas (*yeküpa*); etc. As partículas mais analisadas por Augusta são as de transição. E a estrutura típica de uma forma verbal transitiva, diz, (Augusta 1903: XVI-XX) é:

raiz-transição-terminação

Como já foi dito, o nome de Salas surgiu ao final da década de sessenta e, na verdade, tem sido considerado o pioneiro dos trabalhos linguísticos modernos sobre o *mapudungun*. Só pelos anos setenta ele escreve quinze artigos especializados, relativos à fonologia, características do paradigma verbal, problemas específicos da morfologia, e apresenta uma coletânea de textos.

Juntamente a sua valiosa contribuição para o conhecimento desta língua, formou jovens pesquisadores na área que começam a desenvolver pesquisas e produzir trabalhos descritivos de importância.

Voltando ao tema do verbo mapuche que, segundo os especialistas, é a parte mais complexa, a atenção concentrou-se, preferencialmente, no estudo das estruturas internas e do funcionamento externo. As propostas dos gramáticos antigos até as mais recentes concordam em considerar o paradigma verbal integrado por: (1) formas finitas (ou pessoais) e não-finitas (ou não-pessoais) que diferem entre si; (2) uma conjugação estrutural e funcionalmente finita com três modos (indicativo, subjuntivo e imperativo); (3) três pessoas (1a, 2a, 3a); e (4) três números (singular, dual, plural).

De acordo com a opinião de Salas (1971, 1974 e 1978) as estruturas das formas finitas (chamadas também formas "mínimas") apresentam:

raiz - terminação

modo - pessoa focal - número de pessoa focal

e entre a raiz e a terminação intercalam-se numa ordem fixa partículas que expressam transição, tempo, negação, reiteração, duração, direção, movimento, etc. Neste caso, o esquema seria:

raiz - partículas intercalares - terminação

corresponderiam às formas chamadas "expandidas", porque podem conter um ou mais sufixos opcionais e estes seriam os que modificariam o significado do verbo:

kupan-n vim

As formas verbais finitas, então, aparecem organizadas em paradigmas ao estilo da gramática latina e cada uma contém nove formas:

singular	dual	plural
1a	1a	1a
2a	2a	2a
3a	3a	3a

Aparecem tanto paradigmas quanto tempos e é possível reconhecer cada modo (real ou indicativo, hipotético ou subjuntivo, e volitivo ou imperativo-optativo), cada um podendo ser afirmativo ou negativo (Salas 1992: 107-159).

Quanto à forma verbal não-finita ou pessoal, esta apresenta um conjunto de oito formas verbais, mais ou menos, semelhantes ao modo infinitivo dos verbos do espanhol (infinitivo, gerúndio e participio) e através das quais podem se expressar relações de subordinação. As diferentes classes de formas não-finitas caracterizam-se, além disso, por levarem terminações próprias, por exemplo, o infinitivo *-n*, o participio *-lu* ou *-el*, o gerúndio *-yüm*.

Em síntese, pode-se dizer que as formas verbais não-finitas apresentam uma flexão verbal opcional muito parecida às formas verbais finitas. Elas também aceitam os três sufixos de tempo (*-fu*, *-a*, *-afu*) e negam-se por meio do sufixo *-no*, embora a presença de outros sufixos adverbiais seja mais restrita que nas formas verbais finitas (Salas 1992: 163).

Em geral, as formas verbais não-finitas têm sido pouco estudadas. Infelizmente, só podemos dar a conhecer nesta oportunidade um artigo de Gastón Sepúlveda (1978: 161-166) que é citado como a primeira tentativa de descrição destas formas a partir da sintaxe mapuche, e os dois trabalhos de Emilio Rivano (1987, 1988), nos quais o autor estuda as normas que regulam a co-referência entre os sufixos pessoais do verbo *-pessoa focal* ou *axial* e *pessoa satélite* e as frases substantivas da cláusula. Rivano também dá importância às contruções transitivas formadas com as partículas *fi* e *"e...eo"*.

Pode-se concluir que as pesquisas mais completas sobre a flexão verbal do mapuche pertencem a Salas e foram desenvolvidas a partir de 1974. Ele sustenta que ela é opcional e manifesta-se através da pessoa satélite, pelo tempo, por advérbios e por "inderezantes" (Salas 1974: 49-88; 1974a: 117-135; 1978: 174-178; 1984: 17-18; 1992: 107-148).

Outros temas de interesse desenvolvidos paralelamente por este autor, são: (1) o estudo das formas negativas e o mecanismo de construção destas proposições; (2) a descrição do sistema decimal, o qual não aparece junto ao verbo nem ao substantivo, mas se encontra ao nível da frase nominal; (3) o uso do pluralizador geral, que em mapuche ocorre também ao nível da frase nominal, mas somente categorizando seres animados; (4) a expressão optativa de número no verbo, fora da palavra, e ao nível da frase verbal.

Nos últimos anos têm sido estudados com mais profundidade o uso e a função de algumas partículas, especialmente aquelas que aparecem no discurso mapuche: *nga*, *ngati*, *tati*, *am* (Sepúlveda 1979). Augusta (1903: LVIII) tinha a impressão que elas serviam para:

"...hermosear el discurso [...] dar descanso a la voz [...] reforzar locuciones cortas [...] estas partículas no son necesarias y su uso está sometido a leyes de armonía y de elegancia que escapan a la inteligencia de los extranjeros".

Mais tarde, Sepúlveda analisa o uso das partículas nos diálogos e propõe que, *naga*, *ngati* têm mais caráter de partículas confirmativas, porque ajudam a conferir uma proposição. Afirma, também, que algumas vezes estas até podiam alternar com outras partículas confirmativas, como seria o caso de *mai* e *ka*.

Entretanto, há outras, tradicionalmente consideradas livres que ele definiu como independentes:

- ta como marca de modo declarativo (eu te digo que...)
- nga como marca de foco ou *relieve*
- anay indicaria trato carinhoso ou familiar entre falante e ouvinte
- kay (não aparece definida)

Finalmente, o autor menciona alguns sufixos verbais ou morfemas que sufixam verbos, mas não procura maiores explicações. Por exemplo, o caso de *-nge*; *-rke*; *-lle/lle*.

Um enfoque diferente sobre a questão morfológica foi apresentado mais tarde pela professora mapuche María Catrileo, em 1985, seguindo o modelo proposto por Pottier. No trabalho "Concepto y forma de la cuantificación en *mapudungun*", ela analisou os diferentes marcadores desta língua que definem a extensão de um substantivo, verbo ou adjetivo.

De acordo com os resultados obtidos, ela demonstra que estes marcadores de extensão semântica operariam ao nível do lexema, palavra e sintagma, e os diversos graus e níveis gramaticais dependeriam tanto dos contextos lingüístico e geográfico, quanto da própria cosmovisão mapuche (Catrileo 1985: 179-187).

Além da bibliografia comentada neste ponto, desejamos apresentar, finalmente, a contribuição de Bryan Harmelink surgida nestes últimos anos. Ele aprendeu a falar a língua e preocupou-se em analisá-la. Segundo Salas (1992: 207-208), os temas estudados e os artigos editados demonstram uma direção teórica correta, sobretudo a análise do significado das respectivas formas, considerando os contextos sintáticos em que estas ocorrem. O autor se preocupa em discutir mais profundamente, por exemplo, (1) o comportamento funcional dos morfemas *-ael* e *-am* (1986); (2) a negação (1987a); (3) a incorporação nominal (1987b); (4) o uso e as funções de *mew* (1987c); (5) a expressão de distinção temporal (1988); (6) processos de derivação (1989); e, mais recentemente, o falante como ponto de referência no espaço (verbos de movimento e sufixos direcionais) (1990).

2.6 *Divisão dialetal*

Quando os espanhóis chegaram à área dominada pelos indígenas, a língua mapuche era falada em todo o território compreendido entre Coquimbo e Chiloé e também no lado oriental da Cordilheira dos Andes (paralelos 30° a 42° de latitude sul). O extenso domínio geográfico dos mapuches, chamou-lhes muito a atenção a partir do descobrimento. O padre Luis de Valdivia, por exemplo, chegou a escrever:

"[...en todo el Reino de Chile no ay mas de esta lengua que corre desde la Ciudad de Coquimbo y sus terminos, hasta las yslas de Chilue y mas adelante, por espacio de casi quatrocientas leguas de Norte a Sur que es la longitud del Reyno de Chile, y desde el pie de la Cordillera grande neuada, hasta la mar, que es el ancho de aquel reyno, por espacio de veynte leguas: perque aunque en diuersas prouincias destes Indios ay algunos vocablos diferentes, pero no son todos los nombres verbos y aduerbios, y assi los preceptos y reglas deste Arte son generales para todas las Prouincias" (Valdivia 1606, *Al Lector*)

Quase 300 anos depois, Rodolfo Lenz considerou o conceito técnico de "dialeto" para caracterizar as diferenças desta língua no espaço geográfico e concluiu que:

"...las diferencias dialécticas dentro del gran territorio ocupado por la raza araucana son insignificantes". (Lenz 1895-1897: XXII)

Através dos textos orais também esperava conhecer a organização social e alguns aspectos psicológicos do povo mapuche.

Sua proposta, baseia-se, fundamentalmente, nas observações dos textos mapuches coletados entre o rio Bío-Bío e a província de Osorno (paralelos 37° a 41° de latitude sul).

Lenz foi o primeiro pesquisador que propôs uma divisão dialetal do mapudungun. Ele reuniu pessoalmente uma extensa coletânea de textos mapuches e, depois de estudar algumas diferenças entre os textos do norte (rio Bío-Bío) e os do Sul, Província de Osorno (paralelos 30° a 41° de latitude sul), baseados no vocabulário e na pronúncia, ou seja, diferenças fonéticas e lexicais que demonstravam variações regionais, chamou dialeto *picunto* ou *picunche*, à língua dos textos do lado norte, cuja característica fonética era o uso freqüente das fricativas sonoras, e *huilliche*, à língua dos textos do Sul, a qual usava mais as fricativas surdas (Lenz 1895-1897: 67-113; 31-66). Mais tarde, a partir de 1896, reconheceu outros dois dialetos: o *pehuenche chileno*, falado na área andina e o *moluche* ou *gnoluche*, falado na área central de La Araucanía (Ibid., 127-309; 381- 418). A característica principal apresentada por eles era o uso alternativo de sonoras e surdas.

O grau de diferenciação mostrou-lhe que, em geral, os dialetos eram pouco diferenciados entre si. Entre o *pehuenche chileno* e o *moluche* as diferenças eram mínimas, maiores entre o *pehuenche-moluche* e *picunche* e, apreciáveis, entre *pehuenche-moluche* e *huilliche*.

Em seguida, Lenz fez criteriosas observações sobre a unidade interna que apresenta o mapuche a respeito de outras línguas indígenas vizinhas:

"...el araucano no tiene ninguna relación directa de parentesco ni con los quechuas y aymaras, ni con los guaraníes, lules y abipones, ni con los huarpes, tehuelches, ni con las tribus fueguinas, es decir, con ninguno de sus vecinos. Se distingue de todos ellos, tanto por las raíces de las palabras como por toda la construcción gramatical..."

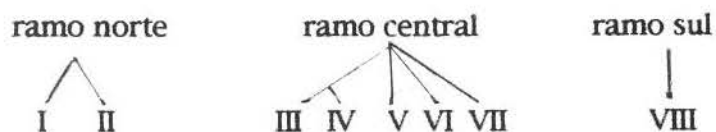
Através de seus minuciosos estudos diatópicos e diastráticos Lenz pôde afirmar que as características fonéticas do espanhol vulgar do Chile, especialmente Santiago do Chile (assibilação de rr, tr, dr, aspiração do s, alveolarização de d, t, n, em contato com r anterior; bilabialização do f) eram:

"...principalmente español con sonidos araucanos" (Lenz 1940: 249),

tese que mais tarde foi fortemente rebatida por Amado Alonso, utilizando como argumento central os aspectos dialectológicos e histórico-demográficos (Alonso 1967).

Os estudos atuais de lingüística têm superado as idéias propostas por Lenz. No entanto, a obra *Estudios Araucanos* é considerada até agora o melhor, mais completo e variado documento da língua mapuche falada no começo da época da "pacificação", no momento do estabelecimento deste povo indígena em "reducciones".

Em 1980, Robert Croese iniciou uma pesquisa de campo de cunho dialetológico, certamente influenciado pelas experiências e idéias ainda presentes de Lenz. Neste projeto, Croese propôs-se (1) determinar as diferenças dialetais do *mapudungun*, (2) reconhecer as fronteiras dialetais e (3) estabelecer o grau de compreensão interdialetoal (1980: 7-29). Nas conclusões do trabalho, Croese distinguiu três zonas ou "ramas" (norte, central, sul) e oito subgrupos (um no ramo norte, cinco no ramo central e dois no ramo sul). Segundo Salas, (1980: 38) a divisão dos grupos foi estabelecida, provavelmente, de acordo com os critérios de dispersão/condensação na realização dos fonemas instáveis que se caracterizam por estar afetos às variações regionais.



As zonas reconhecidas por Croese confirmam a divisão de Lenz:

Lenz	Croese
<i>picunche</i>	<i>ramo norte</i>
<i>moluche-pehuenche</i>	<i>ramaocentral</i>
<i>huilliche</i>	<i>ramo sul</i>

Para Lenz, existiria unidade lingüística entre o *picunche* e *moluche-pehuenche* em oposição ao *huilliche*, e, para Croese, o grupo VIII (*huilliche*) seria menos inteligível em comparação com os outros sete grupos.

Atualmente, a povoação mapuche corresponde ao grupo *moluche* de Lenz. Os grupos *picunche* (do lado norte) e *pehuenche* (do lado andino) são definitivamente minoritários (Salas 1992: 61). O *huilliche* (do lado sul) de acordo com a compreensão entre os dialetos, é o único realmente mais isolado. Hoje, este dialeto é falado só por alguns anciãos, especialmente na família, entre os amigos, nas cerimônias ou nos rituais (Salas 1989: 311).

Resumindo, a unidade da língua mapuche é sentida por seus próprios falantes e isto se refletia através do nome vernáculo que eles usam, *mapudungu* ou *mapudungun*, com exceção do grupo sul, cuja variante geográfico-lingüística seria a mais importante. De qualquer modo, antes de encerrar o ponto, desejamos lembrar a seguinte reflexão do professor Salas (1992: 62):

"...la lengua mapuche es una sola y la misma a través de toda su existencia territorial, con un pequeño rango de variación externa vinculada a la localización geográfica de los distintos grupos". (Ver mapa N° 4)

2.7 A variação sociolingüística

A partir das poucas idéias conhecidas sobre variação sociolingüística ou estratificação social interna do *mapudungun*, poderíamos dizer que sua característica principal é a uniformidade lingüística. Um mesmo grupo de pessoas, ou comunidade local, formada por homens e mulheres, crianças, jovens, adultos e idosos não oferece diferenças significativas na sua fala.

Por enquanto, a maior diferenciação lingüística num mesmo grupo, deve-se a fatores situacionais (fala demorada/fala rápida; fala deliberada/fala casual) e a fatores de estilo (fala afetiva/fala neutra; conversação/oratória).

Uma primeira tentativa será constatar no futuro os graus de divergência na fala da conversação, especialmente, nos discursos especializados como é o caso do canto, das narrações tradicionais históricas, das "rogativas", das verbalizações sagradas ou litúrgicas.

Por último, o fator social mais relevante e de maior incidência na variação lingüística está relacionado com a situação do bilingüismo que, atualmente, vive a sociedade mapuche. O predomínio do espanhol, com caráter de "fator condicionador", provoca dia-a-dia alterações significativas na competência comunicativa dos falantes de *mapudungun*, mais na fase ativa (produção) que na fase passiva (compreensão) (Salas 1992: 63-64).

Neste esquema de variação, a situação mais relevante corresponde ao fato de as pessoas e famílias se mudarem para as grandes cidades e se integrarem a outro meio social, devido a razões de trabalho, à pobreza da terra, à escassez de alimentos, etc. Nestas circunstâncias, a língua mapuche sofre novas mudanças lingüísticas e o bilingüismo aumenta o processo sincrônico de variação (Hernández e Ramos 1978: 141-149 e 1983: 35-44).

2.8 Bilingüismo histórico: estudos contrastivos (espanhol-mapuche)

Passemos agora a considerar algumas questões interessantes sobre bilingüismo, especialmente os contrastes fonológicos ou lexicais observados nestas línguas. Neste ponto, tivemos como referência os textos de Sepúlveda (1982; 1985).

Afim de entender a pronúncia e a forma de inúmeros topônimos mapuche-espanhóis, e fundamentar sua motivação e significado, apresentaremos nas próximas linhas uma análise contrastiva parcial de ambos os sistemas que permita explicar as semelhanças ou influências mútuas.

1. As representações gráficas estabelecidas para os fonemas do *mapudungun* e as considerações técnicas relacionadas com a proposta do *Alfabeto mapuche unificado* (AMU), surgiram no Primeiro Encontro da Comissão de Lingüística Mapuche, sob o patrocínio da Sociedade Chilena de Lingüística (1986: 4 e 1988: 21-24).

O AMU proposto foi o seguinte:

a	ch	d	e	f	g	i	k	l	l̄
ll	m	n	<u>n</u>	ñ	ng	o	p	r	s
t	<u>t</u>	tr	u	ü	w	y			

Os fonemas são:

- (1) seis vogais: /i/, /e/, /a/, /o/, /u/, /i/
- (2) três semi-consoantes: /j/, /ɣ/, /w/
- (3) 21 consoantes: /p/, /ɣ/, /t/, /k/, /tʃ/, /tr/, /f/, /θ/, /s/, /r/, /m/, /n/, /ɲ/, /ɲ/, /l/, /l/

2. Algumas observações de caráter fonológico: observe-se que o falante mapuche que fala espanhol, normalmente fecha em um grau as vogais:

Esp.: /señora/ > Map.: /chiñura/ 'senhora'
 /manso/ > /mansu/ 'pacífico'

3. O sistema de espanhol tem oclusivas surdas e sonoras, no entanto, o *mapudungun* só possui oclusivas surdas (/p/, /ɣ/, /t/, /k/), de modo que, quando um falante mapuche se comunica em espanhol, é possível escutar várias alterações, tais como:

Esp. /b/ > Map. /f/ /bela/ > /fela/ 'vela'
 > " /w/ /baka/ > /waka/ 'vaca'
 > " /p/ /batea/ > /patea/ 'bateia'
 Esp. /d/ > " /t/ /duraño/ > /turanu/ 'pêssego'

Os sufixos *-ado* e *-ido* do espanhol, freqüentemente são omitidos em mapuche:

Esp. /demasiado/ > Map. /masiao/ 'demasiado'
 /frasada/ > " /fresá/ 'cobertor'

Esp. /g/ > Map. /k/ > /gato/ > /katu/ 'gato'
 > /galope/ > /kalopi/ 'galope'

Em geral, as oclusivas surdas são parecidas. Surgem algumas dificuldades quando os falantes de espanhol tentam falar mapuche. Normalmente, eles não percebem bem a diferença entre /ɣ/ interdental e /t/ alveolar e o interlocutor tem que fazer um esforço para entender a mensagem.

4. As fricativas sonoras e surdas também têm poucas variações:

Espanhol		Mapuche		
/w/:	/weso/	'osso'	/w/: /wapi/	'ilha'
	/pausa/	'pausa'	/awka/	'égua'
/s/:	/sapo/	'sapo'	/s/: /sinura/	'cenoura'
	/laso/	'laço'	/kamisa/	'camisa'
/y/:	/yerno	'genro'	/y~k/: /yu/	'nariz'
	/peyne	'pente'	/eymi/	'tu, você'

Freqüentemente, os mapuches usam mais /k/ lateral nos empréstimos do espanhol ao *mapudungun*:

Espanhol		Mapuche		
Manta de castilla	/katiça macuñ/	'manta'		
Trigo	/kachiça/	'trigo'		
Caballero	/kafaçeru wentru/	'cavalheiro'		
/x/:	/xefe/	>	/k/: /kefe/	'chefe'
	/tixeras/	>	/tikerás/	'tesoura'
	/sarxento/	>	/sarkentu/	'sargento'
	/axo/	>	/ako/	'alho'

5. As séries de fonemas africados e nasais nestas línguas são muito próximas e a pessoa que deseje aprender mapuche deve conhecer, especialmente, as diferenças das nasais e seu valor diacrítico.

6. O fonema lateral /l/ do espanhol tem duas possibilidades de realização em *mapudungun* como /l/ ou /l̥/ e, portanto, para comunicar-se com certo êxito nesta língua devemos atender a suas diferenças principais.

7. As vibrantes /r/ alveolar do espanhol e /r/ retroflexa do *mapudungun* são diferentes. Por isso, se um mapuche comunica-se em espanhol, não é difícil descobrir sua fala. Ele vai continuar usando a única vibrante que conhece:

Espanhol		Mapuche	
/θoro/	>	/soro/	'raposa'
/rosa/	>	/rosa/	'rosa'

8. Segundo Alonqueo (1989: 21-54), as relações das palavras nas frases e nas orações da língua mapuche têm um desempenho próprio e específico, com diferenças bem marcadas, com relação ao espanhol. Nos exemplos seguintes,

inche ñi pichi ruka	weda pichi wentru
minha pequena casa	ruim pequeno homem
'minha casa pequena'	'criança ruim'

observamos que o lugar do adjetivo (pichi) antecede ao substantivo e, além disso, ele é fixo. O exemplo seguinte,

inche ñi tūfachi epu fütake mansun
meus estes dois grandes boi
'meus grandes boi'

permite comprovar que toda a modificação da frase estende-se até o lado esquerdo, ou seja, seria:

possessivo+demonstrativo+numeral+adjetivo+substantivo

No entanto o espanhol ordena: 'estes dois boi grandes meus'.

Embora, estas línguas tenham flexibilidade na ordem das palavras, seus falantes preferem usar com maior frequência mais umas estruturas que outras. Pelo menos, isso é possível em *mapudungun* e as duas ordens típicas seriam:

ngürü ngatuy domo	Kuan alün epew kūmi
raposa mordeu mulher	João muitos narração sabe
'a raposa mordeu à mulher'	'João sabe muitas narrações'

Estas expressões demonstram, então, que a disposição dos elementos distribui-se nos seguintes sentidos:

sujeito+verbo+complemento direto
 sujeito+complemento direto+verbo

entretanto, o espanhol é sempre:

sujeito+verbo+complemento direto

à exceção dos usos estilísticos (hipérbato, metáforas).

9. No espanhol, os elementos da oração devem concordar em gênero, número e pessoa. Assim, podemos distinguir duas classes de concordância: (1) a

concordância dos modificadores (artigo, adjetivo) com o substantivo e (2) aquela do verbo com o sujeito (substantivo, pronome).

Voltando a análise comparativa deste ponto, pode-se dizer que nas duas línguas o verbo concorda com seu sujeito em número e pessoa:

Kuan (3a. sg)	ülkanty(3a. sg)	inche (1a. sg)	akun (1a. sg)
João	canta	eu	cheguei
'João canta'		'eu cheguei'	

Quanto à categoria gramatical de número, observa-se no *mapudungun* uma diferença significativa. O espanhol apresenta só número singular e plural, mas o mapuche tem uma terceira categoria que é dual. Então, a concordância com o verbo e sujeito nesta língua é realizada através do singular(um), dual (dois) e plural (três ou mais). Além disso, a distinção de número também é válida para os substantivos. O singular não precisa de uma distinção especial, é possível distingui-lo por meio dos elementos *e pu* (dual) e *pu* (plural) sempre antepostos aos substantivos:

inche ñi trewa wangküy
 meu cachorro late
 'meu cachorro late'

inche ñi epu trewa wangküingu
 meu dois cachorro latem
 'meus (dois) cachorros latem'

inche ñi pu trewa wangküingün
 meu plural cachorro latem
 'meus cachorros latem'

Os grandes problemas que tem o mapuche-falante quando se comunica em espanhol é estabelecer bem a concordância do modificador com o substantivo.

Outro aspecto interessante que apresenta esta língua indígena é a falta de inflexão de gênero, seja no substantivo ou seja no adjetivo. Neste caso, o mecanismo consiste em usar um substantivo com gênero inerente. Por exemplo, *trewa* 'cachorro' não tem gênero, para determiná-lo antepõe-se a ele *alka* 'macho' ou *domo* 'fêmea': *alka trewa* ou *domo trewa*.

Da mesma forma, o uso do artigo em espanhol é obrigatório na frase nominal e esta situação provoca muitas confusões para o falante mapuche e é até difícil para ele encontrar a concordância adequada. Sem a inflexão genérica no nome e sem artigos, escutamos algumas expressões como as seguintes:

- * cachorro muito bravo este
- * está doente vaca
- * o criança estão brincando

Também, freqüentemente, o falante mapuche substitui o artigo pelo adjetivo demonstrativo *fey* 'esse';

fey chi waka
 esse vaca
 'esse vaca'

10. Há, ainda, outras questões importantes que concorrem neste espaço interativo bilíngüe. Por exemplo, quando um falante mapuche comunica-se em espanhol e usa o pronome pessoal *tú*, normalmente ele não marca a diferença entre *tú* (2a. singular) para tratamento informal e *usted* (2a. plural) para tratamento formal e mistura o uso destes pronomes, simplesmente porque o *mapudungun* dispõe só de uma forma pronominal para a 2a. pessoa. Há pessoas que algumas vezes vêem esta situação como uma atitude irreverente e a qualificam de maneira negativa.

Além disso, a língua mapuche não tem formas de pronome pessoal com função de complemento direto ou indireto como no caso do espanhol (*mi, me, se, le, nos*); tais funções indicam-se com um complexo sistema de sufixos no verbo que as gramáticas araucanas chamam "transiciones". Não é difícil escutar, por exemplo:

tú traje	'você o trouxe'
se pasó a él	'aconteceu com ele'
no regalaron a tú	'não te presentaram'

O *mapudungun* também dispõe de pronomes possessivos. Em espanhol estes estão determinados por um artigo, enquanto que em mapuche aparecem como uma partícula independente:

inche ñi chaw	eymi mi waka
meu pai	tua vaca

inchiu yu pu kawellu
 nosso plural cavalo
 'os cavalos nossos dois'

Outras vezes, os possessivos em mapuche aparecem determinados pela partícula *ta* 'declarativa':

inchi ta ñi chaw
 eu decla. meu pai
 'é meu pai'

11. Por último, a negação em *mapudungun* expressa-se através de um mecanismo diferente para formar orações negativas. No caso do indicativo, ele usa o sufixo *-la*; no imperativo, *-ki*; e para as formas não-finitas do verbo usa *-no* ou *nu*:

Kuan akuy
 João chegou

Kuan akulay
 João chegou-neg.

chi kakaroluchi alka
 esse que canta galo
 'esse galo que canta'

chi kakaronuluchi alka
 esse que não canta galo
 'esse galo que não canta'

A língua mapuche possui também uma partícula negativa independente *mu*, que se usa em respostas a perguntas:

allkülaymi
 não ouviu?

resposta: *mu* 'não'.

Salas, em 1978: 57-86, comparou ambos os sistemas procurando achar uma explicação para os traços sistemáticos mais notórios da pronúncia castelhana das pessoas cuja primeira língua é o mapuche. A comparação mostrou que alguns traços não pertencem às transferências, eles são o resultado da aplicação de um sistema de ensino escolar em espanhol.

3.0 MATERIAIS E MÉTODO

3.1 Objetivos e materiais

A intenção do presente trabalho é descrever e analisar os topônimos pré-hispânicos e hispânicos do sul do Chile. Ao desenvolver esta pesquisa deseja-se, ao mesmo tempo, estudar outras perspectivas de análise sobre os nomes que, de certo modo, superem a tradicional apresentação do topônimo em seus aspectos etimológicos e semânticos, ao privilegiar nesta oportunidade a motivação inicial que inspirou o criador do nome no momento em que batizou lugares, vales, rios, montes e rochas.

Para conseguir este objetivo, decidiu-se reunir um *corpus toponymicus* representativo e confiável, que não só estivesse relacionado com o aspecto quantitativo do problema -o fato de juntar muitos topônimos- mas que também enfatizasse o maior número de dados significativos sobre os quais pudéssemos alcançar uma visão de conjunto para realizar a análise sem esquecer que as fontes do passado e do presente, como a história regional, o folclore, a literatura, a arqueologia e a informação histórico-lingüística são de grande utilidade no momento de encontrar explicações para a existência de um topônimo. Na realidade, há motivos para pensar que os termos eleitos pelos primitivos povoadores para denominar a terra não podem constituir nomenclaturas fechadas que impeçam de ver o modo com que eles "apropriaram-se" do meio, nesta verdadeira "tomada de posse" da realidade.

Como já foi dito, pensa-se que o estudo de um corpus toponomástico proveniente das entrevistas com os informantes, realizadas *in situ*, permitem ao pesquisador averigüar com maior profundidade as motivações e alguns dos fenômenos descritos e, desse modo, alcançar resultados verdadeiros, fundamentalmente pela vigência e precisão dos dados proporcionados pela língua falada.

Dito isto, discute-se, ainda, o lugar peculiar que deveriam ter os nomes próprios, como é o caso dos topônimos, e quais seriam suas propriedades específicas que lhes distinguem concretamente dos nomes comuns e qual seria o "modo de significar" em relação aos diferentes referentes. Neste sentido, encontram-se na literatura vários argumentos. De forma geral, fala-se que o nome de lugar é uma classe de signo lingüístico que funciona como categoria verbal

denominada nome "próprio" ou substantivo "próprio", em oposição ao nome ou substantivo "comun".

Segundo Alcina et alii., semanticamente,

"...el nombre propio particulariza un determinado y concreto referente sin connotarlo. Tiene función denominativa".

E, os substantivos "próprios" são em si mesmos:

"...nombres sin significación propia, nacidos por la necesidad de particularizar las diferentes versiones de una misma clase, especie o género de realidad. Esto es así, independientemente de las motivaciones, que justifiquen el nacimiento del nombre propio" (1975:501-502).

O substantivo tem por função semântica "nomear", tema discutido na antiga gramática greco-latina. Assim, Donato estabelecia a oposição entre nome "próprio" e nome "apelativo" («*nomen unius hominis, appellatio moltorum*»), segundo o qual o substantivo próprio convém a um objeto (homem), enquanto que o apelativo é adequado para nomear muitos objetos (ou seres humanos) (Coseriu 1978: 261).

É preciso também lembrar aqui a opinião de outros pesquisadores que têm contribuições relevantes no tema, relativas ao espanhol e francês. Por exemplo: (1) César Hernández (1986: 432) disse que o limite entre nomes comuns e nomes próprios não é absoluto. O nome comum apresenta melhor possibilidade de flexão de gênero e de número, admite artigos e expressa maior número de conotações; contudo o nome próprio é mais individualizador, denominativo e denotativo; (2) Teresa Espinel (1989-1991: 73-74) afirma que o nome próprio ocupa um lugar peculiar nos sistemas lingüísticos e possui propriedades específicas que os distinguem das outras categorias nominais, ou seja, dos nomes comuns. Têm traços de flexão de derivação próprios e constituem uma classe de símbolo no interior das línguas naturais. Além disso, são palavras portadoras de valores culturais e etnolingüísticas importantes para o estudo dos topônimos ; (3) Angel López (1985: 40) pensa que o nome próprio apresenta características formais diferentes às do nome comum e como tal deveria compreender no espanhol uma

categoria ou subcategoria gramatical⁴; (4) Jean Molino disse (1982: 5) : "...la distinction entre nom propre et nom commun remonte jusqu'aux origenes de la grammaire occidentale..."⁵. Segundo a autora, talvez seja interessante acrescentar, ainda, algumas informações de caráter diacrônico como as seguintes:

"Avec la naissance de la linguistique historique et comparative se constitue une discipline au statut limitrophe et marginal, dans laquelle l'étude de noms propres va vivre d'une vie indépendante, l'onomastique, que étudie l' origine des noms propres, noms de personnes et noms de lieux" (p. 5)

Depois, apesar de ser ter consciência do tema o "...nome propre a une étrange place dans le langage et dans la linguistique" e com os trabalhos dos filósofos da linguagem (Mill, Frege, Russel), observa-se uma nova contribuição e começa a discutir-se questões como o significado, o conteúdo informativo e a referência do nome próprio; (5) por último, segundo Gary-Prieur (1991: 5) "Le terme *Nom Propre* apparaît dans toutes les grammaires lorsqu'il s'agit de présenter les noms como partie du discours. La catégorie du Nom Propre est aussi ancienne que notre tradition grammaticale"⁶ e num livro editado recentemente por ela (*Grammaire du nom propre*, 1994) reconhece a marginalidade na qual a lingüística relegou o nome próprio depois de Saussure, discute algumas interpretações e usos e tenta entender os mecanismos de interpretação específica dele. O objetivo do livro é "...décrire la compétence spécifique mise en oeuvre

⁴ Segundo este autor no artigo "Lo propio del nombre propio", *LEA*, VII, p. 40;: "...la clase de los sustantivos debe comprender en español la mencionada subclase de los nombres propios a título de categoría o subcategoría gramatical, y no simplemente como una posibilidad de uso de ciertas palabras".

⁵ Mais tarde, como tinha escrito Coseriu, ela retoma o sentido etimológico da gramática latina: "...d'jà Donat faisait réciter aux élèves: «Qualitas nominum in quo est? Bipertita est: aut enim unius nomen est et proprium dicitur, aut moltorum et appellativum». Em quoi consiste la qualité du nom? Elle est double: ou il est le nom d'un seul et est appelé nom propre, ou il est le nom de plusieurs et il est appelé commun)" (p.5).

⁶ Segundo a autora, no artigo " Le nom propre constitue-t-il une catégorie linguistique" em *Langue Française* 92: 5: "...dans la grammaire grecque, e effet, le nom, qui occupe une position centrale, se confond à l'origine avec le nom propre. La terme «onoma kurion», que le latin a traduit par «nomen proprium», doit être compris comme désignant «le nom à proprement parler» (c'est-à-dire le nom authentique, celui qui nomme vraiment) ou «nom qui appartient en propre à un individu»".

pour interpréter un nom propre dans une construction donné", ou seja, propõe uma teoria semântica do nome próprio: (1) considerando-o como uma unidade da língua com sentido (que chamou de *prédictat de dénomination*), inspirada essencialmente na reflexão lógica, e (2) analisando-o de acordo com os diferentes tipos de construção que apresenta em francês (p. 155)⁷.

Segundo Coseriu (1978: 261), cuja análise integra a perspectiva sincrônica e diacrônica, um dos problemas é que a realidade semântica dos nomes próprios é complexa e tem sido estudada de maneira unilateral e insuficiente até agora. Depreende-se, então, que a perspectiva da análise consistirá em considerar a linguagem como uma forma de 'expressão' e 'significado' ou 'conteúdo' de consciência virtual de cada língua em particular. Esta concepção "coseriana" da linguagem, permite ter uma visão coerente e unitária frente ao falar e a suas realizações históricas. As línguas interpretam-se como redes distintas de significados que organizam de modo diferente o mundo da experiência humana (Coseriu 1977: 261).

Suas reflexões sobre o tema mostram que as línguas particulares organizam seus conteúdos internamente de acordo com o "saber originário" de seus falantes e segundo suas necessidades expressivas. Fato que poderia indicar, então, que à semântica corresponderia uma visão de mundo atualizada através do léxico, isto porque as línguas além de ser significativas, são consideradas pelo autor como realizações históricas dos falantes, ou seja, cada língua tem sua própria historicidade que coincide com a dos usuários. Por isso, a descrição de uma língua deve considerar o aspecto histórico como elemento complementar indispensável a uma metodologia integral.

As dificuldades para definir o nome próprio, segundo Coseriu (1977: 261-262) não foi um problema para o enfoque da lingüística histórica, já que esta não considerava as palavras como significantes fora do falar e não tinham o conceito moderno de "língua". Da mesma forma, tais dificuldades não existiam para os lógicos, os quais consideravam como significativas exclusivamente as *proposições* e para eles o 'nome próprio' não era uma *categoria verbal*, e sim uma função *proposicional* desempenhada por qualquer palavra ou expressão que denotara um objeto.

⁷ Estas informações correspondem à resenha de Martine Léonard, publicada no último volume da *Revue québécoise de Linguistique*, 23,; 155-160, 1994, Université du Québec à Montréal.

Como se pode observar, conclui Coseriu, as dificuldades só existem para o lingüista de orientação sincrônica, porque ele considera as palavras como elementos de muitos enunciados, reais e possíveis, e as considera tanto no *falar* concreto como na *língua*.

A complexidade, no entanto, não reside apenas nos fatores e nas condições comentadas. A partir da lingüística moderna com a análise estrutural e a gramática gerativa o exame da realidade lingüística considerou outros aspectos, em suma, discutiram-se novos critérios e métodos. Estas teorias quando aplicadas à semântica, no caso do Estruturalismo, fixou-se na busca dos semas dos itens lexicais e, no caso da gramática gerativa buscou explorar os significados gerados sintaticamente. Parece que em ambos os casos, o nome próprio ficou de lado.

O nome próprio corresponde a um dos dois níveis de composição do signo, que é o lexema, lexia ou palavra léxica. O topônimo coincide com a palavra léxica e, portanto, poderia ser considerado como parte do estudo da lexicologia⁸. Contudo, não acontece isto, pois só as chamadas relações de "significação" são estruturáveis, enquanto as funções de "designação" não o são. Então a toponímia não formaria parte da lexicologia pelo seguinte: (1) porque seus signos lingüísticos só compõem "séries" abertas e não campos léxicos ou semânticos, e (2) porque suas unidades relacionam-se diretamente com a realidade referencial ou não-lingüística.

No primeiro caso, poderia formar séries infinitas, devido ao fato de que suas unidades não se opõem entre si pelos traços sêmicos mínimos distintivos. E, no outro caso, dado o caráter referencial do topônimo, a relação idiomática que se estabelece entre significante e sua designação aponta dêicticamente para uma realidade não-verbal. De fato, sob esta perspectiva, admite-se que os topônimos como nomes próprios representam o grau máximo da função designativa⁹.

⁸ Quanto a isto, Zgusta (1971: 27-32) disse que é o significado lexical das palavras designativas o que serve ao lexicógrafo como base e modelo para o tratamento (ou estudo) de todas as palavras, contudo é interessante observar que os nomes próprios como unidades léxicas constituem uma categoria de palavras diferentes a este modelo.

Para compreender o papel dos nomes próprios do ponto de vista da lexicografia, o autor julgou mais interessante considerar esta classe palavras com o significado tradicional que elas têm e se o lexicógrafo decide incorporá-las no dicionário só poderia indicar sua função (por exemplo: nome dado a pessoas, nome de família, nome de lugar, etc).

⁹ Talvez seja interessante acrescentar, ainda, a opinião de Víctor Rago (1984: 32) sobre a função designativa e individualizante do topônimo. Ele diz que: "...los signos léxicos que configuran una estructura clasificatoria al estilo de las taxonomías, ostentan el atributo de la *generalidad*, es decir, son designaciones de clases de objetos y no de objetos singulares. Un

Torna-se, também, oportuno comentar aqui a tradicional divisão entre nomes próprios opacos, que se aplica principalmente àqueles que servem para individualizar e que não têm conteúdo informativo -como foi descrito acima- e, os transparentes, os quais num determinado momento podem alcançar características conotativas ou novos significados que a comunidade lingüística pode aceitar. Como pontualizou Jespersen, é difícil na nossa condição de lingüista, explicar este fato. E, segundo ele, parece que do conjunto de características apresentado pelo nome próprio, a comunidade seleciona uma delas, e a consagra pelo uso para caracterizar outros seres ou coisas que possuam a mesma qualidade.

Na mesma linha, Gary-Prieur (1994) tem defendido a hipótese de que é possível pressupor para o nome próprio uma identificação ligada a duas condições: a um ato de batismo e uma regra conversacional (por conhecimento partilhado). Assim, para ela, todo nome próprio (1) aparece ligado a um *référent initial*, de acordo com os diferentes usos, segundo ele apunte ou não para esse *référent initial*, e, (2) naqueles casos onde isto não acontece, a nova construção aparece ligada a um novo referente, o *référent discursif*, especialmente, naquelas de tipo metafórico.

O interesse por estudar a toponímia pré-hispânica e hispânica na zona sul do país, surgiu durante a realização do projeto Atlas Lingüístico-etnográfico do Sul do Chile, ALESUCH, (Araya et alii. 1973) na década de 1970. Pode-se dizer que, deste modo, tivemos o primeiro contato com os topônimos de origem indígena, hispânica e alemã.

Na década de 1980, participamos de um outro projeto vinculado com a área centro-sul do território mapuche, denominado *Toponímia da IX Região*. Durante a elaboração deste projeto recolhemos informação in situ, com a ajuda de um questionário único que continha perguntas sobre a toponímia rural, costeira e urbana.

Além desses, paralelamente, participamos de um terceiro projeto, chamado *Onomástica prehispanica e hispanica de las provincias de Arauco y Bío-Bío (Octava Región)*, com o propósito de coletar dados lingüísticos até o limite norte da

topónimo en cambio, remite siempre a un objeto único, a un individuo, perteneciente, a una especie (clase, categoría) [...] supone una apropiación particular e individualizante, es decir, una *identificación*"(O grifo é nosso).

zona mapuche ou antiga região de La Araucanía, ou La Frontera, cujo limite físico é considerado como sendo o rio Bío-Bío.

O corpus atual reúne topônimos mapuches, hispânicos e de outras colônias européias não-hispânicas chegando a constituir um banco de dados, feito com o Programa Clairis FileMaker ® Pro. Nele, é possível encontrar, com precisão, a recolhida em cada caso.

A maioria dos topônimos coletados são de origem mapuche e através destes observa-se o estreito vínculo do indígena com sua terra e o conhecimento que eles alcançaram da natureza (flora, fauna, colorido, fenômenos, etc.). Suas breves descrições geográficas dão conta com exatidão dos detalhes topográficos de cada rincão e de sua extraordinária memória, a qual lhes serviu para conservar este acervo cultural, permitindo-lhes orientar-se e movimentar-se de um para outro lado com confiança e segurança, durante a coleta e a caça. O desgaste fonético de muitas palavras, assim como a perda de identidade de outras e a situação de contato com o espanhol, também são evidentes.

Por outro lado, os nomes hispânicos não são tão abundantes quanto os topônimos das colônias européias não-hispânicas. Eles têm pouca representatividade, a exceção do que acontece com a província de Valdivia, onde existem razões históricas que explicariam a presença de origem alemã (Bernales 1990). Pode-se concluir que a interação prolongada por cinco séculos entre mapuches e espanhóis (guerra, escola, evangelização) favoreceu a formação de uma surpreendente quantidade de palavras híbridas.

O *corpus* coletado é o seguinte:

QUADRO Nº 1

	Topônimos Pré-Hispânicos	Topônimos Hispânicos	Topônimos Colônias	Total
Prov. de Bío-Bío	311	263	5	579
Prov. de Arauco	173	132	1	306
Prov. de Malleco	430	407	6	843
Prov. de Cautín	1.744	944	28	1.528
Prov. de Valdivia	225	140	43	408
Total:	2.213 60.4%	1.368 37.3%	83 2.3%	3.664 100%

3.2 Método Geográfico-lingüístico

O método utilizado nesta pesquisa foi o Geográfico-lingüístico amplamente conhecido nos estudos dialetais através de artigos e monografias (Pop, Gilliéron, Coseriu, Alvar, Lope-Blanch, Rossi, etc.).

Basicamente, os passos metodológicos considerados nesta oportunidade para coletar o material lingüístico homogêneo e susceptível de comparação levaram em conta as etapas definidas no ALESUCH.

1. As localidades

A área geográfica selecionada no sul de Chile foi a região de La Araucanía ou de La Frontera (ver # 1.2), na Oitava (províncias de Bío-Bío e Arauco), Nona (províncias de Malleco e Cautín) e Décima (província de Valdivia) regiões. Nelas, vivem atualmente os mapuches e, ainda, conserva-se uma quantidade significativa de topônimos pré-hispânicos, hispânicos e de outras colônias européias que se desejavam pesquisar, especialmente, com a ajuda dos falantes de *mapudungun*.

A história desta região e do seu povoamento distinguem-se de outras áreas do país. Por isso, era aconselhável pesquisar neste espaço geográfico e, ao mesmo tempo, definir uma rede de pontos.

Durante os trabalhos do ALESUCH, observou-se que o conhecimento e domínio dos nomes de lugar, por parte dos informantes correspondia a uns 15 Kms. Passado esse limite, os informantes demonstravam pouca competência e muitas dúvidas. Então, optou-se por fazer quatro levantamentos de dados por "comuna" e a tarefa, ao contrário do que se possa pensar, não foi simples. No total, a rede de pontos alcançou a 54 "comunas".

A informação político-administrativa geral, pode-se consultar no Quadro Nº 2 e também no Mapa Nº 1 e 2. Os dados do quadro correspondem ao Censo de Población y Vivienda do *Instituto Nacional de Estadística* (1992: 428-430).

2. O questionário

Para assegurar a homogeneidade do trabalho, durante a aplicação do questionário, que serviu de fio condutor nos inquéritos foi preciso cuidar de cada detalhe. Várias vezes foi necessário repetir algumas perguntas, procurando outros informantes do lugar para conferir aquelas respostas que geravam dúvidas.

O questionário utilizado divide-se em três secções: toponímia rural, costera e urbana.

3. O informante

Para escolha dos informantes seguiram-se os critérios gerais considerados nos trabalhos da geografia lingüística. Com tal orientação, eles deviam apresentar o seguinte perfil padrão: (1) nativo da localidade; (2) permanência na "comuna"; (3) inteligência normal; (4) sem problemas de dentição ou fonação; (5) escolaridade baixa; (6) situação econômica aceitável; (7) faixa etária entre 60 e 80 anos; (8) sexo masculino; (9) falar mapudungun como primeira língua.

Dessa forma, esperava-se controlar os dados dos inquéritos e evitar as possíveis inovações na parte lingüística que sempre estão presentes nestes casos. No caso dos falantes de mapudungun contamos com a colaboração de um colega mapuche, assim lograram-se anotar as etimologias das vozes mais desconhecidas e complexas.

Para a identificação pessoal deles usou-se uma Ficha de Identificação.

4. Os inquéritos

Os inquéritos foram feitos na casa do informante ou no seu lugar de trabalho. Antes de começar a execução do trabalho o pesquisador apresentava-se, criava um clima familiar e de confiança, dava a conhecer claramente os objetivos da pesquisa, já que esta etapa era de maior importância para assegurar o êxito da investigação.

5. O registro do material

Os datos obtidos foram gravados e registrados em caderno especial, onde foram transcritos segundo o Alfabeto Fonético Internacional, com algumas adaptações às línguas pesquisadas.

QUADRO Nº 2

Prov. Bío-Bío Comunas	Prov. Arauco Comunas	Prov. Malleco Comunas	Prov. Cautín Comunas	Prov. Valdivia Comunas
Yumbel	Arauco	Angol	Galvarino	Mariquina
Cabrero	Curanilahue	Renaico	Perquenco	Lanco
Laja	Lebu	Purén	Lautaro	Panguipulli
Los Angeles	Los Alamos	Los Sauces	Carahue	Valdivia
Tucapel	Cañete	Ercilla	N. Imperial	Corral
Antuco	Contulmo	Collipulli	Temuco	
Quilleco	Tirúa	Lumaco	Vilcún	
Nacimiento		Traiguén	Melipeuco	
Negrete		Victoria	Saavedra	
Mulchén		Curacautín	Freire	
Sta. Bárbara		Lonquimay	Cunco	
Quilaco			T. Schmidt	
			Pitrufquén	
			Toltén	
			Gorbea	
			Villarrica	
			Pucón	
			Currarrehue	
			Loncoche	
Superficie em Km2:				
11.134,7	5.240,1	14.091,1	18.376,7	12.930,7
Habitantes:				
207.628	71.741	168.750	527.862	77.950

4.0 CLASSIFICAÇÃO DOS TOPÔNIMOS PRÉ-HISPÂNICOS E HISPÂNICOS

4.1 *Os mecanismos de formação dos topônimos*

Por experiência própria do inqueridor e pela literatura especializada, temos conhecimento de que o homem dá nomes aos lugares onde transcorre sua atividade vital. O mecanismo que ele utiliza para criar topônimos não parece muito complexo. O processo inicia-se com o desejo e a necessidade de dar um nome a um ponto determinado da natureza, seja de menor ou maior extensão, um acidente geográfico ou um núcleo habitado. Continua com a seleção de algum aspecto ou circunstância da realidade que seja notório, atrativo e relevante, o qual normalmente é traduzido em termos lingüísticos e proposto aos demais membros da comunidade. Caso o termo seja aceito, a partir desse momento sua existência estará garantida e sua configuração estrutural só dependerá do tempo, das mudanças lingüístico-culturais, das substituições e até do próprio desaparecimento do topônimo.

Nessa perspectiva, as mudanças no eixo do tempo também estarão presentes na toponímia, com suas próprias características e com suas particularidades sócio-culturais. Em outras palavras, como comenta Coseriu, a língua teria em si mesma as causas de sua mudança (1973:178 e 216), pois ela é um sistema em movimento, em permanente sistematização. Hoje, parece bastante consensual entre os lingüistas a idéia de que este fenômeno é contínuo, gradual e de regularidade relativizada na realidade heterogênea das línguas.

A variedade de elementos reais disponíveis através dos quais se formam os nomes de lugar é grande e praticamente ilimitada. A análise do *corpus* demonstra que, na formação dos topônimos, a presença de algumas características são mais significativas que outras, especialmente aquelas referentes ao contato do homem com a natureza, ou aqueles topônimos formados a partir de nomes de pessoas, de circunstâncias históricas locais, da criatividade e imaginação humanas, dos nomes sagrados e de origem religiosa, e todos aqueles topônimos surgidos a partir das denominações da flora e a fauna da região, do relevo do terreno, a composição da terra, a cor, etc.

Outro aspecto também interessante que apresenta o nome de lugar corresponde à sua formação morfológica. Num breve comentário sobre este

fenômeno podemos dizer, de acordo com o modelo teórico de Dick (1992:10-14) e a proposta de Salazar (1978:10-11), que o nome próprio apresenta dois dados básicos: *termo ou elemento genérico* (relacionado à entidade geográfica que está sendo nomeada) e *termo ou elemento específico* (ou topônimo propriamente dito). E convém observar ainda que, na estruturação do signo toponímico, esses dois elementos podem aparecer em forma individual (*Chaiwin* 'lugar' (<*chaiwe* 'cesta feita de palha'), *Pangue* 'riacho' (<*pangue* 'planta'), *Negrete* 'povoado'), justapostos (*Lonkoyen* 'lugar, praia' (<*lonko* 'cabeça' e *yen* 'baleia'), *Lonkopan* 'lugar' (<*lonko* 'cabeça' e *pangue* 'leão') ou aglutinados (*Agua de la Torcaza* 'nascente', *Cerro el Padre* 'cerro', *Isla del Rey* 'ilha') conforme a natureza da língua pesquisada.

Como já dissemos anteriormente, nem sempre será possível para o pesquisador encontrar todos os antecedentes reais que incidem no nascimento de um topônimo, ou chegar a estabelecer com certeza os limites entre eles. Neste sentido, trata-se de uma tarefa difícil e complexa. Além disso, não raras vezes, o esclarecimento da origem de alguns topônimos depende de fatores extralingüísticos, como as características geográficas, as sócio-econômicas de uma região, as marcas étnicas e sociais da população habitante em tal espaço físico e cultural. Isto porque, como assinalou Franz Boas (1964:171) ao início do presente século, os nomes de lugar são:

"...an expression of the mental character of each people and each period, reflect their cultural life and the line of development belonging to each cultural area".

A toponímia pré-hispânica e hispânica do sul do Chile apresenta configurações especiais dadas as próprias características étnicas, históricas, sociais, culturais, físicas e geográficas da região de La Araucanía. Portanto, não é de se estranhar que, no presente trabalho, no momento de analisar os designativos geográficos que registram as diferentes fases da vida desta comunidade, o léxico acaba também por espelhar a visão de mundo, as expectativas de vida e a realidade histórico-cultural do povo. Nesse sentido, o estudo do signo toponímico pode contribuir com muitos elementos para esclarecer alguns aspectos referentes à história, à vida social, à vida cultural e até à própria língua do grupo.

Assim, por exemplo, a história da lingüística demonstra que o primeiro autor que chamou a atenção sobre o fato de que o modo de pensar e o modo de falar de um povo estavam indissolúvelmente ligados, foi o filósofo da linguagem e lingüista alemão Wilhelm von Humboldt. Talvez ele tenha sido o primeiro a desenvolver, no século passado, uma proposição de caráter teórico acerca das relações entre língua e mentalidade de um povo. Humboldt pensava que as línguas não eram somente instrumentos de comunicação mas, mais que isso, que elas se diferenciavam essencialmente na semântica, no aspecto que ele chamava de visões de mundo desenvolvidas pelo trabalho intelectual dos grupos étnicos, no momento de apropriar-se do mundo natural e criar um mundo social e cultural próprio e diferente do de outros grupos. Vejamos, por exemplo, a seguinte reflexão contida em *Über die Kawisprache auf der Insel Java (Einleitung)*, em 1836 (tradução ao espanhol da obra *Kawi-Werk*, 1990:121):

"...el hombre se acerca a la naturaleza en actitud aprehensiva, y desarrolla sus sensaciones internas según su propia actividad espontánea, dependiendo del modo como sus fuerzas espirituales se ordenan y relacionan entre sí conforme a su jerarquía interior, y esto se plasma también en la generación del lenguaje, en cuanto crea interiormente los conceptos al hilo de las palabras".

As idéias de Humboldt, referentes à linguagem ligada a uma visão de mundo, tiveram repercussão na Europa e América e foram consideradas em diferentes trabalhos e pesquisas na antropologia, na filosofia e na etnolingüística. É de se ressaltar, neste particular, que a conhecida e discutida hipótese de Sapir-Whorf, desenvolvida nos Estados Unidos nos anos trinta e quarenta, é a expressão mais direta dessas reflexões e tem o mérito de realizar a verificação empírica, além de vincular-se diretamente com as pesquisas etnolingüísticas da escola antropológica americana. Com base nesses argumentos, existem lingüistas como Mounin (1972:89) e Robins (1979:142) que pensaram e chegaram até a escrever que as idéias de Humboldt influenciaram fortemente o pensamento de Boas e Sapir. Segundo Robins, por exemplo:

"Na lingüística americana sobretudo no campo de estudos das línguas indígenas é comum trocar-se uma linha que começa em Humboldt, passa por D.G. Brinton (que traduziu algumas obras de Humboldt), F. Boas e E. Sapir, indo terminar em B.L. Whorf".

Segundo Schaff (1967:94) o mais surpreendente é que a antiga idéia do lingüista alemão tenha ressurgido vários anos depois. Para Schaff, o pensamento de Sapir e Whorf sobre o papel da linguagem dentro do conhecimento não tem nenhuma relação direta com Humboldt, trata-se de um fenômeno de congenialidade e não de continuidade de idéias. Por isso:

"...la unión de la teoría de campos y de la etnolingüística, bajo el calificativo común de "neohumboldtismo" -como ocurre en la literatura especializada-, es una construcción ex post que no contribuye a la aclaración, sino, por el contrario, a la confusión del problema" (p. 95)

Outro aporte importante pertence a Albert Dauzat, que publicou alguns anos mais tarde dois livros dedicados ao estudo da onomástica e da toponímia: *Les Noms de Personnes* (1946) e *Les Noms de Lieux* (1963), nos quais discutiu em detalhe o valor da psicologia, a importância da história e os aspectos sociais na formação dos nomes de lugar e de pessoa. Para Dauzat (1963: 8):

"L' intérêt linguistique de la toponymie est de premier ordre, et il s'affirme à divers points de vue".

Hoje, suas obras ainda são de consulta obrigatória entre os pesquisadores da onomástica, não só pelos temas de que trata, mas também pela metodologia, pela vasta documentação e indicações bibliográficas e pelas sugestões para estabelecer a análise e os comentários filológicos de cada tema.

Quanto aos estudos e monografias atuais, observa-se em linhas gerais que estas ainda consideram alguns critérios metodológicos propostos por Dauzat e algumas idéias relacionadas com a classificação dos topônimos, especialmente, aquelas publicadas na *Revue Internationale d'Onomastique*, nas *Actas* de la

Primera Reunión de Toponimia Pirenaica e na *ELH* (1960). Recentemente as contribuições de Consuelo Hernández (1978:10-11) sobre a toponímia de Murcia (Espanha); Mansur Guérios (1981:16) sobre os critérios para estudar os antrotopônimos; Carmen Díaz (1987:51-58) sobre a análise dos materiais toponímicos de La Palma (Canárias); Maria Vicentina Dick (1992:23-24; 1990:29-46) sobre o estudo da motivação toponímica e a realidade brasileira; Claudio Wagner (1964: 283-302), Carlos Ramírez (1983) e Mario Bernales (1990:15-16) sobre os topônimos mapuches e hispânicos do sul do Chile; etc., são exemplos significativos e relevantes que demonstram os mecanismos de formação dos topônimos e dão conta do desenvolvimento dos estudos toponímicos atuais.

4.2 Os critérios de classificação dos topônimos

Há, ainda, outro aspecto interessante que desejamos comentar aqui. Trata-se da questão da classificação dos topônimos. Sobre este ponto é necessário saber, em primeiro lugar, que a maioria dos modelos taxionômicos elaborados apresentam várias complexidades, devidas, muitas vezes, ao objetivo da pesquisa ou a língua selecionada para tal fim. Dauzat (1963: 9), por exemplo, pensava que:

"La classification des noms de lieux est assez délicate".

No estudo da toponímia atual, estas verdadeiras linhas ordenadoras das idéias devem ser interpretadas só como instrumentos de trabalho, ou seja, como elementos facilitadores do estudo das causas motivadoras dos nomes de lugares.

Em segundo lugar, o modelo que utilizaremos aqui para classificar nosso corpus, corresponderá basicamente aos resultados e acordos da Primera Reunión de Toponimia Pirenaica, e publicados nas *Actas* do mesmo nome, e a de outras pesquisas realizadas na área hispânica como, por exemplo, *ELH, I*, Contreras (1977: 81-96) e Bernales (1990).

Este modelo tenta apresentar o material num quadro cronológico (primeiro, a toponímia mapuche, depois, a hispânica e, ao final, a de colônias européias não hispânicas) e ao mesmo tempo, prevê o enquadramento em dois níveis de classificação: um maior, fundamentada nas ordens física (geografia descritiva) e nas manifestações vitais, e dentro dessas, os aspectos ou características especiais através do elemento topônimo, toda vez que isso seja possível, precedido de outro

elemento, com função de definir genericamente as respectivas classes toponomásticas (morfotopônimos, hidrotopônimos, mitotopônimos, etc.)

Às contribuições já enumeradas, acrescenta-se nestes últimos anos o modelo apresentado por Dick (1992:26) que, segundo a autora, procura:

"...evitar as necessidades de um constante recuo ao passado histórico, para se atingir o alcance do significado do topônimo. Este seria fornecido pela interpretação lingüística de seus elementos formadores, tão somente"

Tentaremos classificar de uma forma geral a abundante quantidade de topônimos coletados na região selecionada, tanto de base mapuche como hispânica, de acordo com a origem dos topônimos, considerando como referência os aspectos da geografia descritiva, das manifestações vitais e da criação semântica metafórica.

No caso da toponímia mapuche deveria-se propôr um modelo que fosse próprio e levasse em consideração o desenvolvimento histórico deste povo, de acordo, por exemplo, com as chamadas sociedade coletora, caçadora e agrícola. Infelizmente a falta de documentação histórico-lingüística e antropológica impede, por enquanto, de tentar um modelo taxionômico mais original e distinto do espanhol. Apesar das dificuldades que envolvem os modelos, na apresentação dos diferentes materiais, as variações nesta oportunidade serão mínimas. O modelo de classificação é o seguinte:

A. Toponímia referida à Geografia Descritiva

1. Morfotopônimos
2. Hidrotopônimos
3. Litotopônimos

B. Toponímia referida às Manifestações Vitais

1. Fitotopônimos
2. Zootopônimos
3. Antropotopônimos
4. Mitotopônimos
5. Numerotopônimos

C. Toponímia referida à Criação Metafórica

1. Criação metafórica

O maior número dos nomes coletados e selecionados nesta oportunidade são de origem mapuche, e eles demonstram a estreita vinculação do indígena com a terra e o conhecimento que eles alcançaram do habitat. Para este, como para os demais povos indígenas de América, a natureza tem sido a principal fonte de denominações e isto, com grande exatidão, tem ficado testemunhado na toponímia, as diferentes características observadas em relação, por exemplo, às classes de terreno, à hidronímia, aos minerais, às plantas, à fauna, assim como, aos costumes, às crenças e até aos ritos religiosos.

Quanto à toponímia que repousa na tradição hispânica observamos que esta encontra-se de preferência nos antigos povoados, vilas, missões, fortes de defesa e vias de comunicações fluviais e marítimas utilizadas pelos espanhóis na época da conquista e reconquista do território. De outro lado, a prolongada interação entre mapuches e espanhóis através da guerra, da escola, da evangelização por parte das ordens religiosas de diferentes orientações (franciscanos, anglicanos e metodistas) serviram de antecedentes para explicar a etimologia e a significação primogênia de alguns topônimos. Sem esquecer que às vezes a etimologia do topônimo é aproximada, já que a motivação do nome tem se perdido ou simplesmente não é lembrada.

Várias fontes bibliográficas foram consultadas para conseguir a explicação etimológica, além das próprias explicações dadas pelos informantes. Contudo, convém lembrar aqui que, algumas obras consultadas, ofereceram informação insuficiente, não desenvolviam bem algumas etimologias e repetiam as idéias de outros autores. Entre os textos consultados, temos: o *Diccionario Etimológico* de Lenz (1905-1910), a *Voz de Arauco* de Ernesto Wilhelm de Moesbach (1959), o *Diccionario comentado mapuche-español* (1960) e *Mapuche 4: Toponimia* (1988) de Esteban Erize (1960), o *Diccionario Geográfico Etimológico* de Walterio Meyer Rusca (1955), o *Diccionario Geográfico de Chile* de Riso-Patrón (1924), o *Diccionario Etimológico* de Armengol Valenzuela (1918-1919), o *Diccionario de Toponimia de Procedencia Indígena* de Carlos Ramírez (1979), *Toponimia patagónica de etimología araucana* de Juan Perón (1950); e os artigos: "Topónimos mapuches" de Juan Hasler (1989), "Fitotoponimia araucana" de Leon Staube (1963), "Etimología de algunos topónimos según informantes Araucanos" de Bertha de Koessler (1963), etc.

4.3 Classificação dos topônimos pré-hispânicos

A. Toponímia referente à geografia descritiva

A geografia descritiva expressada em seus vários aspectos (acerca da natureza e exploração do solo, as formas de relevo, a correnteza das águas, a orientação e localização geográfica de determinados pontos, as coisas existentes no lugar, etc.) pode-se dizer que constitui na área mapuche uma fonte de inspiração permanente para "toponomear", ou seja, para criar topônimos ou signos toponímicos.

Em relação à quantidade das designações geográficas recolhidas temos que assinalar que esta é muito rica tanto no litoral -incluída a Cordilheira da Costa-, no Vale Central, próximo aos cursos da água, como na Cordilheira dos Andes, onde atualmente moram as comunidades indígenas mais antigas.

Ao procurar uma explicação sobre o fenômeno teríamos que lembrar que o conhecimento da região que alcançaram os mapuches, as migrações históricas de diferentes origens, e o alto poder de observação da natureza, de algum modo determinaram seriamente sua capacidade denominativa, a qual, até hoje, tem sido transmitida oralmente às gerações jovens na própria língua.

4.3.1. Morfotopônimos

A morfotoponímia abarca diferentes nuances topográficas que correspondem à orografia do litoral, da Cordilheira da Costa (de altura meia), do Vale Central e da Cordilheira dos Andes (pré-cordilheira e vales interiores altos) e considera, então, os acidentes geográficos tais como elevações, baixada, depressões, vales, etc. e algumas expressões metafóricas alusivas aos traços mais salientes que atuam com caráter diferencial.

a) Cerros:

Antilwe (<*antü* 'sol, dia' e *we* 'ação': cerro ou paragem ensolarado, assolhado). *Antü* é um elemento constitutivo freqüente na toponímia e nas genealogias mapuches, usa-se para formar a parte familiar (a estirpe) como nome.

- Tripayante* (<*tripay* 'saiu' e *antü* 'sol, dia': onde nasce o sol)
- Futalifkan* (<*füta* 'grande' e *llufken* 'relâmpago': onde relampaguea muito)
- Futawingkul* (<*füta* 'grande' e *wingkul* 'cerro': cerro grande)
- Ngürümawida* (<*gnürü* 'raposa, zorro', *Ducicyon* griseus, e *mawida* 'bosque, montanha': montanha onde há raposas)
- Wechulepun, Wechulelfün* (<*wechun* 'subir' ou *wechuñ* 'cimo, cume' e *lelfün* 'vale cordilheirano': subir ao cimo do vale)
- Oromüta* (<*oro* 'ouro' e *müta* 'cacho, ponta de chifre'). O informante disse que possivelmente nesse cerro encontraram moedas que tinham forma de cacho ou de guampa.
- Pilunchalla* (<*pilun* 'asa' e *challa* 'panela': nesse cerro encontraram uma asa de panela de argila arenosa)
- Namunchoyke, Patachoyke* (<*namun* 'pata' e *choyke* 'espécie de avestruz': o cerro observado desde o alto parece-se com a pata do avestruz)
- Nuñgennuñgen* (<*nuñgen* 'bom': cerro muito bom)
- Vilukura* (<*vilu* 'cobra' e *kura* 'pedra': cerro com pedras onde há cobras)
- Palmucho* (<**palüing* 'lagarto' e *mucho* 'muito', mapuchizado do espanhol: cerro com muitos lagartos).

b) Cordilheiras, montanhas:

- Butapaylan* (<*füta* 'grande' e *paylan* 'inclinado, de costas': cordilheira inclinada)
- Alulmawida* (< *alol* 'eco, ruído' e *mawida* 'bosque, montanha': bosque onde retumba o eco)
- Nawelbuta* (<*nawel* 'tigre americano', *Felis onca*, e *füta* 'grande': cordilheira onde há tigres grandes)
- Wirinlil* (<*wirin* 'raiar ou ter raias em' e *lil* 'barranco': precipício coberto de raias ou listras)
- Chodpewen* (<*chod* 'amarelo' e *pewen* 'araucaria', *Araucaria imbricata*: cordilheira com araucarias de cor amarela)
- Wangkungürü* (<*wanku* 'banco, assento' e *ngürü* 'raposa': cordilheira onde sempre se vê sentada a raposa)
- Lapüyu* (<*la* 'muerte' e *püyü* 'veado': no lugar encontraram um veado morto)

- Menukomawida* (<*menoko* 'pântano pequeno ou tremedal' e *mawida* 'bosque': montanha com pântanos, os quais são perigosos por ser cobertos por vegetais)
- Trofküpen, Troküpün* (<*trongkün* 'tropeçar' e *pun* 'chegando lá': chegou lá e tropeçou)
- Wechuliay* (<*wechun* 'subir ao ponto mais alto de um monte' e *liay* 'ele': ele ou ela vai chegar ao cimo)
- Rengilwenu* (<*rangi* ou *rangiñ* 'meio, metade' e *wenu* 'altura': de meia altura meia ou rodeada de outras cordilheiras). Segundo o informante este nome foi trocado faz 50 anos por Cordilheira Pepa.
- Pelamawida* (<*pülal* 'ruído, estrondo' e *mawida* 'bosque': cordilheira onde se escutam os ruídos).

c) *Vulcões:*

- Choswenko* (<*chod* 'amarelo', *we* 'ação' e *ko* 'água': onde há água para tingir amarelo)
- Ketropillan* (<*ketro* 'cortado, obtuso' e *pillan* 'vulcão': vulcão obtuso. Atualmente é conhecido com o nome de Volcán Villarrica)
- Kallarken, Fúchadegiñ, La Blanca* ('Vulcão grande e branco')
- Volcán Antuko* (<*antü* 'sol' e *ko* 'água': lugar onde se reflete a luz solar na água)
- Volcán Copa, Copawe* (<*ko* 'água', *-pa* 'vir até cá' e *we* 'ação': vir cá a tirar água)
- Volcán Llaima* (<*llaüma* 'meio': passo do meio' ou *llaima* 'barranco, desaguamento')

d) *Barrancos:*

- Nukolil* (<*nuko* 'coruja' e *lil* 'barranco': barranco com corujas)
- Wallalí* (<*walle* 'uma classe de árvore' e *lil* 'barranco': barranco com *walle*)
- Kewpuwe* (<*keupu* 'pedernal' e *we* 'ação': onde há pedernal)
- Trafonchalla* (<*trafon* 'quebrado' e *challa* 'panela': onde encontraram uma panela de argila quebrada)

e) *Ladeiras:*

Rapelko (<*rapa* ou *rapa-pele* 'barro, argila' e *ko* 'água': onde há barro gredoso)

Kilapalo (<*küla* 'três' e *paļu* 'tia do lado do pai': ladeira onde moravam três tias paternas)

Cheske (<*chisku* 'goteira': lugar das goteiras)

Kenkeweno (<*kenke* ou *kemkem* 'ladeira' e *wenu* 'em cima': a redução situa-se na parte alta)

f) *Planícies, Lhanuras:*

Itropulli (<*itro* 'direito, reto' e *pülli* 'planície': planície comprida e reta)

Trana (<*tranan* 'machucar, martelar': região plana)

Lapi, Lape (<*lafi* 'estar esticado' ou *lafn* 'ser plano': terreno plano)

Llani (<**llangi* ou *llanki* 'altar mapuche, cerimônia do *Nguillatun*)

Kiriko (<*kurü* 'preto' e *ko* 'riacho': extensão de terreno com água escura)

Arawko (<*rag* 'argila, barro' e *ko* 'água': água argilosa). O nome foi *rawko* (Acta do Cabildo de 1541, mais tarde surgiu o termo histórico étnico araucano para denominar aos mapuches, porque habitavam o território de *Arawko*)

Chada (<*chadi* 'sal': o riacho que passa pela lhanura tem muita areia branca como o sal)

Koykoma (<*kolkoma* 'ave dos charcos', *Podiceps rolandii*: lugar das colcomas)

Butalelbun (<*füta* 'grande' e *lelfün* 'lhanura': lhanura grande)

g) *Vales:*

Diwen (<*diwen* 'alcançar a outra pessoa' e *we* 'ação': onde se alcança a outra pessoa ou lugar para alcançar-se)

Malalwe (<*malal* 'corral' e *we* 'lugar': lugar de currais ou lugar fortificado)

Purulon (<*rülon* 'entre barrancos': lugar rodeados de barrancos)

Rayenko (<*rayen* 'flor' e *ko* 'água': lugar úmido com flores ou flores que se refletem na água)

Bupaño, Kupaño (<**küpag* 'uma planta')

Cholchol (<*troltrol* 'cardo', *Sonchus asper*: abundância de cardo no lugar)

Arkenko (*arkün* 'seco' e *ko* 'água': lugar seco ou enxuto)

Kilako (*kila* 'árbusto', *Chusquea quila*, e *ko* 'água': vale úmido com muita

kila)

h) Vales da Cordilheira (veranadas): (termo virtual veranadas cuja idéia é: vale cordilheirano onde os animais pastam apenas no verão, sob a vigilância do dono)

Kochuko (<*kochi* 'salobro' e *ko* 'água', riacho': veranada que tem um riacho com água salobra)

Kolwe (<*kol* 'manar' e *we* 'ação': onde se pode extrair água da terra)

Kolluko (<*kolü* 'castanho' e *ko* 'riacho, água': a veranada tem água de cor da castanha)

Malalkura (<*malal* 'corral' e *kura* 'pedra': vale rodeado de pedras ou rochas)

Nepum (<*nüpum* 'possar-se ou tomar posse da terra e fazer um símbolo ou sinal para representar a propriedade da veranada)

Trapatrapa (<*trapa* 'bom lugar': vale muito bom para morar)

Pichikoyawe (<*pichi* 'pequeno', *koyam* 'roble novo', *Nothofagus obliqua*, e *we* 'lugar, ação': lugar de descanso para pessoas e animais)

Lolko (<*lol* 'buraco' e *ko* 'água': poço com água)

i) Passo ou Passagem estreita:

Ikulpe (<*ükül(en)* 'ficar metido, preso num lugar, encaixotado')

Ngetrafken, Mitrawken (<*ngetrafken* 'lugar estreito com barrancos')

Pewenko, Cajón Pewenko (<*pewen* 'araucaria', *Araucaria imbricata*, e *ko* 'riacho, água': passo úmido das araucarias)

Trupan (<*rupawe* 'passo, lugar para passar, corredor geográfico', *we* 'ação' e *pangi* 'leão': onde passavam os leões, ou os pumas)

Nitrao (<**nütraw* 'estreito': passo estreito para transitar)

Miriwe (<*mürün* 'estreito, obstruído': passo estreito para transitar)

Kunkuman (<*kunku* 'grama entrelaçada' e *manke* 'condor', *Sarcorrhampus griphus*: o condor está na grama entrelaçada)

Pultrüpadawe (<*pültrü* 'pindurar', *pada* 'passar', possivelmente voz mapuchizada do espanhol "pasar", e *we* 'ação': passo estreito onde penduravam alguma coisa para assustar ao inimigo, normalmente a cabeça, assim demonstravam seu valor e sua força guerreira como grupo)

Rukayeko (<*ruka* 'casa' e *yeku* 'pato preto, pato corvo', *Phalacrocorax brazilianus*: passo o lugar dos corvos)

j) Ilha:

Gwape, Wapi (<*wapi* 'ilha')

Peñike (<*peñi* 'irmão' e *ke* 'plural': irmãs com outras ilhas)

Lamewapi (<*lame* 'lobo marinho' e *wapi* 'ilha': abundam os lobos nessa ilhas)

Wapikura (<*wapi* 'ilha' e *kura* 'pedra': pedra com forma de ilha)

Aillakillen (<*ailla* 'nove' e *killen* 'lágrimas': a ilha e pequena e tem nove lagoas. De acordo com a tradição as lagoas formaram-se pelas lágrimas de alguma pessoa)

k) Praias:

Wekeriwe, wekerüwe (<*weke* 'lhama', *Auchenia guanaco*, e *ruwe* 'arranhar, coçar': praia onde se coçou a lhama)

Külako (<*küla* 'três' e *ko* 'água': três águas ou praia onde chegam três riachos)

Kidiko (<*kidu, kisu* 'só' e *ko* 'água': água solitária, afastada)

Arakete (<*larketre* 'barbilha aplanada': talvez porque tem muitos arbustos inclinados pela força do vento)

Bukalemu (<*füta* 'grande' e *lemu* 'bosque': bosque grande)

Trana kepe (<*trana* 'machucar, martelar, batir' e *kepe* 'terrão': terrão machucado)

4.3.2. Hidrotopônimos

Nesta área geográfica quase todos os topônimos relacionados com a hidronímia são de base indígena. A natureza exuberante da região motivou a imaginação dos mapuches para criar inúmeros nomes relativos a riachos, rios, lagoas, cachoeiras, saltos, correntezas, nascentes, etc., e através desta criação léxica é possível conhecer sua capacidade de observação da realidade que fica diante de seus olhos e captar características e detalhes em relação com a água, com sua visão de mundo, com o movimento, ruído, cor, volume, relações com a flora e

fauna, com o pensamento mítico, etc. Sem dúvida, estas denominações alguma vez ajudaram ao indígena a organizar seu espaço e a orientar-se dentro dele.

Por outro lado, o que se pode desprende destes comentários é que, teoricamente, a maioria dos topônimos tem chegado até nossos ouvidos pela via oral, e as alterações ou mudanças lingüísticas acontecidas, como a castelhanização de alguns nomes, variação do significante ou perda do significado original, encontram neste ponto uma boa justificativa. Apesar destas circunstâncias, ainda se mantêm vigentes muitos topônimos como testemunhas da riqueza e vitalidade desta língua.

Os elementos lingüísticos usados para referir-se à água são os seguintes: (1) para água corrente *-ko* 'água, riacho, lagoa pequena', *-lewfü* 'rio', θ 'rio maior' e (2) para água represada *-lafken* 'lago, mar'. Segundo Bernales (1984: 114) os sufixos *-ko* e *-lewfü* serviriam para formar os hidrotopônimos menores e θ e *-lafken* os maiores.

a) *Topônimos relacionados com elementos geológicos:*

Kudiko 'riacho, lugar' (<*kudi* 'pedra para moer', principalmente trigo, e *ko* 'riacho': riacho onde encontram-se pedras para moer)¹⁰

Chapuko 'riacho' (<*chapü* 'pedra para afiar' e *ko* 'riacho': riacho onde há pedras para afiar)

Kurako 'lugar, riacho' (<*kura* 'pedra' e *ko* 'riacho': riacho pedregoso)

Kuraleufu 'rio' (<*kura* 'pedra' e *lewfü* 'rio': rio pedregoso)

Weikolla 'lugar' (<*weyko* 'charco de água, lagoa pequena' e *llan(ka)* 'pedra verde-azul, malaquita' e muito estimada pelos mapuches)

Chada 'lugar, riacho' (<*chadi* 'sol' e *ko* 'riacho': água salobra ou riacho com muita areia branca, cor da sal)

Rawe 'riacho' (<*rag* 'argila, barro': riacho com água argilosa)

Pirkinko, *Perkenko* 'riacho, lugar' (<*perkeñ* 'mal cheiro' e *ko* 'água, riacho': águas sulfurosas com mal cheiro)

¹⁰ Segundo Riso-Patrón (1924: 271), antigamente, em 1788, o lugar constou com uma missão e um forte, sendo o nome de ambos *Nuestra Señora del Pilar*.

b) *Topônimos relacionados com a flora:*

- Rankilko* 'riacho, lugar' (<*rangkül* 'pasto', *Phragmites communis* ou *Arundo phragmites*, de uso medicinal, e *ko* 'riacho': riacho onde abunda o pasto *rangkül*)
- Külonko* 'riacho' (<*külon* 'planta aquática', e *ko* 'água': riacho com planta *külon*. A folha tem uso medicinal)
- Koiweko* 'riacho, lugar' (<*koywe* 'árvore do sul do Chile', *Nothofagus dombeyi*: riacho onde abundam as árvores *koywe*)
- Lumako* 'povoado, riacho' (<*luma* 'arbusto de madeira muito dura', *Amomyrtus luma*, e *ko* 'água': abundância de *lumas* em lugares úmidos)
- Boyeko* 'riacho, redução' (<*folle* 'árvore sagrada dos mapuches', *Drymis winteri*, os espanhóis o chamavam canelo, e *ko* 'riacho': riacho com *folle*)
- Pewenko* 'riacho' (<*pewen* 'araucária, pino chileno', *Araucaria imbricata*), e *ko* 'riacho': riacho onde abunda o *pewen*)
- Molko* 'riacho, lugar' (<*mol* 'junto', planta ciperácea, *Cyperus laetus vegetus*, e *ko* 'riacho': riacho onde abunda a planta *mol*)
- Künkülko* 'riacho' (<*künkül* 'espécie de samambaia, helecho', *Blechnum chilense*, e *ko* 'riacho': riacho do *künkül*)
- Ampeko* 'riacho' (<*ampe* 'samambaia', *Lophosoria quadripinnata*, e *ko* 'riacho': riacho onde abunda o *ampe*)
- Killayleo* 'rio, lugar' (<*küllay* 'planta killay', *Quillaia saponaria*, e *lewfü* 'rio': rio onde há *killay*)
- Kopiuko* 'riacho' (<*kopiw* ou *kopiwe* 'flor do copihue', *Lapageria rosae*, e *ko* 'riacho': riacho onde há copihue)
- Kulenko* 'riacho' (<*kulen* 'arbusto', *Psoralia glutinosa*), usado na medicina, e *ko* 'riacho': riacho onde há muito *kulen*)
- Pemuko* 'riacho' (<*pewmu* 'árvore peumo', *Cryptocaria peumus*, e *ko* 'água': parte úmida onde há peumo)
- Temuko* 'cidade' (<*temu* 'árvore mirtáceo', *Temu divaricatum*, e *ko* 'água': parte úmida onde há temo)

c) *Topônimos relacionados com a fauna:*

- Willinko* 'riacho' (<*willin* 'nútria ou tatão-do-banhado', *Lutra provocax* ou *Lutra felina*, e *ko* 'riacho': riacho onde há nútrias)
- Pidenko* 'riacho, lugar' (<*pideñ* 'ave palúdica', *Rallus rythrynychus*, e *ko* 'riacho': riacho onde há piden)
- Trewako* 'riacho' (<*trewa* 'cachorro' e *ko* 'água': riacho do cachorro)
- Koipuko* 'riacho, redução' (<*koipu* 'nútria', parecida ao *willin*, *Castoreano Myopotamus coypus*, e *ko* 'riacho': riacho onde há *koipu*)
- Ngürüweko* 'riacho' (<*ngürü* 'raposa', *we* 'ação' e *ko* 'riacho': perto do riacho caçou-se uma raposa)
- Chukauko, Trikauko* 'riacho' (<*chukaw* 'pássaro do monte', *Pteroptochus rubecula* e *ko* 'riacho': riacho onde há *chukaw*)
- Walafken* 'lagoa' (<*wala* 'ave mergulhadora', *Fulica chilensis* ou *Podiceps chilensis*, e *lafken* 'lagoa': lagoa onde há *wala*)
- Puküreo* 'lugar, rio, redução' (<*pu* 'no meio de' e *küreo* 'tordo ou pássaro negro': viver no meio destas aves)
- Cherkenko* 'riacho, povoado' (<*chedken, chedkan* 'passarinho do sul do Chile', *Troglodytes platensis*, e *ko* 'riacho': riacho onde há *chedkan*)
- Wilkilko* 'riacho' (<*wilki* 'zorzal, pássaro do sul do Chile', *Turdus fuscater*, e *ko* 'riacho': riacho do zorzal)
- Kureo* 'rio' (<*kürew* 'tordo ou pássaro preto' e *lewfü* 'rio': existem *tordos* perto do rio)
- Filoko, Filolafken* 'riacho' (<*filu* 'cobra' e *ko* 'riacho': riacho onde há cobras ou ele tem forma sinuosa)
- Dollinko* 'riacho, lugar' (<*dollüm* 'mexilhão', *Unio*, e *ko* 'riacho': riacho com mexilhões ou ostras, mexilhão de água doce)
- Laguna el Treile* 'lagoa' (<*tregül* 'treile ou jardineiro', ave típica do sul, *Vanellus chilensis*)

d) *Topônimos relacionados com a cor das águas ou alguns elementos que determinem sua cor:*

- Karilafken* 'lago' (<*karü* 'verde' e *lafken* 'lago': lago de águas verdes)
- Kalfuko* 'riacho' (<*kalfü* 'azul' e *ko* 'riacho': riacho de água azul)
- Kolliko* 'riacho' (<*kolü* 'café, castanho' e *ko* 'riacho': riacho de água café ou de cor castanha)
- Kurileufu* 'rio' (<*kurü* 'negro, obscuro' e *lewfü* 'rio': rio de águas obscuras)

Cholwan 'riacho, lugar' (<*chod* 'amarelo' e *wa* 'grão, semente', parecido ao milho, e *ko* 'riacho': riacho com pedras amarelas do tamanho de um grão de milho)

Trumulko, Chumulko 'cachoeira' (<*chumul* 'escuro, turvo' e *ko* 'água': cachoeira com água escura)

Estero Lirken 'riacho' (<*liwken* 'limpo, cristalina, água muito clara' ou *lüg* 'branco', e *ken* 'pôr-se branco': riacho de água clara)

e) Topônimos relacionados com a corrente fluvial e seu volume:

Paillako 'povoado, riacho, lugar' (<*paylla* 'tranquilo' e *ko* 'riacho': riacho ou águas tranquilas, lagoas formadas com a chuva do inverno)

Mininko 'rio, povoado' (<*mangiñ* 'correnteza' e *ko* 'riacho': água com correnteza)

Chumulko 'riacho' (<*trumul* 'golpear, bater' e *ko* 'riacho': riacho onde batem as águas)

Winkilliwliw 'riacho' (<*ringkü* 'cachoeira pequena' e *lliwliw* 'deslocar': deslocou-se a água lentamente saltando em consequência do choque da água com as pedras ou do terreno)

Llawllawen 'riacho' (<*llawllawwün* 'ruído leve' e *ko* 'água': ruído leve da água provocado pelo vento)

Traytrayko (<*tray* 'som, ruído' e *ko* 'riacho': o som do riacho)

Niwinko 'riacho' (<*newen* 'torrente, torrentoso' e *ko* 'riacho': riacho que corre com força e violência)

f) Topônimos relacionados com os aspectos geográficos:

Galletué 'lago' (<*walleltu* 'onde se toma banho' e *we* 'ação': lugar onde se pode nadar)

Ketroko, Ketroleufu 'riacho, rio' (<*ketro* 'curto' e *ko* ou *lewfü*: riacho ou rio de curto percurso)

Trubunleo, Trumunleo 'salto, cachoeira' (<*truwün* 'onde começa' e *lewfü* 'rio': onde nasce o rio)

Changillfütako 'riacho' (<*changill* 'dedos', *füta* 'grande' e *ko* 'riacho': riacho grande com forma de dedos)

Külayiwñ, Külayuwñ 'salto' (<*küla* 'três' e *yiwñ* 'salto': água que cai e

borbulha pela movimentação)

Rapelko 'riacho, lugar' (<*rüpül* 'fazer caminho ou formar caminho' e *ko* 'água': água que forma canais)

Renaiko 'riacho, povoado' (<*rüngan* 'escavar, minar' e *ko* 'água': a água socava as paredes do rio)

Chanchoko 'riacho' (<*chang* 'perna' e *ko* 'riacho': riacho bifurcado, dividido, como as pernas do homem)

Chengkeko 'riacho' (<*chengke* 'buraco' e *ko* 'água': buraco na rocha por onde passa a água)

Reñako 'lugar, riacho' (<*rüngan* 'cavar, furar a terra, fazer escavação' e *ko* 'água': tirar água depois de cavar o terreno)

Wüdüntukuwe 'salto' (<*wüdantukun* 'entrar' e *we* 'ação': um salto que aumenta de tamanho, largo, e se introduz no rio que proporciona a água)

Laguna Trauleo 'lagoa' (<*trawün* 'juntar-se' e *lewfü* 'rio': juntam-se vários rios nessa lagoa)

4.3.3. Litotopônimos

Kultrunkura 'pedra' (<*kultrung* 'tambor', instrumento de percussão da machi mapuche, e *kura* 'pedra': pedra que produz ruído parecido ao *kultrung*)

Witrlechilkura 'pedra' (<*witrlechi* 'o que está em pé' e *kura* 'pedra': rocha em pé)

Wallwalltukurawe 'pedra' (<*wallwalltu* 'roló', *kura* 'pedra' e *we* 'ação': lugar onde rolou a pedra)

Chumpürukura 'pedra' (<*chumpüru* 'chapéu', voz mapuchizada do espanhol "sombbrero", e *kura* 'pedra': pedra com forma de chapéu)

Lilekura 'pedra' (<*lile* 'pato lile' e *kura* 'pedra': rocha onde aninham os patos chamados *lile*)

Tranikura 'redução' (<*tranün* 'cair', *trany* é apócope de *tranüy* 'caiu' (3a. pessoa passado), e *kura* 'pedra': caiu a rocha)

Liwkura 'pedra, lugar' (<*lüg* 'branca' e *kura* 'pedra': lugar de pedras brancas)

Charukura 'lugar' (<*taru* 'quadrado' e *kura* 'pedra': pedras de forma quadrada)

Wapikura, Wapekura 'pedra' (<*wape* 'ilha' e *kura* 'pedra': pedra com forma de ilha)

Nawelkura 'riacho' (<*nawel* 'tigre', *Felis onca*, e *kura* 'pedra': pedra do tigre ou com forma de tigre)

Llemelekura, yemelekura, llemellekura, llemülelkura 'pedra' (<pedra que desceu do cerro brincando)

Kenchuwe 'lugar' (<*kenchu* 'terra ferrogínea' e *we* 'ação, lugar': onde há terra ferrogínea)

Kuriche 'povoado' (<*kurü* 'negro' e *we* 'ação, lugar': onde há terra negra)

Kololwe 'rio, fundo' (<*kolü* 'avermelhado' e *we* 'ação': onde há terra avermelhada)

Kollipulli 'povoado' (<*kolü* 'avermelhado' e *pulli* 'colina, ladeira': ladeiras de terra avermelhadas)

Kollimallin 'lugar' (<*kolü* 'avermelhado' e *mallin* 'terra úmida': terra úmida avermelhada)

B. Toponímia referente às manifestações vitais

O título desta secção refere-se à classificação dos topónimos relacionados com a vegetação terrestre, com os animais e com as manifestações humanas, ligadas à vida rural e agrícola do homem.

4.3.4 Fitotopónimos

Para o mapuche, o reino vegetal representou uma fonte fecunda de inspiração toponomástica, através dos fitotopónimos é possível lembrar as árvores típicas do sul e seus frutos comestíveis, os arbustos e sua importância medicinal, as plantas e seus diversos usos, além do matorral, a grama, as ervas, etc. Por outro lado, a existência de uma determinada espécie botânica, muitas vezes, serviu de limite de lugares e definiu o espaço geográfico de algumas comunidades indígenas, de acordo com o valor sócio-cultural e político deste povo.

A análise dos dados também demonstra que algumas espécies botânicas que serviram de motivação à toponímia, hoje se encontram desaparecidas, e esta informação reveste-se de significado especial, porque é quase a única testemunha da existência de alguns vegetais que num determinado momento poderia ajudar aos especialistas a reconstruir a geografia botânica da região.

a) árvores:

Pichikoyam 'riacho' (<*pichi* 'pequeno' e *koyam* 'roble', *Nothofagus obliqua*, e *ko* 'riacho': riacho onde há roble novo)

Rukatayo 'povoado' (<*ruka* 'casa' e *tayu* 'árvore', chamada também Palo Santo, *Flotowia diatowia diacanthoides*: a morada ou lugar onde há *tayu*)

Radal 'povoado' (<*raral* 'árvore proteácea', *Lomatia obliqua*, cohecida também como *radal* ou *nogal silvestre*)

Koyke 'lugar, praia, fundo' (<*koyke* 'árvore coihue', *Nothofagus Dombeyi*. Com os troncos grossos faziam-se bancos e canoas)

Lingue, *Pichilingue* 'lugar' (<*linge* 'árvore lingue', *Persea lingue* e *meyeniana*: a madeira é valiosa e a cortiça usavam-na para curtir couro)¹¹

Kewle 'cerro, praia, povoado' (<*kewli* 'árvore parecida ao lingue, endêmica do Chile, *Aenostemun nitidum*)

Pino Wacho, *Pinowetro* 'lugar' (<*pino* 'árvore' e *wechu* 'só': uma só árvore no lugar)

El Peumo 'fundo' (<*pengu* ou *pewmu* 'árvore do sul', *Cryptocarya peumus*: o nome do fundo lembra a única árvore do lugar)

¹¹ Homer Aschmann no artigo "Coromuel and Pichilingue" em *Names*, 40-1, (1992: 33-38) dá conta das curiosas etimologias atribuídas a estes dois nomes de lugar, localizados na Baja California, na saída da Bahia da Paz, e antiga rota dos corsários holandeses.

Documentos e mapas publicados em Amsterdam, em 1765, mostram que no ano de 1720 foi descoberta a região do Cabo e fundada a missão La Paz. Segundo Aschmann (1992: 37): "*Pichilingue* shows up as a placename also in Sinaloa and Ecuador and, with variant spellings, possibly near Cartagena in Colombia and on Chiloé in southern Chile.

These two exotic placenames open a window on the considerable part Baja California played in the history of the Pacific during the more than a century and a half between its discovery and permanent settlement".

Pode-se afirmar que este topônimo, ainda, tem vigência e ele também foi recolhido na região mapuche, com o significado de árvore lingue, que era aproveitado na construção de caravelas.

Las Lumas 'lugar, fundo' (<*Juma* 'árvore mirtáceo', *Myrtus luma*. Sua madeira é muito resistente e os mapuches usavam-na para construir lanças, cachiporras e outras armas de guerra, pratos e arados rudimentares)

El Melí 'fundo' (V. *Las Lumas*)

El Maiten 'povoado, fundo' (<*maiten* 'árvore', *Maytenus boaria*: é comum no Chile, há muitos lugares com este nome. Frequentemente é usado na medicina, com as folhas, por exemplo, fazem um chá para tirar a dor da cabeça)

Fundo Mañiwal 'fundo' (<*mañiu* 'árvore', conífera do sul, *Podocarpus saligna*, e al 'muito', sufixo do espanhol: fundo onde há muito *mañiu*)

Los Ulmos 'povoado' (<*ngulngu* 'árvore grande do sul' mais conhecida pelo nome de Ulmo, *Eucryphia cardifolia*)

b) arbustos:

Makewe 'lugar, redução' (<*make* ou *maki* 'arbusto kelon', *Aristolelia maqui*, o fruto é conhecido com o mesmo nome)

Wamaki 'lugar' (<*wa* 'grão', grande como o milho, e *maki*: onde há fruto de grão grande)

Palguin 'lugar, termas' (<*palngin* 'arbusto medicinal, matico *Buddleja globosa*: onde há muito *palguin*)

Wellanto, *Wallanto* 'lugar' (<*wella* 'nome comum de um arbusto de flores malvas e folhas medicinais, *Corynabutilon vitifolium*, e *ntu* 'abundância': onde há muita *wella*)

Chaura 'povoado' (<*chawra* 'arbusto aricáceo', *Pernettya mucronata* e *Gaultheria phyllireifolia*, produz uma murta, fruto, que não se come: onde há *chaura*)

Chakayal 'povoado, estação de ferrovia' (<*chakay* 'nome vulgar de vários arbustos ramnáceos, gênero *Discaria* e *Colletia*, e al 'muito', sufixo do espanhol: onde há muito *chakay*)

Ranka 'lugar' (<*ranka* 'arbusto de terreno úmido', e a flor é composto helênica, *Lasthenia obtusifolia*: onde há *ranka*)

Caman 'lugar' (<*kamañ* 'nome vulgar de um arbusto sem folhas sem espinhos da família Ramnáceas': onde há *camán*)

- El Natre* 'fundo' (<*natri* ou *natren* 'arbusto medicinal', febrífugo, *Solanum Gayanum*: o nome lembra o único arbusto do lugar)
- El Natral* 'fundo' (V. *El Natre*, o sufixo al 'muito', do espanhol, indica abundância deste arbusto no lugar)
- El Killay* 'fundo, lugar' (<*killay* 'arbusto', *Quillaia saponaria*: o nome lembra o único arbusto do lugar)
- Los Chilkos* 'lugar' (<*chilko* 'arbusto de flores vermelhas', *Fluchsia coccinea*: onde há muitos *chilkos*)
- Puringue Rico, Puringue Pobre* 'lugares' (<*pu* 'em meio de' e *rüngi* ou *rengi* 'colihue ou cana brava', de altura meia, *Chusquea coleu*: viver em meio dos colihues)
- Primer Wawtro, Segundo Wawtro* 'nome de dois riachos' (<*wawtru* 'gênero de arbustos compostos', *Baccharis*: nos riachos encontram-se estes arbustos)

c) plantas:

- Nankawe, Nalkawe* 'lugar, riacho, fundo' (<*nalka* 'nome vulgar de um pecíolo comestível do *pangue*, *Gunnera chilensis* ou *Gunnera scabra*, e *we* 'ação': onde há *pangue*)
- Wada, Wadawe* 'lugar, redução' (<*wada* 'espécie de abóbora, cabaça', comestível, *Curcubita*, e *we* 'ação': onde se produz *wada*)
- Ampeko* 'riacho' (<*añpe* 'espécie de samambaia', *Lophosoria cuadripinnata*, e *ko* 'riacho'; riacho onde há muito *ampe*)
- Wilowilo* 'rio' (<**willi* 'plantas liliáceas', chamadas também 'aleli do campo', *Leucocoryne* e *Nothoscordum*: rio onde há *wilowilo*)
- Chanchan* 'lugar, rio' (<*chañchañ* 'planta ciperácea de terreno úmido', *Scirpus setaceus*: onde há *chanchan*)
- Nilwe* 'lugar, povoado' (<*nilwe, nilgue* 'planta composta', cardo comestível usado na medicina, *Sonchus oleraceus*: onde há *nilwe*)
- Pichipon* 'fundo' (<*pichi* 'pequeno' e *ponü* 'batata', tubérculo da enredadeira *Dioscórrea* *huanqui*: onde se produz esta batata pequena)
- Mewin* 'praia, povoado' (<*mewin* ou *mewillin* 'planta malvácea purgante ou medicamento purgativo': onde há *mewin*)

- Ponpon* 'lugar, escola' (<**pülpül* 'voqui branco ou pilpil', enredadeira, Boquila rifoliata. Da planta fazem cestas e canastras: onde se encontra *ponpon*)
- Iñintumawida* 'cerro' (<*ünü* 'murta', nome de uma fruta, *Ugni Molinae*, *ntu* 'abundância' e *mawida* 'monte': cerro onde abunda a murta)
- Pua* 'povoado, estação de ferrovia' (<*pu* 'no meio' e *wa* 'grão ou planta de milho', de cor avermelhada da família das gramíneas, *Zea mays*: morar no meio do milho ou rodeado dele)
- Cocule* 'fundo, lugar, vau' (<*kokül* ou *kogüll* 'enredadeira de frutos comestível', *Lardizabala biternata*: lugar onde abunda o *kogüll*)

4.3.5 Zootopônimos

Como no caso anterior, os nomes de lugar relacionados com a espécie zoológica constituem outra fonte motivadora muito interessante da toponímia mapuche. Através deles, ainda, lembram-se alguns animais domésticos e bravios, várias classes de aves e pássaros, assim como os peixes e outras variedades que durante muitos anos lhes serviram de fonte alimentícia.

a) animais:

- Pichilwanko* 'riacho' (<*pichi* 'pequeno', *lwan* 'carnero da terra, guanaco', chamado também pelos mapuches *weke*, *Auchenia huanacus*, e *ko* 'riacho': riacho onde se encontra guanaco)
- Palmucho* 'cerro, lugar' (<**palüng* 'lagarto' e *mucho* 'muito', do espanhol: cerro onde há muito lagarto)
- Lonkopan* 'redução, fundo' (<*longko* 'cabeça' e *pangi* 'leão', *Felis concolor*. Também forma antropônimos)
- Angachilla* 'lugar' (<*anka* 'corpo, ventre' e *chilla* 'raposa', *Canis azarae*: raposa de corpo pequeno)
- Nawelbuta*, *Nawelfüta* 'cordilheira da costa' (<*nawel* 'tigre', *Felis onca*, e *füta* 'grande': onde há tigres grandes)
- Koipuwe*, *Koipúe* 'lugar, fundo' (<*koipu* 'roedor típico do Chile', *Castoreano Myopotamus coypus*, *we* 'ação': onde se encontra ou há *koypu*)
- Pullinke* 'lago, lugar' (<*pu* 'muito' e *llenki* 'rã': águas onde há muitas rãs)
- Puyewe* 'lago, povoado' (<*puye* 'peixe pequeno', parecido a sardinha, *Atherina speciosa*, e *we* 'ação': onde há muito *puye*)

Isla del Chingue 'ilha' (<*chiñge* 'pequeno carnívoro', *Mephitis chilensis*, caracteriza-se por sua urina mal cheirosa, pestilente: onde existe este animal)

b) aves:

Pindako 'povoado, lugar' (<*pinda* 'beija-flor', *Eutephanus galeritus*, e *ko* 'riacho': riacho onde há beija-flor)

Kumkumyaki, Kümkümrakiñ 'vale da cordilheira dos Andes' (<*kümküüm* 'escuro, ruído' e *rakiñ* 'bandurria, ave aquática', *Ibis melanopis*: lugar do ruído ou escuridão provocado pelas "bandurrias" quando iniciam o vôo)

Pilmayken 'rio, fundo' (<*pillmaiken* 'andorinha', *Cupselus leucophrigius*, e *ko* 'riacho': riacho das andorinhas)

Werere 'vale na cordilheira' (<*we-* 'novo' e *rere* 'pica-pau ou "carpintero"', *Picus magellanicus*: pica-pau novo)

Wiriwire 'riacho' (<*wirwirken* 'pato do mesmo nome': onde há pato *wirwirken*)

Yeko 'lugar, riacho' (<*yeku* 'pato preto, pato corvo', *Phalacrocorax brazilianus*, e *ko* 'riacho': riacho onde há pato *yeku*)

Chodoy 'lugar' (<*choroy* 'papagaio pequeno', *Psittacus leptorynchus*)

Pidenko 'lugar' (<*pideñ* 'ave palúdica', *Rallus rythrynchus*, grita nos pântanos e anuncia a chuva, segundo o folclore chileno, e *ko* 'riacho': riacho dos *pidenes*)

Wilkilefun, Wilkilel 'lugar' (<*wilki* 'zorzal, espécie de *Turdus fuscater*, e *lelfün* 'planície': planície onde há zorzal)

Pilpilko 'riacho, ponte' (<*püllpüll* 'voqui, uma enredadeira', *Boquila trifoliata*, e *ko* 'água': água ou riachos onde há *pilpil*)

Melipeuko 'povoado, redução' (<*meli* 'quatro' e *pewkü* 'ave de rapina', *Buteo inicintus*: no lugar moram quatro famílias (ou caciques) da estirpe *peuko*)

Lautaro 'cidade' (<*lau* 'calvo' e *traru* 'ave de rapina muito comum, *Caracara vulgaris* ou *Polyborus trarus*: traru calvo)

Kaukau 'rio' (<*caucau* 'gaivota grande, *Larus dominicanus*: onde há *caucau*)

4.3.6 Antropotopônimos

O costume de batizar a terra com o nome do proprietário é remoto no mundo ocidental, e poderíamos dizer que o povo mapuche também participa desta atitude. Mas, os princípios que eles consideram para formar os sobrenomes merecem algumas explicações especiais.

Com relação aos nomes autóctones de origem antroponímica, diremos que a maior parte dos sobrenomes indígenas são formados por dois termos, sendo o segundo, o principal, e o que corresponde à linhagem ou estirpe da pessoa, e em sentido restrito corresponderia ao sobrenome, e o primeiro, individualiza a pessoa, e seria o nome pessoal.

Assim, por exemplo, *Mankeante* e *Raileu* estão constituídos por dois termos: *Mankeante* 'nome de um cacique' (<*mañke* 'condor', nome individual, e *antü* 'sol', a linhagem: condor do sol, ou seja, expressa a nuance de poder e mando, o condor que está vindo do sol ou aquele que tenha voado mais alto e perto do sol); e *Raileu* 'nome de cacique' (<*ray*, *rayen* 'flor' e *leu*, *lewfü* 'rio': rio de flor ou rio florido). (Moesbach 1953: 7 e 143; Pedersen 1992: 87).

Um outro aspecto importante, que amplia os dados apresentados, corresponde às reflexões e comentários históricos feitos por Latcham (1928: 173) no começo do século. Ele disse que, concomitantemente à chegada dos espanhóis ao sul do Chile, os mapuches estariam trocando o costume de considerar a descendência pela mãe e pelo pai, e dois séculos e meio depois teriam começado a usar o sobrenome do pai.

Além dessas observações, ele também pensa que as denominações totêmicas -esse ser espiritual que anima um animal, uma ave, um réptil, uma planta, um astro, ou os fenômenos e aspectos da natureza, etc.- socialmente, têm sido utilizadas como um sistema de nomear-se ou de parentesco, de maneira que o antepassado, ou fundador da família, fazia uma espécie de aliança com o tótem, contraindo o seu nome e transmitindo-o mais tarde a seus descendentes, constituindo-se, assim, o sobrenome da família. As denominações mais freqüentes são as relacionadas com: (1) o espírito guerreiro do povo (*kona* 'valente', *waike* 'lança', *linko* 'exército'); (2) o corpo (*anka* 'corpo', *ange* 'cara', *namun* 'pé'); (3) o céu (*wenu*, 'céu', *antü* 'sol'); (4) a paisagem e a topografia (*lelfün* 'planície', *mawida* 'bosque', monte); (5) as águas (*ko* 'água', *trayen* 'cachoeira'); (6) o reino mineral (*kura* 'pedra', *llanka* 'malaquita', *milla* 'ouro'); (7)

o reino animal, de preferência os animais que representam a astúcia e a força (*ngürü* 'raposa', *pangi* 'leão', *mañke* 'condor'); (8) as cores (*kallfü* 'azul', *kolü* 'vermelho', *kurü* 'preto'); (9) os números (*küla* 'três', *meli* 'quatro', *mari* 'dez'); (10) o reino vegetal, principalmente (*rayen* 'flor', *rayün* 'florescer', *koyam* 'roble', o qual representa a força e a longevidade); etc.

Em relação à motivação de caráter totêmica a informação bibliográfica e os dados do *corpus* demonstram que o tótem *kura* 'pedra' é o mais usado no território indígena. Latcham (1924: 80), ao começo do século, descreveu o seguinte sobre esta forma de pensamento mítico:

"...los indígenas sabían que (las piedras) eran reliquias de sus antepasados y los que llevaban el tótem *cura*, suponían que eran los símbolos de su *cüga* (tótem) y les dispensaban el respeto y la reverencia correspondientes dejando en ellas sus ofrendas y, a menudo, haciendo sus rogativas en aquellos mismos lugares" (O grifo é nosso)

Neste sentido, não se pode esquecer, por outro lado, que o papel destes registros do cotidiano, revelado em atitudes e posturas sociais, específicas de alguns grupos humanos:

"...preservam-se na memória coletiva, principalmente nas sociedades ágrafas, onde sua importância é mais notável pela ausência de outras fontes de análise" (Dick 1990: 286)

E os aspectos semânticos presentes nos nomes de pessoas exercem o rol de:

"Verdadeiras manifestações culturais dos povos, e onde transparecem os mais diversos motivos determinantes de sua escolha" (Dick 1990: 286)

De um modo geral, portanto, a partir do século XIX, a influência das denominações do Cristianismo veio alterar a maneira como os mapuches recebiam seus nomes.

Em suma, os mapuches tinham nome próprio e sobrenome, e da maneira como eles foram batizados pelos missionários com os nomes do santoral (Juan, Pedro, José, Carmen, María, Antonio, etc.) suas antigas criações nominais juntam-se a estas novas formas e constituem-se agora em: *Juan Calfucura*, *Bernardo Ñanco*, *Francisco Huenupangui*, *Fernando Carilao*, etc.).

Por outro lado, temos percebido que alguns mapuches escolheram nomes e sobrenomes espanhóis, especialmente de militares famosos com notoriedade histórica. Lembrem-se os casos dos caciques *Pancho Bulnes* (Francisco), no Chile, e *Mariano Rosas*, na Argentina (Erize 1960: 103).

Com relação à aliança com o tótem, convém destacar que este esquema de elaboração mental era sentido como uma necessidade vital entre os indígenas, e dessa forma eles podiam alcançar a proteção por parte do tótem e gozar de seus benefícios, além de sentir orgulho pessoal e exteriorizá-lo através de diversos meios, como pintar o próprio rosto ou o corpo com diferentes símbolos totêmicos e levar adornos para demonstrar sua linhagem. Segundo Latcham (1924: 80):

"...no sabemos a punto fijo hasta qué época duró el uso del tótem entre los araucanos, pero a no dudarlo persistió hasta fines del siglo XVIII [...] y probablemente más tarde entre las tribus más apartadas. En la actualidad, los indios no tienen conocimiento de esta institución, y se ha perdido hasta el significado de la voz *cúga*, que no figura ya en el vocabulario. Sin embargo, la serie de apellidos introducidos por aquel sistema persiste y forma las alcurnias más rancias y más respetadas por los araucanos, quienes sólo saben de ellas que las han heredado de sus antepasados"

Valeria por último assinalar que, de acordo com as opiniões tradicionais, que sustentavam que os indígenas pegavam seus sobrenomes dos vales dos quais eram donos, cada vez esta idéia aparece mais debilitada frente à contribuição de Latcham (1928: 145). Segundo ele, os mapuches tinham nomes e sobrenomes herdados de suas mães, aos quais agregavam um qualificativo para formar o nome próprio: como números (*Mari lwan* 'dez guanacos'); cores (*kallfü kura* 'pedra azul'); ou outros elementos distintivos (*Likan ray* 'flor do pedernal), como já foi dito.

Pedro de Valdivia, descobridor do Chile, na carta do 25 de setembro de 1551 escreveu (citamos por Latcham 1928: 144):

"Repartí todos los caciques (desde Concepción a la Imperial) por sus levos, cada uno de su nombre, que son como apellidos, y por donde los indios reconocen subjección a los superiores".

No mesmo sentido, temos outro documento do século XVII sobre um litígio de terras que diz:

"...que todas las tierras siempre se nombran como los cacique dellas".

Certamente, tudo indica que era o cacique quem dava o nome às terras, e não o contrário. Este fato tradicional também foi escutado por nós durante a coleta do material; vários informantes ainda pensam que o nome do lugar corresponderia ao nome do cacique que habitou essa terra. Vejamos alguns exemplos:

a) Relacionados com nomes e sobrenomes:

Comunidad Millan 'redução' (<*milla* 'ouro': pelo nome do primeiro cacique)

Comunidad Ñamko 'redução' (<*ñamku* 'águia de coloração escura e pequena, Buteo erythronotus: nome do primeiro cacique)

Kuriñamko 'redução' (<*kurü* 'preta, escura' e *ñamku*: águia escura: nome do cacique)

Kilape 'redução' (o nome do primeiro cacique foi *Kilape López*)

b) Relacionados com características da pessoa

Koñaripe 'povoado, vale' (<*kona* ou *koña* 'guerreiro jovem' e *rüpü* 'caminho': desfiladeiro dos guerreiros)

Los Conales 'povoado' (<*kona* ou *koña* 'guerreiro jovem')

Angelonko, Allillonko 'lugar' (<*angelonko* 'morto sentado': no lugar uma pessoa foi encontrada morta, fria e sentada, na neve)

c)Relacionados com apelidos

Winkaromero 'redução' (<*wingka* 'chileno, estrangeiro' e *Romero*, apelido,: nome de um cacique mestiço)

Reducción Kuriche 'redução' (<*kurü* 'negro' e *che* 'gente': gente negra)

Trintre 'redução' (<*trintre* 'cabelo crespo': o cacique tinha o cabelo crespo)

Weñebale 'lugar, redução' (<*weñefe* 'ladrão' ou *weñefalün* 'mandar roubar': lugar onde ocultavam o gado roubado)

Mariwala 'redução' (<*mari* 'dez' e *wala* (V. *Walafken*): o longko ou cacique que tem dez mulheres, com a nuance de homem que gosta muito de mulheres)

4.3.7 Mitotopônimos

Nesta seção apresentam-se topônimos relacionados com crenças e mitos mapuches, especialmente aqueles associados ao espírito da natureza (animismo), as crenças no poder espiritual (animatismo) ou aos fenômenos e objetos naturais (naturalismo).

Na cultura mapuche, a água e a montanha, por exemplo, identificam-se com seres especiais, muitas vezes donos desses lugares, como os riachos, as lagoas, os cerros, as colinas, etc., os quais podem apresentar-se ante as pessoas em forma antropomorfa ou zoomorfa, disfarçados de animais ou seres mitológicos (Greve 1988: 72-73; Dillihay 1992: 84-94).

Neste sentido, será interessante desenvolver outras pesquisas de caráter interdisciplinar e com um bom conhecimento do *mapudungun*, que possam explicar melhor a cosmologia indígena e, em particular, a mapuche.

Ngürüvilo 'cordilheira, cerro' (<*ngürü* 'raposa' e *filu* 'cobra': onde tem sido visto esse animal mitológico)

Renge 'vale da cordilheira' (<*renü* 'cova grande ou casa de bruxos': onde se reúnem os bruxos, de acordo com a mitologia mapuche)

Trentren 'cerro' (cerros míticos, o mito refere-se ao dilúvio)

Kawñiku 'rio, povoado' (<*kawiñ* 'festa, reunião' e *wekufü* 'diabo': onde se reúnem os diabos)

Rukalwe 'povoado' (<*ruka* 'casa' e *alwe* 'alma')

Piwchenko 'riacho' (<*piwchen* 'cobra com asa parecida à um galho' e *ko* 'água') *Lanalwe* 'lago' (<*llan* 'perder-se' e *alwe* 'alma')

4.3.9 Numerotopônimos:

Eputrayen 'nascente' (<*epu* 'dois' e *traige* ou *trayen* 'ruído da água': duas cachoeiras ou duas quedas de água)

Marikina 'povoado' (<*mari* 'dez' e *künga* 'linhagem ou estirpe': dez linhagem)

Kechupülli 'fundo' (<*kechu* 'cinco' e *pülli* 'colina': cinco colinas ou ladeiras)

Melirewe 'redução' (<*meli* 'quatro' e *rewe* 'altar mapuche': quatro altares)

Melikina 'redução' (<*meli* 'quatro' e *künga* 'linhagem': quatro linhagem)

Kechuko 'riacho' (<*kechu* 'cinco' e *ko* 'riacho': lugar com cinco riachos)

Kayuruka 'povoado' (<*kayu* 'seis' e *ruka* 'casa': seis casas)

Purrakina 'redução' (<*pura* 'oito' e *künga* 'estirpe': oito estirpes)

Külamanzano 'lugar' (<*küla* 'três' e *manzano* 'maceiro': três macieiras)

Kiñenawin 'lugar' (<*kiñe* 'um' e *nawin* ou *nawel* 'tigre': um tigre)

4.4 Classificação da Toponímia Hispânica

A toponímia que repousa na tradição hispânica coletada na região, e que veio em substituição aos nomes indígenas estabelecidos, encontra-se localizada nos lugares das antigas cidades fundadas pelos conquistadores, próxima às vias fluviais, às vias marítimas e aos caminhos utilizados pelos espanhóis durante a época da Conquista e Reconquista da parte sul do Chile.

A respeito da nova nomenclatura e expressões implantadas pelo conquistador, distinguem-se aquela vinculada à temática da guerra e situação histórica do século XVI, e à exaltação dos bens espirituais.

Com o lento processo de expansão, os indígenas começam a perder suas terras, e os antigos nomes são substituídos por outros de origem heterogênea e desconhecida. Por outro lado, a administração introduz outros elementos na divisão da terra e impõe novos nomes, como *chacra* 'chácara', terreno de extensão pequena; *predio* e *parcela*, extensão média; e *fundo* e *hacienda*, extensão maior.

Quanto às mudanças dos nomes de lugar nesta região, historicamente, iniciaram-se na tarde de 17 de setembro de 1544, quando Pastene chegou ao

primeiro porto e, na coberta do navio, batizou-o *San Pedro*, numa comprida e curiosa cerimônia, incluindo terras, ilhas, rios e portos vizinhos. Ela termina com a posse do mar e:

"...de aquella tierra y provincia, por S.M." (Guarda 1953: 12-16)

Em primeiro lugar, existe um outro aspecto interessante que não deveríamos esquecer, relacionado com as motivações de caráter histórico que surgiram durante o período em que se definiam uma época e um sistema político-administrativo diferentes. Marsá, aliás, discute estas mesmas idéias no caso da toponímia da conquista e reconquista espanhola (1960). Os topônimos da região sul do Chile da primeira época são testemunhas desse passado bélico, especialmente nos lugares estratégicos ou praças de acampamento militar onde, para proteger o espaço conquistado e assentar o poder, foi necessário construir meios e condições de defesa, como fortes, baluartes, baterias, torres e castelos inexpugnáveis (*Fuerte de Concepción, Fuerte de Mancera, Fuerte de Amargos, Torreón del Barro, Batería del Molino*).

Apartir de 1551, com a chegada do Conquistador do Chile, Pedro de Valdivia, inicia-se a fundação de várias cidades na parte centro-sul e sul da região mapuche, constituindo-se a cidade de *Valdivia*, localizada junto à desembocadura do rio do mesmo nome, a melhor expressão estratégica da época, que foi até descrita por alguns historiadores como "La Sevilla de Indias". Segundo Guarda (1953:19):

"...la ciudad que durante siglos fuera reputada por su posición estratégica el *Antemural del Océano Pacífico*, que gozara de la fama de ser el puerto mejor fortificado de los dominios del rey de España y que fuera escenario, durante la guerra de la Independencia, de una de las más brillantes acciones militares de la historia americana" (Guarda 1953:19) (O grifo é nosso)

Acrescentam-se, ainda, ao lado norte de Valdivia, o *Fuerte de Mariquina* (1551), o *Fuerte de Villa-Rica* (1552), o *Fuerte de La Imperial* (1551) e, na bacia do *Río Bío-Bío*, ou seja, no limite norte de La Araucanía, o histórico *Fuerte de*

Concepción, que mais tarde se converteria numa cidade, o *Castillo de Nacimiento* (1603) e *Fuerte de Santa Juana de Guada-Alcázar* (1626). Outros fortes, baterias e fortalezas começariam a criar-se a partir destes dois lugares estratégicos.

Junto aos topônimos anteriores aparecem aqueles relacionados com o Cristianismo. Eles nos permitem conhecer o sentimento religioso e a profunda fé e devoção que sentia o soldado espanhol por sua religião. Fé que, em certo sentido, atuou como força interna e tornou possível a gigantesca façanha da Conquista no século XVI (Bernales 1990: 42). Ainda existem muitos nomes religiosos convertidos em hagiotopônimos vinculados ao geográfico e que lembram a presença do espanhol nestas terras. Compare-se a reflexão de Dick (1990: 311) relativa a esta manifestação:

"A razão de ser dessa toponímia de origem religiosa encontra no homem, ou no denominador, a sua expressividade, objetiva e concreta. Legítimo produto de uma mentalidade de época, liga-se a todo um processo subjetivo de reflexão, muito mais próximo, portanto, do intangível, que das manifestações reais do mundo sensível, a cercar o ambiente natural onde o indivíduo se movimenta".

O exame dos topônimos também demonstra que algumas vezes a motivação do nome vem diretamente do santoral romano como aconteceu no caso de *San José de Alcutia*, e, outro menos lembrado, *Punta San Mateo na Bahía de Corral* (Guarda 1953: 13).

Na análise dos hagiotopônimos, tudo leva a crer, pois, que existia entre os conquistadores uma veneração muito forte por alguns nomes de santos, que se repetem várias vezes, especialmente: *San Pedro* 'porto, rio, lugares, fundo', *San Juan* 'lugar, fundo', *San Francisco* 'convento, fundo', *San José* 'povoado', *Santo Domingo* 'lugar, rio, fundo, povoado', *San Ramón* 'fundo, lugar', *San Luis* 'povoado, fundo', *Santa Carmen* 'fundo', *Santa Teresa* 'fundo', *Santa Rosa* 'povoado, lugar', etc.

Além dessas expressões, registram-se outras relacionadas com a devoção à Virgem Maria, como *Nuestra Señora de la Limpia Concepción de Monfort de Lemos* (nome do antigo *Castillo de Niebla*), *Fuerte de la Concepción* (forte do lugar de *Río Bueno*), *Estero Santa María* 'riacho', *Nuestra Señora de los Remedios* 'convento',

Calle de las Mercedes 'rua', *Santa Juana de Guadalcazar* (forte em *Santa Juana*). Outras motivações religiosas encontram-se igualmente relacionadas com o culto e consagração, como *Madre de Dios* 'minas de ouro', *Virgen del Rosario* 'igreja', *Santa Bárbara* 'povoado', *Santa María la Blanca* 'igreja', etc.

Paralelamente à conquista do território, encontra-se a grande campanha espiritual e inicia-se o processo de conversão dos mapuches fundando-se nesse momento inúmeras missões. Conforme a história, os primeiros desvelos de pacificação das almas devem-se aos clérigos mercedários e dominicanos, e mais tarde, aos jesuítas e franciscanos¹². A característica principal na criação do nome foi a de manter o topônimo mapuche. Daí *Misión de Toltén*, *Misión de Boroa*, *Misión de Wanewe*, *Misión de Arique*, *Misión de San José*, etc. Algumas deram origem a povoados, como aconteceu com a de *Toltén*, *San José*, *Quilaco*.

As principais fontes bibliográficas consultadas a respeito da toponímia hispânica são: a *Historia de Valdivia e 1645-1850 y La Toma de Valdivia* de Fernando Guarda; o *Album Bibliográfico* de Valdivia, sem autor; a *Revista En Viaje* (número especial); o *Glosario Etimológico* de Armengol Valenzuela; o *Los aborígenes de Chile* de José Toribio Medina; a *Historia de San José de La Mariquina (1551-1990)* de Paulo Pedersen; o *Los aborígenes chilenos a través de crónicas y viajeros* de Horacio Zapater; a *Historia del pueblo mapuche* de José Bengoa; o *Y así nació La Frontera* de Ricardo Ferrando; o *El primer avance a La Araucanía. Angol 1862* de Arturo Leiva; etc.

4.4.1 Classes de solo

Los Barros, *Los Arenales*, *Arenales*, *Pedregal*, *Pedregoso*, *Cerro de Piedras*,
Los Cascajos, *El Escorial*, *Las Toscas*

4.4.2 Morfotopônimos

¹² Um documento elaborado pela Municipalidad de Quilaco "Reseña histórica de los pueblos de Quilaco y Rucahue", mostra em linhas gerais os acordos e convênios entre índios e missionários. Na assembléa do 5 de março de 1761 na *Missão Franciscana de Quilaco*, assistem o Procurador General de Misiones, Fray Juan de San Antonio, o "Capitán de Amigos" e os caciques vizinhos, e acerta-se o seguinte: "...el padre misionero debía tener un indio para su servicio; los mapuches debían obediencia al misionero, no podían salir de la reducción sin licencia del misionero y el cacique; los niños debían concurrir a la catequesis y los grandes a la misa, nadie debía salir a "malocar", es decir, al pillaje; debían evitar las borracheras y malas relaciones públicas, se les permitía "conchavar" o cambiar especies por ropa a los españoles; no debían tener más de una mujer; debían agrupar sus "rucas" o casas alrededor de la misión y formar pueblo, con el fin de recibir instrucción del misionero más fácilmente".

As denominações geográficas que provêm da morfologia do relevo possuem uma variedade interessante devido às condições naturais da região: litoral, Cordilheira da Costa, Vale Central e Cordilheira dos Andes.

a) Elevações do terreno (cordilheiras, montes, morros, cerros):

Cordillera el Buey, Cordillera el Toro, El Parque de los Ciervos, Las Ranchas, Cordillera Frutillar, Siete Picos, La Loma Atravesada, La Muerte, Colmillo del Diablo, Las Romasas, Sierra Velluda, Las Castellanas, Las Bayas, Las Vegas Los Cristales, El Filo de la Bandera; Monte Redondo, Monte Verde, El Mirador, Monte del fundo el Salto; Monte Valencia, Monte de las Viudas, Monte Mateo Coliman; Morro Gonzalo, Morro Bonifacio; Cerro Redondo, Cerro Mocho, Cerro Partío, Cerro Descabezado, Cerro los Mellizos, Cerro Pan de Azúcar, Cerro Montura, Cerro Lomo de Toro, Cerro Blanco, Cerro Negro, Cerro Colorado, Cerro Quemado, Cerro Milagro, Cerro el Malo, Cerro la Bruja, Cerro el Diablo, El Infiernillo, Cerro Caballo Bravo, Cerro de la Mona, Cerro de los Peucos, Cerro el Ataul, El Palomar.

b) Depressões do terreno (barrancos, baixadas):

Quebrá Honda, Quebrá el Temblor, Corte el Piñón, Risco Vallejos, Zanja, Mortandad, La Quebrá del León, La Quebrá de la Zorra, La Quebrá del Moro, Cuesta de la Culebra, La Vuelta de la Culebra, Cuesta de Soto, Cuesta Durán, Cuesta el Tostao, Cuesta Lastarrias, Cuesta de Arena, Bajá del Diablo

c) Superfície plana (planícies, vales, vales cordilheiranos):

Loma de la Diuca, Lomas de Angol, La Loma de la Cruz, Las Lomas de Tucapel, Los Llanos, Las Vegas, Vega Redonda, El Bajo de la Callana, Vegas de Pelahuenco, Bajo los Copihues, Rinconá de la Laja, Los Potreros

d) Outros acidentes do terreno (passagens estreitas, ilhas, praias)

El Paso de las Quilas, La Pasá del Diablo, Paso de las Ranas, Paso Paz (pelo sobrenome da família), Boca del Diablo, Isla del Rey, Isla Teja, Isla Mota, Isla Mancera, Isla Realeja, Isla Santa María, Isla Chijete de la Vieja, Isla Blanca, e três ilhas fluviais, Isla de Vergara, Isla del Duqueco, Isla de la Laja. Playa Blanca, Playa Faro Viejo, Playa el Saco, Playa Linda, Playa el Chino, Playa los Lobos, Playa el Chivo

4.4.3 Hidrotopônimos

a) Cursos de águas naturais:

Estero de la Aguada, Estero de la Poza, Estero de la Paloma, Estero de la Plata, Arroyo del Ternero, Arroyo Piedra Colorá, El Cenizo, El Pescado, Estero la Princesa; Río Cruces, Río Tornagaleones, Río Tornafragatas, Río San Pedro, Río Vergara, Río de Engorda, Río la Mancha, Río de la Junta, Río Plegaria; Río Imperial, Río Damas, Laguna Angostura, Laguna el Laja, Laguna el Potro, Laguna San Pedro, Laguna Sánchez, Laguna Hidalgo, Las Venenosas, La Verde, La Negra La Chascuda, Las Mellizas, El Canelo, La Agua Azul, María Jesús; El Salto, El Saltillo, Salto Chico, Salto Grande, Salto del Centro, La Cascada, El Salto de la Turbina, El Salto Malven, Salto El Laja, Chijeta de la Vieja; Agua Buena, Agua Enterrá, Vertiente los Manantiales, El Agua de las Niñas, Agua Santa, El Saltillo de las Minas, Vado de Negrete

b) Canais artificiais:

Canal Bío-Bío, Canal Chufquen, Canal el Globo, Canal los Monos, Canal Parque Miraflores, Canal de Piñuela, Canal Zañartu, Canal Yanki, Canal Ñipaco, Canal el Ñanqui, Bocatoma

4.4.4 Litotopônimos

Referentes ao tamanho e forma das pedras, às rochas

Piedra Blanca, Piedra Overa, Piedra Mora, Piedra Pará, Piedra Marcá, Piedra Cruz, Piedra Peiná, Piedra el Abanico, Piedra Colgá, Piedra Meona, Piedra Resbalosa, Piedra Descachaora, Piedra de la Angostura, Piedra el Sapo, Las Cabeceras, Piedra el Burro, Piedra el Aguila, Piedra de la Cabra, La Peña del Lobo, La Lobera, Piedra Mala, Escalera del Diablo, Piedra Pata del Diablo, La Peña del Conde, Piedra la Gaviota

4.4.5 Designações referentes às coisas existentes no lugar ou alguma característica especial observada

Casa Blanca, Rancho Grande, Palo Muerto, Hacienda los Cántaros, La Turbina, Punta Ancla, Las Ventanas, Tres Ventanas, Las Quemadas, La Cruz Blanca, Puente Hediondo (aguas sulfúricas), Puente Negro (águas negras), Los Planchaos 'lugar' (troncos colocados no caminho para passar no inverno), Banderamahuida 'cerro' (colocaram uma bandera no cimo), Las

Maletas 'ilhas'(duas ilhas parecidas às malas); *Puente las Toscas, Puente el Ratón, Puente el Guadrao*

B. Toponímia referente às manifestações vitais

4.4.6 Fitotopônimos

Ciruelos 'povoado', Manzanar, Manzanal, El Manzano, El Peral, El Alamo, El Castaño, El Nogal, El Almendro, Guindo Chico, Guindo Grande, Los Guindos, Los Pinos, Los Laureles 'povoado', Los Canelos, Los Aromos; Los Sauces 'povoado', Los Notros, El Membrillo, El Naranja, Tres Espinos; El Cardal, El Ovillo, El Papal, El Trébol

4.4.7 Zootopônimos

El Toro 'lugar, cova', Los Guanacos 'fundo', Los Venados 'fundo', El Buey, La Quebrá de la Zorra, Loma de la Diuca, Los Ganzos 'rio', Las Gaviotas 'lugar', Los Patos 'lugar', Las palomas 'lugar', Los Cuervos 'laguna', Cerro Camarón, El Pescado 'riacho'

4.4.8 Antropotopônimos

As formas antroponímicas convertidas em topônimos evocam os nomes ou sobrenomes dos primeiros donos da terra durante o período da Colonização que geralmente eram chamados de "vecinos" ou "encomenderos":

Morro Gonzalo (vizinho Gonzalo Bazán)

Morro Bonifacio (Luis Bonifacio, primeiro prelado de Valdivia)

Isla Valenzuela (Francisco Pérez Valenzuela, primeiro dono da ilha)

Balneario de Niebla (encomendero Francisco de Niebla)

Puerto de Corral (vizinho Antonio de Corral)

Isla Vergara (ilha de caráter fluvial, delimitada por rios e usada como praça militar durante a Conquista)

Río Vergara (um dos limites da ilha Vergara)

Cerro Chuma (nome de uma pessoa que pegava árvores do cerro, chamado Chuma Díaz)

Pasarela Checofica 'passarela' (lembra o nome do dono da passarela, Sergio Fica)

Colonia Mendoza, Colonia Rodríguez, Colonia Monte Aguila, Colonia San Guillermo

Ercilla 'povoado' (pelo nome de Alonso de Ercilla y Zuñiga, autor do poema épico *La Araucana*)

Cancha de los Salas 'lugar' (planície no terreno da família Salas havia corridas de cavalos)

4.4.9 Hagiotopônimos

a) Nomes de Santos:

San Pedro, San Gabriel de Rihue, San Juan de Renaco, San Carlos, San Ramón, San Paulo, San José; Santa Rosa, Santa Luisa, Santa Silvia, Santa Ana, Santa Teresa; Fuerte San Francisco de Borjas, Fuerte San Carlos de Purén

b) Lugares de culto:

La Gruta, La Gruta de Lourdes, La Catedral, La Capilla, La Merced, El Sagrado Corazón

c) Relacionados com a Virgem Maria:

Santa María la Blanca (primeira igreja de Valdivia), *La Virgen de Lourdes, Madre de Dios, Fundo Santa María, Estero Santa María, Río Santa María*

d) Cargos eclesiásticos:

Estero el Obispo, Agua del Obispo, Cerro el Padre, Los Obispos

e) Relativo à vida ultraterrena e elementos religiosos antagônicos:

Las Animas 'lugar', *La Muerte* 'cordilheira', *La Chascuda* 'lagoa' (pela morte), *Cerro la Bruja, Piedra Bruja, Piedra del Diablo* 'pedra', *Cerro el Diablo, Bajá del Diablo, La Pasá del Diablo* 'passo estreito', *Boca del Diablo* 'passo estreito', *Escalera del Diablo, Piedra Pata del Diablo, El Colmillo del Diablo, El Infiernillo*

4.4.10 Manifestações humanas

Há várias formas toponímicas que refletem as atividades humanas, tais como os limites dos territórios conquistados, vias de comunicação, história de tradição local, "classes de vivenda"(quintas), ruas, caminhos, pontes, etc. e merecem ser estudadas dentro desse contexto histórico. Conhecendo a importância que estas denominações tiveram na vida do homem dessa época, podemos averiguar qual foi o motivo principal que lhes serviu para selecionar o nome mais adequado em cada caso. Exemplos:

1. Caminhos, estradas (pelo geral, lembram o nome do povoado ou a cidade que comunicam):

Camino a Quitaluto, Camino a Río Bueno, Camino Viejo a La Unión, Camino al Volcán, Camino a Villarrica, La Matriz 'atalho', Camino a Miraflores, Camino Ejército (Caminho antigo da época da Conquista), *Camino a la Barra*

2. Pontes:

Puente Piedra Blanca, Puente San José, Puente Mellizos, Puente el Perro, Puente Cuarenta, Puente Salinas (pelo nome do engenheiro Salinas), *Puente la Leona* (pela força e valor de uma mulher que matou seu esposo na ponte), *Puente Laulau 1, 2 e 3*

3. Relação com a história e a tradição local:

Baterias, Fortes, Castelos:

Batería de Chorocamayo, Batería del Morro Gonzalo, Batería del Piojo, Batería el Molino, Batería del Carbonero, Batería del Barro, Batería del Bolsón; Fuerte de San Carlos, Fuerte de la Aguada del Inglés, Fuerte de Vallenar, Fuerte Trubunleo, Fuerte del Nacimiento de Nuestro Señor, Fuerte de Las Animas; Castillo de Niebla, Castillo de San Pedro de Mancera, Castillo San Luis de Alba de Cruces, Castillo San Luis de Alba de Amargos; Torreón del Barro, Torreón de los Canelos o de Cantarranas

Missiões:

Misión de la Purísima Concepción de Quilaco, Misión de San José, Misión de Arique, Misión de Niebla, Misión de Cudico, Misión de Huenehue, Misión de Río Bueno, Misión Franciscana de Mulchén

Fundos:

As grandes superfícies de terrenos, chamadas "fundos e haciendas", normalmente identificam-se com um nome, o qual, através do tempo, tem se constituído numa nova classe de topônimos que lembram no geral nomes de santos, ou o sobrenome do dono, ou nome da esposa, ou alguma característica especial. Alguns, ainda, conservam-se como nomes de povoados, riachos, estação de ferrovia, etc. Os nomes mais freqüentes coletados são os fundos:

Soloyó, Poco a Poco, Capricho, Mariposa, Carmen Grande, Aguas Blancas, Matanza, Montecabro, San Agustín, Alejandro, Andrés, Antonio, Bernabé, Carlos, Cornelio, Domingo, Eloy, Ernesto, Francisco, Gabriel de Rihue, Gerardo, Gregorio, Isidro, Jorge, José, Juan, Justo, Lauro, Lorenzo, Luis, Miguel, Nicolás, Paulo, Pedro, Rafael, Ramón, Roque, Rosendo, Martín, Vicente. Santa Adriana, Alicia, Amelia, Ana, Anatilde, Anselma, Bárbara, Berta, Catalina, Clara, Elena, Elisa, Elcira, Ema, Emilia, Filomena, Fresia, Gertrudis, Helena, Inés, Isabel, Juana, Julia, Laura, Lucía, Luisa, María, Margarita, Marta, Mónica, Raquel, Rosa, Sara, Silvia, Soledad, Teresa, Victoria.

4.4.11 Referentes à "Orientação" e "Localização" geográfica

Existem alguns nomes e expressões que apresentam referências estáveis que constituem verdadeiros pontos cardinais, e informam sobre a distância, altura e localização de um topônimo.

Alto Mirador, Bajo los Copihues, Bajo Malleco, Calle del Medio 'caminho', Salto del Medio, Alto de la Paloma, Bajo de la Paloma, Bajo de la Obra, Tromen Alto, Tromen Bajo, Tromen Rincón.

4.4.12 Cromotopônimos

Las Castellanas, La Bayas, Laguna Negra, Laguna Azul, Piedra Overa

4.4.13 Numerotopônimos

(Em geral, indicam um lugar perto de uma estrada, o quilômetro onde ele fica, ou outra característica):

*El Uno y Medio , Sector Cinco 'lugar', Sector Siete 'lugar', El Cuatro 'lugar
perto de um caminho', El Dieciocho, El Dos, Kilómetro Dos, El Tres, Kilómetro
Cuatro, El Veinte, Quinta Faja, Las Quinientas '500 Hectáreas', Tres Pinos,
Tres Cerros, Siete Picos, El Crucero de la Sétima, Cinco Laureles, Cinco
Manzanos, Puente Cuarenta*

C. Toponímia referente à Criação Metafórica

*El Manto de la Novia 'salto', El Velo de la Novia 'salto', El Salto del León 'salto',
Agua Tendida, Agua del Perro, Agua de las Niñas, Agua de la Torcaza, El
Tren 'cordilheira', Pata de Gallina 'cordilheira', Pata de Vaca 'riacho'*

4.5 Classificação da Toponímia de outras colônias européias

Trezentos anos depois da aventura espanhola do século XVI, chegam os primeiros colonos alemães ao Porto de Corral. Em 1850, o agente de colonização, Don Vicente Pérez Rosales, era responsável da vinda dos migrantes e da distribuição das terras às famílias que se estabeleceriam ao lado sul e ao norte da Província de Valdivia, e algumas, formadas por profissionais, ficariam na própria cidade.

A experiência e o novo espírito de trabalho que trouxeram os alemães permitiu a Valdivia e à região sair da decadência geral pela qual atravessava nessa época. Ao final do século XIX, o auge industrial, econômico, social e educacional fazia esquecer a crise da primeira metade do século. Assim, nasciam as primeiras indústrias, estaleiros, casas comerciais, farmácias, bancos comerciais,

centros culturais, colégios, hospitais, construção de parques e uma vida cultural muito europeia.

Sem dúvida, as novas atividades esgotaram a mão de obra local e regional, sendo necessário procurar pessoal de outras províncias, cujo resultado foi o grande crescimento da cidade.

A segunda metade do século XIX, em especial o período que se estende de 1862 a 1890, é, sem dúvida, do mais alto significado na história da colonização do território mapuche. O item IV do plano referente à colonização estrangeira, elaborado pelo General do Exército de La Frontera, Don Cornelio Saavedra, considerava vários pontos que tinham o caráter de prévios ao desenvolvimento do processo. Ele diz em primeiro lugar (Ferrando 1986: 337):

"La colonizacion extranjera es otro de los medios que deben entrar en la reduccion i civilizacion de los indígenas [...] destinándose la estension de terrenos que sean mas conveniente a desarrollarla i radicarla. La enajenacion de pequeñas propiedades, a nacionales i extranjeras, i la cesion de otras a los colonos, haria que la colonizacion fuese mas fecunda en sus resultados, reuniendo en un mismo punto distintas nacionalidades i facilitando la asimilacion de los colonos i nacionales i la introduccion i propagacion de industrias mas perfeccionadas i de hábitos mas laboriosos". (O grifo é nosso)

Através do grifo de este exemplo e do próximo, é possível observar o pensamento pragmático de Saavedra; a forma como ele esperava, ainda, reduzir o povo mapuche, pegando suas melhores terras; e que o plano conseguisse a desejada assimilação entre culturas tão diferentes que ele esperava.

Em segundo lugar, diz Saavedra que os colonos seriam selecionados antes de vir a La Araucanía e, a maior parte, deveriam ser agricultores. Além disso, e de acordo com o plano, também seria possível trazer:

"...colonos con especialidades, pero siempre que fueran solicitados por la agricultura en las variadas actividades de producción y de transformación, como son trabajadores especializados en la producción de mantequilla, queso, miel y

frutas, viñateros, cecineros, como también mecánicos y herreros que pudieran fabricar, en las pequeñas herrerías de las haciendas, herramientas y ser capaces de reparar la rudimentaria maquinaria agrícola" (Ferrando 1986: 511).

Em 1890, o Governo chileno fechou a Agência de Colonização na Europa e os últimos colonos vieram através de "Empresas Colonizadoras" ou "Concesiones", conseguindo estabelecer-se no território mapuche em diferentes lugares, nas chamadas "Colonias" (*Colonia del Transvaal, Colonia Nueva Etruria, Colonia del Llaima, Colonia Lonquimay, Colonia el Budi*).

A vinda de migrantes terminou em 1902 e a estatística da época demonstrou que na região tinha, aproximadamente 4.500 colonos provenientes de Alemanha, França, Suíça, Holanda, Itália e alguns da Bélgica e a Espanha.

Do ponto de vista lingüístico este movimento histórico-cultural também é interessante, porque nos permite explicar a toponímia de origem europeia (alemã, francesa, italiana, suíça, holandesa) existente na região. Atualmente, observam-se vários topônimos referidos ao país de origem dos colonos, ao nome dos primeiros donos da terra, da indústria, do estaleiro, da "casona" (casarão), etc.

a) Nomes que lembram o país de origem:

Instituto Alemán, Colegio alemán, Club Alemán de Valdivia, Pasaje Berlín, Plazuela Berlín, Fundo Danubio, Fundo Germania, Nueva Italia, Fundo Palermo

b) Antrotopônimos

Ruas, avenidas, caminhos:

Calle Anwandter, Calle Philippi, Calle Haverbeck, Calle Bennet, Calle Fritz, Bombero Classing, Calle Dante, Garibaldi, Calle José Mazzini, Pasaje Behrens, Pasaje Bischoff, Callejón König, Faja Maisa 'caminho', Faja Stricke 'caminho', Faja Ricci, Avenida Alemania, Matte y Sánchez, Los Leales

c) Indústrias e outras construções:

Calzado Rudloff, Calzado Weiss, Molino Grob, Molino Kunstmann, Hotel Pelz, Hotel Schuster, Edificio Marsan

5.0 ASPECTOS DIACRÔNICOS

A substituição dos nomes de lugares é um dos aspectos que mais chama a atenção dos pesquisadores em toponímia, especialmente quando as mudanças se produzem na língua mapuche ou quando estas acontecem na toponomástica hispana trazida à região pelo conquistadores.

Ao estudar o processo de extinção de um topônimo, observa-se que isto não obedece a leis fixas (definidas), apresentando-se no geral, como um fenômeno espontâneo que se repete com frequência e dá a impressão de estar sujeito a diferentes motivações, algumas externas -tais como as históricas, antroponímicas (nomes de novos donos da terra), descobertas de minerais e exploração do solo, novas vias de comunicação, transformações geográficas por causas naturais ou pela intervenção do homem, extinção ou desaparecimento do grupo étnico-, outras internas -como a adaptação do significante à outra língua (pseudomorfismo) e até mudanças motivadas pela própria vontade ou desejo do conquistador.

Neste sentido, do ponto do vista histórico, Menéndez Pidal (1960: LIX) diz que, quando os romanos chegaram a Espanha -à região Tarraconense (218 a. Cr.)-, designaram os lugares com topônimos idênticos aos do sul de Itália e, dezoito séculos depois, os colonizadores espanhóis na América repetem nomes de cidades hispanas nas terras do Novo Mundo. Aliás, ele comentou:

"Tal repetición la practican igualmente los colonizadores de la antigüedad o los modernos; es un fenómeno espontáneo, que frecuentemente se produce y que es preciso observar con atención en la España romanizada, porque se nos manifiesta con una limitación muy elocuente: mientras los topónimos repetidos en América pertenecen a toda España, los topónimos itálicos en España pertenecen todos al sur de Italia".

Com base nas observações comentadas e como bem define Dauzat (1963: 38):

"Les émigrants éprouvent le desir légitime de rappeler, dans les villes qu'ils créent, des cités de leurs patrie originaire"¹³

¹³A esse respeito: "Les Carthaginois avaient élevé en Espagne une , que les Romains appelèrent Carthago Nova, aujourd'hui Carthagène. Les Espagnols en Amérique ont apporté

Outros trabalhos interessantes com relação aos topônimos de origem eslava na Alemanha oriental (Berlin, Leipzig, Dresden), celtas na Europa Central (Paris, Londres), e alonquinos na América do Norte (Michigan, Wisconsin, Illinois), encontram-se em Hockett (1972: 390) e em Palmer (1975: 492-499). Palmer, além de reconhecer o valor dos topônimos nos estudos dialetais (apesar de tê-los tido considerado como um material dialetal congelado), discute a presença de alguns nomes godos (Wisques, Les Goths, Le Goudeux) encontrados na França e na Inglaterra.

Além disso, pode-se lembrar as observações de Levy Cardoso (1961: 271-281) sobre as substituições dos primitivos "topônimos brasílicos na Amazônia" a cargo dos colonizadores e catequistas, especialmente, o exemplo do rio *Amazonas*, que segundo ele teve sucessivas denominações descritivas (*Guêni (ou Uêni) > Parauaçú > Maranhão > Santa Maria do Mar Dulce > Amazonas*)¹⁴.

Por tudo isso, pensa-se que as invasões ou outros acontecimentos importantes num território podem sobreviver no nome de um lugar e, se mais tarde produzem-se outros acontecimentos, estes até poderiam fazer esquecer os anteriores, devido ao fato de que o homem procura geralmente nomes mais atuais e de maior conteúdo significativo para comunicar seu momento histórico. Sem dúvida, este fato será importante para o pesquisador porque lhe permitirá conhecer a área de domínio do invasor e o grau de influência dos invadidos. Ora o motivo da substituição poderá dever-se à necessidade de comunicar o que mais abunda no lugar (minerais, águas, flora, fauna), ora, a algumas das motivações mencionadas acima. Assim, poderíamos explicar algumas mudanças através dos exemplos seguintes.

Quando o capitão Pastenes (Guarda 1953: 14) mudou o nome do rio *Kolliku*, *Kolliko* por rio *Santa Inés*, curiosamente nem ele mesmo suspeitou que alguns anos depois ninguém lembraria essa denominação. A importância desse rio para a navegação, ao permitir que as embarcações de maior calado mudassem

les noms de Guadalajara, Valladolid (Mexique), Grenade (Nicaragua), Santiago (Chili), etc. et de Carthagène (Colombie), objet d'une seconde transplantation" (p. 38).

¹⁴Nesse sentido Luís Câmara Cascudo, no livro *Nomes da terra* (1967: 15) desenvolveu algumas idéias que resumem a situação da América Latina. Segundo ele: "A contribuição do indígena, destruído em massa, ora para dar lugar ao avanço da civilização, ora para justificar a ganância dos predadores, se faz presente por uma grande soma de nomes assimilados e incorporados ao português do Brasil, que o tempo, nem as constantes mutações por que tem passado a nossa linguagem erudita e popular os vestígios de língua primitiva".

seu rumo voltando a proa de novo até o Pacífico, levou os falantes a identificar o rio com as funções que cumpria, ou seja, o lugar onde podiam voltar os galeões, daí então o nome atual rio *Tornagaleones*. É o mesmo caso do rio *Tornafragatas*.

A partir da descoberta da *Bahía de Corral*, a ilha *Güiguacabin* recebeu vários nomes muito significativos do ponto de vista histórico. Pastenes a denominou *Imperial*; os vizinhos chamaram-na mais tarde ilha *Constantino* (pelo nome do dono da ilha), em seguida *Santa Inés* e, durante a reconquista, foi oficialmente chamada ilha *Mancera* (pelo nome do Marqués de Mancera).

No vale central, na parte sul do território, registra-se o caso da mudança de nome do rio *Kepé* 'grama com terra', que o conquistador Pedro de Valdivia, em uma curiosa cerimônia, batizou como rio *Cruces*:

"Estando don Pedro de Valdivia a orillas del río "Quepé" durante su paso por la Mariquina -confirma Rosales- tomó en sus manos unos casajos y al mirarlos vio que tenían esculpidos una cruz o cruces de color café, fue entonces él quien bautizó el río con el nombre de Cruces" (Pedersen 1992: 117)

Definitivamente, aos ouvidos dos conquistadores os nomes indígenas não significavam nada e, além disso, não correspondiam a nenhum elemento da cultura européia. Em suma, o cronista parece dar-nos a razão quando escreve:

"Aquí pusimos nombre a este río, el río y el puerto de Valdivia; no saltamos en tierra porque era tarde" (Guarda 1953: 14)

O topônimo ilha *Valenzuela*, pelo nome do primeiro proprietário, o encomendero don Francisco de Valenzuela (1552), hoje é conhecida como ilha Teja, principalmente por causa da fábrica de telhas e tijolos que funcionou no lugar a partir da segunda metade do século XIX (Guarda 1953: 24-25). Nesta oportunidade, observamos que a motivação provém do produto explorado no lugar e não da função ou da vontade do conquistador, como aconteceu nos casos anteriores.

Finalmente, a extinção de um topônimo pode dever-se também ao desaparecimento quase paralelo do próprio grupo étnico, como tem acontecido na região austral do Chile, onde a toponímia imposta pelos conquistadores e

colonizadores substituiu a autóctone (Contreras 1977: 81-96). Embora não seja esta a situação da região de La Araucanía, é recomendável não perder de vista esta interessante consideração.

Deseja-se, como próximo passo, depois da análise desenvolvida neste capítulo, ordenar os topônimos pré-hispânicos e hispânicos do ponto de vista histórico e de acordo com a informação bibliográfica disponível¹⁵. A ordem seria a seguinte: substituições de nomes mapuches por outros topônimos na mesma língua; substituições de um nome mapuche por uma forma hispânica; substituições de um nome hispânico por outro; e a presença de topônimos quêchuas na região.

5.1 Topônimos mapuches substituídos por outros nomes mapuches

A documentação histórico-lingüística, especialmente as crônicas, e as informações obtidas dos informantes durante a coleta de dados, permitem apresentar e discutir algumas etimologias e mudanças observadas, tendo em conta que os casos mais interessantes encontram-se naqueles lugares onde o contato cultural foi maior ou mais intenso.

Temos registrado que o atual povoado de *Walpin* (<wal 'pântano' e pen 'ver': ver o pântano) na comuna de Toltén, antigamente era chamado *Trewako*

¹⁵ Trabalhos sobre toponímia chilena:

1. Publicados: Claudio Wagner, "Contribución al estudio de la toponimia de Chiloé", em *Estudios Filológicos*, 1, 1965, 283-302; Carlos Ramírez, "Toponimia indígena de Cautín", em *Estudios Filológicos*, 12, 1978, 179-236; do mesmo autor *Diccionario de topónimos de procedencia indígena de la provincia de Cautín (Chile)*. Departamento de Extensión y Comunicaciones de la Universidad Austral, Serie Ars et Humanitas, 1-141 e *Onomástica indígena de Chile: toponimia de Osorno, Llanquihue y Chiloé*. Universidad Austral e FONDECYT, Valdivia, 1988; Constantino Contreras "Toponimia aborígen magallánica: vigencia, extinción, sustitución", em *Estudios Filológicos*, 12, 1977, 81-96; Raúl Caamaño "Acerca de la antroponimia mapuche", em *Sobre culturas indígenas: language e identidade*, Imprenta Universidad de la Frontera, 1991, 21-24, Temuco, Chile.

2. Teses não publicadas:

Leopoldo Sáez, *Toponimia de Valparaíso*, Universidad de Chile, Instituto Pedagógico, Valparaíso, 1962; Raquel Miranda, *Toponimia chilena. Toponimia de los Departamentos de La Unión y Río Bueno*, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Austral, 1967-1968; Patricia Gómez, *Toponimia de la provincia de Antofagasta. Seminario de toponimia chilena*. Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Austral, 1967-1968; Melita Velásquez, *Toponimia de la provincia de Valparaíso. Seminario de Toponimia chilena*. Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Austral, 1967-1968; Raúl Osses, *Toponimia chilena. Toponimia de la provincia de Malleco*, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Austral, 1973; Raúl Grothe, *Toponimia indígena de la provincia de Osorno*, Facultad de Letras y Educación, Universidad Austral, 1976 y María Edith Barrientos, *Estudio sobre topónimos indígenas del archipiélago de Chiloé*, Facultad de Letras y Educación, Universidad Austral, 1980.

(<trewa 'cachorro' e ko 'riacho, lagoa': riacho do cachorro). Hoje, este nome não é usado no setor.

Paralelamente, temos o caso de *Kollimallin* (<kolü 'avermelhado' e mallin 'terra úmida': terra úmida avermelhada) na comuna de Temuco, que antes se chamava *Patawa*, *Patawal* (<patawa, uma árvore do sul (Crinodrendron patagua) e o sufixo -al 'abundância': onde há muita patawa).

A antiga estação ferroviária *Maylef* (<maylef 'livre de bosque') atualmente é chamada de *Estación de Mariquina*. Na mudança é provável que tenha influído o fato de se encontrar localizada no vale de Mariquina e perto do povoado San José de Mariquina. No que toca ao topônimo *Mariquina*, pode-se concluir que, depois da fundação do forte San José e do traslado da *Misión de Toltén Bajo* a esse lugar, devido às hostilidades dos indígenas, este nome tentou sobreviver no nome da estação.

Outro caso interessante é o nome do rio *Futa* (<füta 'grande') o qual era conhecido como rio *Tenkelen* (<tüngelen 'estar calmo, tranqüilo'). Parece que as variações geográficas do rio, em função das fortes chuvas, das enchentes contínuas e do aumento do caudal estimularam a imaginação dos indígenas para substituir o termo e destacar a característica mais relevante: seu tamanho.

Os três exemplos que veremos em seguida, relacionam-se com a flora e a fauna e com outros fenômenos da realidade natural da região. O atual lago *Riñiwe* (*rüngi* 'cana brava', Chusquea coleu, e we 'ação': onde há ou lugar com *rüngi*), antes chamava-se *Komowe* (<komeu 'com água' e we 'lugar': lugar úmido e apropriado para viver). Curiosamente, o nome original agora se conserva num riacho que desagua ao lado sudoeste do lago (Meyer 1955: 40; Moesbach 1959: 51).

No que se refere ao lago *Puyewe* (<puye 'peixinho de água doce' e we 'ação': onde há puye) as crônicas do século XVI (Meyer 1955: 139, 227 e 228; Moesbach 1959: 206) dão conta de um lago chamado *Lloben* (<llofün 'chover muito e em forma contínua'), na mesma latitude do atual *Puyewe*.

De outro lado, o conhecido rio *Kaw-Kaw* (<kaw-kaw 'gaivotas grandes') que contorna a ilha *Teja* na cidade de Valdivia, chamavam-no os mapuches *Lakuchulafken* ou *Llakütülafken* 'lago que aflige, entristece ou lembra fatos dolorosos' (Meyer 1955: 114). Segundo a informação recolhida nos inquéritos, a motivação teria sua origem nos fortes ventos que apareciam no lugar e que

punham em perigo as embarcações, daí que para eles o rio significava águas traiçoeiras ou lago dos atribulados.

Segundo Meyer (1955: 175-176) a formação dos lagos *Kalafken* (<*ka* 'outro' e *lafken* 'lago') e *Panguipulli* (<*pangui* 'leão americano' e *pulli* 'colina, ladeira') merecem alguns comentários de caráter geológico relacionados com sua formação, devido ao fato de que de todos os lagos subandinos:

"...ellos son los únicos que no desaguan por su extremo occidental, sino al interior de la cordillera, por valles transversales que ya han existido en la época preglacial"

e que;

"El hecho de que los dos lagos, en época glacial, hayan tenido el mismo nivel, junto con el estudio de las terrazas lacustres, confirman que estos dos lagos formaron en aquellos tiempos un solo lago [...] Ambos lagos, en los tiempos de la Conquista, poseían un solo nombre, o sea Huanehue"¹⁶ (o grifo é nosso)

Por isso, ao desaparecer este grande lago de formação glacial, deu origem a dois lagos, segundo o autor. E, a antiga denominação *Wenewe* (<*wenu* 'alto' e *we* 'lugar, ação') sobreviveu no rio que comunica até hoje ambos os lagos.

Além desses, pode-se considerar a situação do topônimo *Namunchoyke* 'cerro' (<*namun* 'pata' e *choyke* 'espécie de avestruz') o qual agora é mais conhecido como cerro *Patachoyke*. Talvez a força semântica da voz espanhola tenha a ver com a mudança.

5.2 Topônimos mapuches substituídos por nomes hispânicos

Com base no material de análise pode-se observar que em este apartado apresenta-se a maior concentração de mudanças toponímicas, partindo do período da conquista e continuando com a colonização o fenômeno mantém seu ritmo, e

¹⁶ O nome figura na "Descripción Histórica y Jeográfica del Reyno de Chile" de Vicente Carvallo Goyeneche, nascido em Valdivia o ano 1742. Segundo o autor o rio Calle-Calle deve sua formação ao lago Huanehue (Meyer 1955: 96)

nota-se também que ele se espalha por toda a região. Na atualidade essas formas estão confundidas com os topônimos mais recentes e só é possível precisar sua origem com a ajuda das fontes histórico-lingüísticas.

As alterações das denominações autóctone aparecem vinculados principalmente com:

1) nomes e sobrenomes dos primeiros vizinhos, funcionários e "encomenderos da coroa espanhola.

Com relação ao *Puerto de Corral*, a designação lembra o sobrenome do "encomendero" e "alcalde" de Valdivia (1568), don Alonso de Corral, o qual substituiu o antigo topônimo *Kuyamo* (<*kuyamo* 'comadreja, espécie de doninha'). Do mesmo modo, a ilha Constantino, já comentado no item #5.0, ou os casos de *Morro Bonifacio*, *Morro Gonzalo*, *Cuesta de Soto*, *Niebla*, etc. inovaram a toponímia regional sem deixar testemunhos históricos.

Mesmo assim, também durante a conquista o rio *Pikoyken* passou a chamar-se rio Vergara, em homenagem ao encomendero Gaspar de Vergara (Valderrama 1927: 241).

2) a motivação de convicção religiosa dos missionários e colonizadores:

A *Punta Vulchuchen* foi batizada por Pastenes, em 1544, com o nome de *Punta San Mateo* e três anos depois Juan Ladrillero denominou-a *Punta Galera*, dado a semelhança dela com o esporão das embarcações de guerra da época (Guarda 1953: 13)¹⁷. E, de outro lado, nesse mesmo ano quando descobriu a ilha Mocha no mar Pacífico, em frente da província de Cautín, a denominou *San Nicolás de Talentino* (Valderrama 1927: 157). Mas, os vizinhos continuaram chamando-a ilha Mocha.

O antigo lugar e praia de *Rukañan* (<*ruka* 'casa' e *ñamüm* 'perder-se': casa perdida) chama-se na atualidade *San Ignacio*. Os antecedentes recolhidos durante os inquéritos demonstram que a mudança tem uns 30 anos e deve-se à presença no setor das ruínas da *Misión de Niebla*, fundada pela Companhia de Jesus, em 1777, e a admiração pelo fundador da Ordem, Ignacio Loyola (Bernales 1990: 62).

¹⁷ Guarda disse que encontrou numa crônica original a seguinte citação: "...una punta muy señalada que sale mucho a la mar" (p. 13)

Sob a perspectiva anterior lembra-se aqui a obra do Padre Pablo de Royo, na Misión de Pilmayken, em que ele desenvolveu sua missão espiritual. O Supremo Gobierno de la República reconheceu-lhe sua obra, em 1849, e depois propôs a alteração do nome para *San Pablo* (Pedersen 1992: 268).

3) acontecimentos históricos relevantes.

A construção de fortes e defesas estratégicas na linha do rio Bío-Bío e na Bahía de Corral e em outros pontos do interior, evocam-se através de nomes recentes, vinculados ao processo histórico e religioso que viveu a região

O *Fuerte de Negrete*, batizado *Fuerte San Francisco de Borja*, foi construído no cerro que dominava o vau descoberto pelo Capitán Juan de Negrete, em 1551, e que lhes permitia atravessar o caudaloso rio Bío-Bío (Valderrama 1927: 161-162).

Da mesma forma, em 1552, Pedro de Valdivia, logo de dividiu as terras dos indígenas que moravam perto do rio Kawtin, fundou o forte e povoado de *La Imperial*¹⁸, em honra do Imperador Carlos V.

No lado norte do território, funda-se também o *Fuerte de Nacimiento de Nuestro Señor*, o dia 24 de dezembro de 1603, perto dos rios Vergara e Bío-Bío, num lugar que os mapuches conheciam como *Pukará de Pikoyken*; o forte e vila de *Santa Bárbara*, em 1756, em honra a doña Bárbara de Braganza, esposa de Fernando VI (Valderrama 1927: 21); e o forte *Santa Juana de Guada-Alcázar*, em 1626, perto da cidade de Concepción.

Por último, no início do século chegaram os colonos italianos às terras mapuches de *Pilinmapu* (<*pilin* 'geada' e *mapu* 'terra') da comuna de Lumaco, e lembrando-se de seu país chamaram-no *Nueva Italia*. Alguns anos depois o governo altera o nome para *Capitán Pastenes*.

4) acontecimentos locais.

Segundo Riso-Patrón (1924: 452) na *Punta de Riñinawe* os espanhóis cultivaram durante muito tempo plantações de tabaco, e por isso chamaram-no *La Habana*. Logo que eles saíram do lugar, o topônimo original recuperou seu nome.

¹⁸Segundo Diego de Rosales: "El sitio de la ciudad es en lo alto de una loma que señorea y da vista por todas partes a hermosísimas y dilatadas campiñas de alegres campos e fértiles valles" (Ferrando 1986: 15)

Além desse, ele mostra o caso da estação ferroviária de *Litrán* (<*litran* 'apertado, estreito') que mudou para *Estación Guzmán*, em homenagem ao chefe da estação ferroviária, Alfredo Guzmán, assassinado em ato de serviço (p. 939).

Quanto a mudança do topônimo *Estación Kùlkùlko* por *Inspector Fernández*, faz uns 30 anos, tenta-se lembrar o sobrenome desse trabalhador que se aposentou no lugar.

Examinando outro exemplo similar vê-se que a estação ferroviária de *Los Lagos*, antiga *Estación Kollilewfü* (<*kolü* 'avermelhado' e *lewfü* 'rio'), trocou o nome original pela palavra espanhola, provavelmente para assinalar melhor melhor o ponto a partir do qual as pessoas podiam viajar em direção aos lagos da região. A voz *Kollilewfü* foi devolvida ao rio que passa perto da estação.

Do mesmo modo, deve-se mencionar aqui: (1) o caso do povoado *Pitrufken* (<*pu, pi* 'no meio de' e *trufken* 'cinza': no meio das cinzas) fundado em 1882, e que em 1897 foi batizado com o nome de *Lisperguer*, uma homenagem ao soldado Pedro Lisperguer (Ferrando 1986: 89; Moesbach 1959: 196); (2) o caso da cidade de *Villarrica*, fundada perto do lago *Mallolafken* (<*mallo* 'argila branca' e *lafken* 'lago'), a qual deveria o nome às características do lugar e às histórias relativas às minas de ouro e prata de que falavam os indígenas; (3) e o caso do antigo topônimo *Temuko* (<*temuntuko* ou *temuntoko*, de *temu* 'mirtácea arvoreá', *Temu divaricatum*, *ntu* 'abundância' e *ko* 'água, lagoas': abundância de temu rodeados de samambaia, "nalcas" e arbustos em lugar úmido) que evoca a comunidade indígena que vivia ao lado noroeste da cidade atual. A fundação da primeira praça militar no lugar, em 1881, foi batizada *Plaza del Manzano*, mas, a população continuou usando o nome original (Bernales 1985: 60; Ferrando 1986: 505).

Por último, também resulta interessante ver como alguns mecanismos de associação favorecem a criação de novos topônimos. Por exemplo:

<i>Luanmawida</i> 'cerro'	> <i>Cerro Bonito</i>
<i>Rangilwenu</i> 'cordilheira'	> <i>Cordillera Pepa</i>
<i>Reducción Ignacio Wenchullan</i>	> <i>Las Cardas</i>
<i>Comunidad Juan Traipe</i>	> <i>Comunidad Cantino</i>
<i>Kallarken</i> 'cordilheira, vulcão'	> <i>La Blanca</i>
<i>Kümeke</i> 'lugar'	> <i>Agua Buena</i> (é a tradução)

5.3 Nomes hispânicos substituídos por outros nomes hispânicos

Aqui, o objetivo é destacar as curiosas mudanças que acontecem dentro da mesma língua, relativas aos episódios históricos recentes, à memória dos sobrenomes dos funcionários mais destacados, a alguma característica especial observada no lugar, etc. Do conjunto dos fenômenos analisados, depreende-se que estes abrangem pelo geral as áreas mais antigas da região e apresentam-se depois de transcorridos quase dois séculos. Exemplos.

A terceira fortaleza construída pelos espanhóis na *Bahía de Corral*, em 1645, denominada inicialmente *Castillo San Luis de Alba*, mudou seu nome por *Fuerte Amargos*, devido as frutas amargas que produziam as macieiras na praia vizinha (Guarda 1953: 92; Valderrama 1927: 31).

A parte mais espaiada do rio Cruces perto do rio Kaw-Kaw, conhecia-se com o nome de *Playazo*, mas hoje ninguém lembra essa designação e a população pensa que sempre se chamou *El Molino*, por causa da existência de um moinho de água que existiu nessa zona rural.

Por outro lado, o interesse das pessoas em homenagear ao agente da colonização alemã, Vicente Pérez Rosales, figura na alteração do antigo topônimo *Puerto Lago Ranco* por *Puerto Rosales*. Como a motivação oficial não respondia ao mundo cultural dos vizinhos, eles não comulgaram da idéia e continuaram usando o mesmo nome.

Consideremos agora, sob a mesma perspectiva, os nomes castelhanos que inicialmente tiveram as ruas da cidade de Valdivia, cujo processo mostra que enfatizou os sobrenomes de funcionários destacados (*Calle Adriazola, Asenjo, Carvallo, Guarda, Henríquez, Lorca*, etc.) e as características que elas ofereciam (*Calle de las Tablas, de los Perros, del Barro, del Rey, de los Conejos, del Abasto, Manpuesto, La Compañía, Las Mercedes, Fortaleza*, etc.) (Guarda 1953: 130 e 1965: 71).

Segundo Rosales, a primeira notícia conhecida sobre estas ruas é a seguinte: "Eran anchas y pavimentadas con lajas", mas, alguns anos depois passaram a ser estreitas e tortuosas devido ao aumento da população, fato que caracterizou a cidade até o incêndio de 1909. A causa deste desastre, modificou-se o plano de 1797 projetado pouco depois de ter derrubado as antigas muralhas e, segundo Guarda (1965: 71):

"...la manía de endeazarlas todas en aras del buen gusto, privó a la ciudad de las características que la hacía única en Chile y de paso se llevó toda la historia que en ella se encerraba"

Com base nestes antecedentes, a nossa intenção é apresentar apenas uma amostragem de topônimos que evocam essa característica peculiar da nova feição urbana que alcançou a cidade por essa época. Por exemplo, as razões históricas, correspondentes à "Toma de Valdivia", em 1820, a cargo de Lord Cochrane, e a declaração da independência da cidade e todas as fortalezas locais, explicam a mudança do significado das ruas *Calle El Rey* por *Calle Independencia* e *Calle el Abasto* por *Calle Libertad*, respectivamente (Guarda 1953: 250).

Ao lado delas, figuram também as designações de origem religiosa. A partir da construção da igreja *San Francisco* em 1786, a antiga rua *Calle de las Tablas*, começou a chamar-se pelo mesmo nome da igreja. Mas ambos designativos foram esquecidos, devido a um decreto oficial que propôs o de *Pérez Rosales*, em homenagem ao agente da colonização alemã (Guarda 1980: 27).

Quanto à *Calle Las Mercedes* como nome da primeira igreja construída em Valdivia, *La Merced*, a história também mostra que oficialmente passou a chamar-se *Calle Carlos Anwandter*, em virtude de o nome desta personagem da colonização já estar comemorado numa outra rua da cidade (Guarda 1980: 16).

5.4 Presença de topônimos quêchuas

A presença de topônimos quêchuas na região, especialmente nos lugares e vias de comunicação visitados pelos espanhóis no tempo do "virreinato", precisa de alguns comentários para explicar a situação.

A história demonstra que o império inca não chegou até os paralelos 37° a 40° de latitude sul, por isso, será necessário tentar encontrar outros argumentos para entender o fenômeno. Em primeiro lugar, pensa-se que muitas palavras da língua quêchua foram aprendidas pelos espanhóis no Peru e trazidas por eles ao sul e, em segundo lugar, é provável que estas também tenham chegado através dos presidiários que enviados a Valdivia para cumprir suas sentenças.

No que toca à segunda possibilidade, há documentos históricos que mostram que durante o século XVIII o trabalho artesanal e artístico esteve a cargo

dos presidiários que importaram suas técnicas e modelos e aproveitaram as magníficas madeiras do bosque chileno (Guarda 1953: 146-147).

Por isso, da prolongada convivência dos presidiários na região e sua posterior radicação nos arredores das cidades, pode-se explicar o amalgama de topônimos que surgiram a partir desse período.

Da contribuição dessa língua ao espanhol encontram-se alguns empréstimos lingüísticos, por exemplo:

Tambo, Tambillo 'lugar' (<*tampu* 'pousada para os guerreiros e mensageiros'; antigamente acampamento do rei quando viajava) (Middendorf 1890: 806; Meyer 1955: 260; Moesbach 1959: 236). Segundo Lenz, perto destas posadas tinham-se formado vários povoados chilenos (1905- 1910: 806)

Pumalal 'lugar', *Fundo el Puma* (< *puma, poma* 'leão americano'). A palavra *puma* íntegra vários topônimos na região. Entre os mapuches o mesmo animal designava-se *pangui* e *trapial* (Middendorf 1890: 669; Meyer 1955: 210; Moesbach 1959: 202; Erize 1960: 312)

Chorocamayo 'lugar' (<*ch'uru* 'caracol, concha' e *kamayo* 'oficial, empregado: pescador de moluscos de concha fina) (Middendorf 1890: 39; Meyer 1955: 78; Moesbach 1959: 79; Lenz 1905-1910: 168)

Guadey, Guachay 'praia' ¹⁹(<*huajcha*, de *huaj* 'estranho' e o diminutivo *cha* 'pobre, miserável') (Middendorf 1890: 420). Segundo Lenz e Moesbach, a voz relaciona-se com a forma *huacho*, que significa animal ou pessoa sem mãe (Lenz 1905-1910: 361; Moesbach 1959: 93)

Rio Kutipay (<*cuti-pay* 'repetir, fazer de novo' ou de *cuq (cuu)* 'mão' e *tripay* 'saiu': saiu ou apareceu a mão do afogado na água) (Meyer 1955: 56; Moesbach 1959: 61)

¹⁹ Riso-Patrón (1924: 366) fez a seguinte descrição do lugar: "De pequeñas dimensiones, con peces en sus aguas y playas de arena blanca, a 3Km. NE de la punta Galera. Hay agua y leña".

Los Conales 'povoado' (<*cona*, *coña* 'guerreiros jovens, sob a ordem do cacique e *len* éstar com o cacique'). Segundo Lenz, a palavra já era usada pelos cronistas do século XVII e provém do quêchua *yaconada*, com a perda de *ya*, sem que isto altere a pluralidade nessa língua (1905-1910: 206-207)

Talvez seja interessante acrescentar, ainda, que a existência de topônimos quêchuas no norte de país é mais antiga e mais abundante que no sul, porque antes da chegada dos espanhóis, eles tinham feito a primeira invasão e conquista (1460-1485) do território chileno até a linha do rio Maule.

Por último, de acordo com a informação histórica disponível pode-se dizer que a presença de negros e mulatos na região sul foi limitada. O atual topônimo *Las Mulatas* 'bairro' é o único tentemunho que temos encontrado. Segundo Guarda (1980; 74-75), a partir do século XVII chamava-se assim uma chácara ao lado sul da cidade.

6.0 A FORMAÇÃO MORFOLÓGICA DOS TOPÔNIMOS MAPUCHES

O propósito deste capítulo é apresentar algumas observações sobre a formação morfológica dos topônimos mapuches, de acordo com as condições próprias que esta língua indígena apresenta. Da mesma forma, demonstrar a ordem e o valor das formas lingüísticas e a capacidade de organização interna que eles alcançam em determinados momentos para significar e designar a realidade.

Apesar de ser limitado o *corpus* sobre o qual se trabalhará, tentaremos descrever estas unidades sob uma perspectiva funcional ampla. Para conseguir nosso objetivo e corroborar nossas observações utilizaremos os principais artigos lingüísticos editados sobre a língua mapuche ou *mapudungun*.

6.1 A formação morfológica dos topônimos pré-hispânicos

Nesta parte do trabalho discutiremos as principais questões observadas em relação à produtividade lexical (Basílio et. alii, 1993: 366) do *mapudungun* e com a formação morfológica dos topônimos, a partir de ocorrências verificadas no *corpus toponymicus*. Tal estudo compreenderá uma análise preliminar do processo lexical e dos mecanismos da formação dos nomes de lugar, segundo os critérios morfológicos e semânticos.

Uma contribuição importante sobre as diferenças entre as línguas é apresentada por Aryon Rodriguez no livro *Línguas Brasileiras* (1986: 23), segundo quem:

"As línguas indígenas diferem entre si e se distinguem das línguas européias e demais línguas do mundo no conjunto de sons de que se servem (fonética) e nas regras pelas quais combinam esses sons (fonologia), nas regras de formação e variação das palavras (morfologia) e de associação destas nas contribuições das frases (sintaxe), assim como na maneira como refletem em seu vocabulário e em suas categorias gramaticais um recorte do mundo real e imaginário (semântica)"

Os traços de estrutura gramatical do mapuche têm sido descritos como diferentes aos das línguas européias e também aos das línguas indígenas da área andina, segundo a proposta de Tovar (1961:194-199). A grande complexidade

estrutural do mapuche apresenta-se no sistema verbal e este reflete-se diretamente na classificação tipológica-geográfica. Neste sentido a descrição do padre Ernesto Wilhelm de Moesbach é acertada:

"El verbo con su inmensa riqueza de formas y su potencia expresiva casi sin límites, sobrepuja en mucho la posible aplicación de las demás partes de la oración. El idioma mapuche por antonomasia es la lengua del verbo" (Moesbach 1963:34-35)

A partir da morfologia, ou seja, da estrutura interna das palavras, especialmente das formas verbais, o *mapudungun* tem sido tradicionalmente caracterizado como uma língua aglutinante-polissintética (Moesbach 1963:15; Lenz 1895-1897: XXIV). Contudo, hoje é melhor falar de polissintética e aglutinante, seguindo o modelo de tipologia morfológica de Comrie (1989: 36-56). Também é possível observar estas características a partir do exemplo de Salas (1992: 68-69) na seguinte forma verbal: *rüngkükonfemtuyami* 'saltarás até dentro de e imediatamente de volta ao ponto da origem'. Os elementos constituintes são:

<i>rüng</i>	saltar
<i>kon</i>	dentro de
<i>rüngkükon</i>	saltar até dentro de
<i>fem</i>	imediatamente
<i>rüngkükonfem</i>	saltar até dentro de imediatamente
<i>tu</i>	houve (previamente) antes um salto até fora
<i>rüngkükonfemtuyami</i>	saltar até dentro de imediatamente voltando ao ponto de origem
<i>a</i>	futuro
<i>y</i>	enunciado de fato (não hipótese)
<i>m</i>	2a. pessoa
<i>i</i>	singular

Outra característica estrutural do verbo, considerada na classificação tipológica, corresponde à "incorporação": palavras completas ou séries de palavras podem aparecer incorporadas às formas verbais. Vejamos: *kutran* 'doente' mais *foro* 'dente(s)' dá *kutranforo* 'doente dos dentes'. Esta expressão incorporada ao

interior de uma forma verbal, seria: *kutranfororkey* 'dizem que ele estava doente dos dentes'. Os componentes dos verbos (*-rkey* 'dizem que' e *-y* 'enunciado de fato'), não da língua, só aparecem como constituintes internos das formas verbais.

Um dos pontos básicos de dificuldades e confusões observadas até agora corresponde à terminologia morfológica utilizada nas gramáticas e nos trabalhos descritivos. Muitas vezes aparece descrito o mesmo fenômeno com diferente terminologia e isto termina por confundir ao leitor. Além disso, por exemplo, alguns autores atribuem o mesmo *status* à palavra, ao lexema e à raiz, e, outros consideram a partícula, a transição, o morfema, o quantificador, o determinante, o gramema, na mesma ordem.

A fim de controlar a terminologia que utilizaremos neste trabalho, propomos falar de lexema para referir-nos às formas com significado de base; e de morfema (livre ou preso), para aquelas formas que apresentam significado variável, ou seja, elementos que atribuem à base uma idéia acessória.

Em *mapudungun* há diferentes marcadores que definem a extensão de um substantivo, verbo ou adjetivo e, tradicionalmente têm sido conhecidos como morfemas (prefixo, sufixo) ou partículas verbais e partículas nominais.

Quanto à tradução dos topônimos, aceita-se a que utilizaram os próprios informantes durante os inquéritos e naqueles casos em que não foi possível encontrar o significado ou sentido exato de uma palavra, aceitou-se uma frase ou uma expressão de caráter explicativo.

É preciso ressaltar, aliás, que os resultados das pesquisas mostram: (1) que ainda não existe uma classificação global das partículas, porque a sua definição depende de vários fatores como a variedade de nuances significativas, a ordem, a formação de cadeias e a intenção do falante no discurso espontâneo (Sepúlveda 1979: 246-247; Harmelink 1990: 114-118); e (2) a falta de uma análise rigorosa sobre o uso e função destes marcadores (Harmelink 1993: 170-172).

Como já dissemos no início do capítulo, nas próximas linhas discutiremos os mecanismos utilizados por esta língua na formação morfológica dos topônimos e, ao mesmo tempo, apresentaremos os morfemas livres e presos mais frequentes na toponímia mapuche.

6.1.1 Função e significado dos morfemas

1. Em primeiro lugar, examinaremos os topônimos constituídos por uma palavra ou substantivo e que de modo geral designavam plantas, animais, aves ou qualidades da terra. Em geral, os substantivos nesta língua têm uma estrutura muito simples. Eles não apresentam variações formais, tais como gênero, número ou caso. Cada um demonstra sempre uma mesma forma.

Uma outra característica, pouco conhecida na cultura mapuche, corresponde aos três nomes genéricos que eles utilizavam para dividir o espaço geográfico e provavelmente para orientar-se nesse meio desconhecido: *pūlom* 'vale', *mawida* 'monte, bosque' e *lemu* 'montanha alta, cordilheira'. Com base na observação do *corpus* também descobrimos que o termo *mawida* é o mais usado na formação dos topônimos nesta língua (especialmente quando se refere a colina ou ladeira). Ainda, desconhecemos a razão deste fato, mas deve responder às características geográficas da zona.

A partir destes termos genéricos ou eixos de tipo horizontais ordenam-se os demais topônimos, os quais se referem às diferentes características do terreno, aos acidentes geográficos, à flora e à fauna, à história local, às lendas, aos mitos, aos costumes, etc. Por exemplo:

<i>Chilko</i>	'lugar' (planta fúcsia) ²⁰
<i>Pewmo</i>	'lugar' (árvore peumo)
<i>Pewko</i>	'lugar' (ave de rapina)
<i>Chepika</i>	'comunidade' (cizânia, grama)
<i>Ainil</i>	'vale' (estabelecer-se, morar no lugar)
<i>Nepum</i>	'vale' (veranada, vale na parte superior na cordilheira)

2. Um outro aspecto característico da língua mapuche, apresenta-se na formação de topônimos a partir de dois substantivos em aposição. Neste caso o primeiro elemento determina ao segundo ou como afirma Raguileo (1990: 4) o substantivo que antecede a outro exerce a função de adjetivo. Por exemplo:

²⁰ É comum nesta região usar o nome de "lugar" ao lado de expressões mais precisas como "comunidade", "vale", "lago", etc. para traduzir o significado do topônimo.

<i>Kuranilawe</i>	'vau' (< <i>kura</i> 'pedra' e <i>ngilawe</i> 'a água chegou até o joelho': vau com pedras, pode-se atravessar)
<i>Metafilu</i>	'redução' (< <i>müta</i> 'chifre de boi' e <i>filu</i> 'cobra': cobra com chifres, animal mitológico)
<i>Rayenmawida</i>	'lugar' (< <i>rayün</i> 'flor, florecendo' e <i>mawida</i> 'monte': com flores, está florecendo o monte)
<i>Rayenwingkul</i>	'lugar' (< <i>rayün</i> 'flor, florecendo' e <i>wingkul</i> 'cerro pequeno': está florecendo o cerro)
<i>Nawelwapi</i>	'ilha' (< <i>nawel</i> 'tigre, leão' e <i>wapi</i> 'ilha': ilha onde há leões ou tigres)
<i>Wallalil</i>	'quebrada, barranco' (< <i>walle</i> 'árvore' e <i>lil</i> 'barranco': barranco ou quebrada com árvores)
<i>Mawidanche</i>	'lugar' (< <i>mawida</i> 'monte' e <i>che</i> 'gente': gente do monte)

3. A análise do *corpus* também permite-nos observar a existência de um grupo importante de nomes constituídos por adjetivo mais substantivo, os quais freqüentemente descrevem as características geográficas como o tamanho dos rios, dos cerros, das rochas, dos montes (*pichi* 'pequeno', *füta* ~ *fütra* 'grande'); a cor das águas, dos vales, das montanhas, das árvores (*kalfü* 'azul', *kolü* 'café', *kurü*, 'preto', *karü* 'verde', *chod* 'amarelo'); ou outros aspectos importantes (*we-* 'novo', *kolchü* 'doce'). A estrutura que apresentam estas formas respondem à organização interna da língua. Exemplos:

pichi:

<i>Pichibudi</i>	'lugar' (< <i>pichi</i> 'pequeno' e <i>füdü</i> 'perdiz': onde há perdiz pequena)
<i>Pichikoyam</i>	'riacho' (< <i>pichi</i> 'pequeno' e <i>koyam</i> 'carvalho': carvalhos pequenos)
<i>Pichiwingkul</i>	'cerro' (< <i>pichi</i> 'pequeno' e <i>wingkul</i> 'cerro': cerro pequeno)

füta~*fütra*:

<i>Fütapelan</i>	'riacho, cordilheira, barranco' (< <i>füta</i> 'grande' e <i>pülan</i> 'ruído de galope': ruído da água parecido ao galope)
------------------	---

<i>Futalifkan</i>	'cerro' (< <i>füta</i> 'grande' e <i>lifkan</i> 'relâmpago': onde há relâmpagos intensos)
<i>Changillfütako</i>	'riacho' (< <i>changill</i> 'dedo(s)', <i>füta</i> 'grande' e <i>-ko</i> 'riacho': riacho grande que tem forma de dedo)
<i>kalfü:</i>	
<i>Kalfuko</i>	'lugar' (< <i>kalfü</i> 'azul' e <i>-ko</i> 'riacho, lagoa': riacho de águas azuis)
<i>kolü:</i>	
<i>Kolliko</i>	'riacho, lugar, redução' (< <i>kolü</i> 'café' e <i>-ko</i> 'riacho': água ou lugar de cor café)
<i>Kollimallin</i>	'riacho, redução' (< <i>kolü</i> 'café' e <i>mallin</i> 'terreno pantanoso': terras baixas e alagadiças de cor café)
<i>kurü:</i>	
<i>Kuriche</i>	'riacho' (< <i>kurü</i> 'negro' e <i>che</i> 'gente': gente morena do riacho)
<i>Kuriwillin</i>	'lugar' (< <i>kurü</i> 'negro, escuro' e <i>willin</i> 'nútria ou tatão-do-banhado': onde há nútrias escuras ou negras)
<i>karü:</i>	
<i>Karilafken</i>	'lago, lugar' (< <i>karü</i> 'verde' e <i>-lafken</i> 'lago': águas verdes)
<i>we-:</i>	
<i>Werere</i>	'lugar, cerro' (< <i>we-</i> 'novo' e <i>rere</i> 'pássaro pica-pau': pica-pau novo)
<i>Wepil</i>	'povoado, rio' (< <i>we-</i> 'novo' e <i>pilun</i> 'orelha': orelha nova ou erva parecida à orelha)
<i>kulchü:</i>	
<i>Kolchawa</i>	'rio' (< <i>kulchü</i> 'doce' e <i>wa</i> 'milho': onde há milho doce grande)

Em mapudungun é normal que o adjetivo preceda ao substantivo, ou seja, determinante + determinado (*Butalkura* 'lugar' <*füta* 'grande' e *kura* 'pedra': pedra grande; *Kalfuko* 'riacho' <*kalfü* 'azul' e *ko* 'riacho': riacho azul), contudo, também ocorrem casos de formação contrária, onde é possível encontrar o adjetivo em segundo lugar, ou seja, determinado + determinante (*Malalkawellu* 'lugar'

<*malal* 'corral' e *kawellu* 'cavalo': corral para cavalos; *Rukatrile* 'lugar' <*ruka* 'ninho' e *tregül* 'treile ou jardineiro': ninho do treile). É provável que estes topônimos sejam de formação recente, como o hibridismo *Malalkawellu*, ou pertençam a alguma área de dialetalização da língua.

4. Igualmente, existem nomes formados com adjetivos numerais antepostos, com função de quantificador definido. Nesta posição ele converte-se num elemento determinante do substantivo. Então, tem uma função contrária ao caso apresentado em # 2. (substantivos em aposição), porque atuam, agora, determinando ao segundo elemento. Por exemplo:

<i>Külapalo</i>	'lugar' (< <i>küla</i> 'três' e <i>paļu</i> 'tia do lado da mãe': onde moravam três tias do lado da mãe)
<i>Marikina</i>	'lugar' (< <i>mari</i> 'dez' e <i>künga</i> 'estirpe': dez estirpes)
<i>Melirewe</i>	'lugar, redução' (< <i>meli</i> 'quatro' e <i>rewe</i> 'altar mapuche': quatro altares)
<i>Kekupulli</i>	'lugar' (< <i>kechu</i> 'cinco' e <i>pülli</i> 'colina, ladeira': cinco colinas)
<i>Kiñeleleu</i>	'lugar' (< <i>kiñe</i> 'um' e <i>ngülliw</i> 'fruto da araucária': um fruto da araucaria)
<i>Eputrayen</i>	'cachoeira' (< <i>epu</i> 'dois' e <i>trayen</i> 'cachoeira': dois cachoeiras)

5. A tradição gramatical considera o prefixo *pu-* marcador de plural dos substantivos, especialmente quanto se refere aos seres animados (*pu mansun* 'os bois', *pu wentru* 'os homens'). Mas, se este elemento aparece anteposto aos substantivos que indicam coisas, ele tem outro valor, de locativo, e nesse caso deve ser entendido com o significado de 'no meio de, dentro de, cercado de' (Salas 1992: 94; Alonqueo 1989: 36-37; Augusta Ibid.: 15-16). Por enquanto, só temos exemplos para o último caso:

<i>Pullinke</i>	'lagoa' (< <i>pu</i> 'dentro de' e <i>llingki</i> 'rã': lagoa com rãs)
<i>Puraral</i>	'lugar' (< <i>pu</i> 'cercado de' e <i>ralral</i> 'árvore': viver cercado de ralral)
<i>Pukereo</i>	'lugar, redução' (< <i>pu</i> 'no meio de' e <i>küreo</i> 'tordo ou pássaro negro': viver no meio destas aves)

Pua 'povoado' (<*pu* 'no meio de' e *wa* 'milho': viver rodeado de milho)

6. O clima chuvoso do sul e a exuberante natureza da Região de La Araucanía parece que motivaram a inteligência dos mapuches para criar inúmeros topônimos relativos a riachos, rios, lagoas, cachoeiras, vertentes, etc. e através desta criação léxica é possível perceber seu alto poder de observação da realidade e sua capacidade para captar as características e os mínimos detalhes em relação com a água (cor, volume, ruído, movimento).

De acordo com a análise do material recolhido foi possível reconhecer duas classes de sufixos, uma, que usariam para referir-se a água corrente e, a outra, para água represada. Por conseguinte, segundo Bernaldes (1984: 114) os elementos lingüísticos seriam: *-ko* 'riacho', *-lewfü* 'rio', *-θ* 'rio maior' e *-lafken* 'lago, mar'. E quanto ao morfema *-θ* temos informação que este tem sido utilizado para indicar os rios maiores, largos e profundos, cujas águas corriam pelos vales e continham abundante alimento para a povoação, ou seja, que seriam os sítios de provisão de água e de conhecimento comum e geral do grupo indígena.

No quadro seguinte classificamos os sufixos em duas colunas para demonstrar como estes elementos tem sido usados na formação dos hidrotopônimos menores (I) ou maiores (II):

I menor dimensão e e volume		II maior dimensão e volume	
<i>-ko</i>	'riacho'	<i>-lafken</i>	'lago, mar'
<i>-lewfü</i>	'rio'	<i>-θ</i>	'rio maior'

Exemplos: *-ko*:

Rankülko 'riacho, lugar' (<*rangkül* 'pasto' e *ko* 'riacho': riacho onde é abundante o pasto *rankül*)

Kochuko 'vale na cordilheira' (<*kochi* 'salobro' e *ko* 'riacho': riacho com águas salobras)

Ampeko 'riacho' (<*ampe* 'samambaia, "helecho"' e *ko* 'riacho': riacho com "helechos')

Piwchenko 'riacho' (<*piwchen* 'ser mitológico' e *ko* 'riacho': águas onde vive o *piwchen*)

-*lewfü*:

Killayleo 'rio, lugar' (<*küllay* 'planta killay' e *lewfü* 'rio': rio onde há *killay*)

Kuralewfü 'rio' (<*kura* 'pedra' e *lewfü* 'rio': rio pedregoso)

-*ø*:

Kautin 'rio maior' (<*kage* 'pato silvestre': abundância de patos silvestres)

Kallekalle 'rio maior' (<*kalle* 'uma planta': abundância de planta *kalle*)

Cholchol 'rio maior' (<*trol* 'cardo': abundância de planta *trol*)

Kepe 'rio maior' (<*kepe* 'torrão': pedaços de terra endurecidos)

-*lafken*:

Karilafken 'lago' (<*karü* 'verde' e *lafken* 'lago': lago de águas verdes)

Kalafken 'lago' (<*ka* 'outro' e *lafken* 'lago': outro lago)

7. Tradicionalmente, o sufixo *-we* tem sido considerado como partícula que serve para formar substantivos derivados com o valor de 'lugar onde existe' ou onde abunda' alguma coisa (Augusta 1915: 261; Moesbach 1944; Meyer Rusca 1955), por exemplo, em *kütralwe* (<*kütral* 'fogo' e *-we* 'lugar onde existe ou há fogo') ou *kawewe* (<*kawe* 'remos', *-we* 'lugar onde existen remos'). Entretanto, um estudo recente de Ranguileo (final da década de 1980 e a ser publicado na Revista CAPIDE, Temuco) assinala que o significado do *-we*, no caso dos exemplos anteriores, tem mais a ver com a função de instrumento que com a idéia de lugar onde existe alguma coisa. Em um outro artigo do ano (1990: 5) ele volta a falar sobre este tema e segundo ele:

"La partícula *-we* puede desempeñarse como partícula locativa [...] cada palabra designa un nombre de un lugar o de un instrumento, o de una persona que desempeña una determinada actividad"

O topônimo *Rukawe* provém do verbo *rukan* 'fazer casa' e usa-se para fazer casas. *Rukawe* não seria, então, o lugar onde há casas, e sim o lugar onde se

fazem casas ou o lugar utilizado para fazer casas em que se mantém a função de instrumento assinalada acima.

Segundo Harmelink (1993: 108); Alonqueo (1989: 17) e Salas (1992: 97) os substantivos nominalizados com *-we* ou derivados através deste sufixo correspondem aos instrumentos utilizados para realizar uma ação relacionada à ação do verbo. Como se vê nesta proposição, o significado dos exemplos *kūtralwe* e *kawewe* seria melhor entendê-lo como 'onde se faz fogo' ou 'onde se fazem remos', respectivamente, e não o 'lugar onde existe fogo ou remos'.

Por último, segundo Augusta (Ibid.: 247) é possível que também ela signifique 'lugar onde aconteceu uma safra', e ele diz que:

"...en este caso recibe la interposición de "I" ou "el", por ejemplo: *poñülwe* 'batatal"

De acordo com os exemplos recolhidos o sufixo *-l-* agrupado com *-we* aparece funcionando como quantificador. Vejamos os seguintes exemplos:

-we:

<i>Wichawe</i>	'lugar' (< <i>wicha</i> 'guerrear' e <i>we</i> 'ação': onde se guerrea)
<i>Paliwe</i>	'lugar' (< <i>pali</i> 'bola de jogo chueka' e <i>we</i> 'ação': onde se joga chueka)
<i>Mitrinwe</i>	'lugar' (< <i>mütrün</i> 'gritar, chamar' e <i>we</i> 'ação': onde se dá ordenanças)
<i>Mirriwe</i>	'lugar' (< <i>mürün</i> 'estreito' e <i>we</i> 'ação': lugar estreito para passar)
<i>Diwen</i>	'lugar' (< <i>diwen</i> 'alcançar a outro' e <i>we</i> 'ação': lugar para alcançar-se)
<i>Afkintue</i>	'lugar' (< <i>afn</i> 'terminar-se', <i>quintun</i> 'buscar, mirar' e <i>-we</i> 'ação': de onde não se pode mirar mais longe)
<i>Makewe</i>	'lugar' (< <i>make</i> 'maqui' (fruto silvestre) e <i>-we</i> 'ação': onde se procura maqui para comer)
<i>Nalkawe</i>	'cerro' (< <i>nalka</i> 'tubérculo' e <i>-we</i> 'ação': onde se busca nalca para comer)

-l- + -we:

- Trapilwe* 'lugar, redução' (<*trapi* 'pimenta', *-l-* 'muito' e *we* 'ação': onde se produz pimenta)
- Kachillalwe* 'lugar' (<*kachilla* 'trigo de Castilla', *-l-* 'muito' e *we* 'ação': onde se produz trigo)
- Remolachalwe* 'lugar' (<*remolacha* 'tubérculo', *-l-* 'muito' e *we* 'ação': onde se produz remolacha 'beterraba')

8. Quanto a outros sufixos que intervêm freqüentemente na formação dos topônimos temos registrado os seguintes: *-nto* com valor de 'coletivo, abundância', em geral, une-se aos substantivos que designam nomes de plantas ou alguns elementos da natureza; está presente a idéia de 'grande quantidade, abundância'; *-tue* 'solo, terra' considerado quanto a suas qualidades geográficas e produtivas; *-le(n)* 'modo de ser ou estar'; e *-ke/-ken* 'de modo afirmativo'.

Exemplos:

-nto:

- Niblinto, Ñiblinto* 'rio' (<*ngüf* 'obstruído, obstaculizado' e *-nto* 'coletivo': rio com muitos obstáculos)
- Iñintumawida* 'cerro' (<*ünü* 'murta' (fruta), *-nto* 'coletivo' e *mawida* 'monte, bosque': monte com muita murta)
- Wallanto* 'lugar, riacho' (<*wella* 'arbusto' e *-nto* 'coletivo': lugar com muita wella)

-tue:

- Wichakontue* 'lugar' (<*wicha* 'lutar, batalhar', *ko* 'água, riacho' e *-ntue* 'solo, terra': terra úmida onde se luta)
- Kulentue* 'lugar' (<*kulen* 'arbusto' e *-tue* 'solo, terra': solo que produz *kulen*)
- Molfetue* 'lugar' (<*mollfuñ* 'sangue' e *-tue* 'solo, terra': solo com sangue onde se marcava a orelha do animal cortando-a de várias formas)

-le(n):

- Maulen* 'cerro' (<*mau* 'nevoeiro, neblina' e *-len* 'modo de ser ou estar': cerro onde sempre há neblina)
- Ñuble* 'lugar' (<*ngül* 'obstruído, obstaculizado' e *-len* 'modo de ser ou estar': lugar obstruído)

<i>Paylalewe</i>	'cordilheira' (<payla 'de costas', -le- 'estar' e -we 'ação': onde a cordilheira está de costas)
-ke/-ken:	
<i>Polue~Pulluken</i>	'lugar' (<pülü 'mosca' e -ken 'de modo afirmativo': há moscas nesse lugar)
<i>Lirquen</i>	'lugar' (<llidn 'borra, sedimento' e -ken 'de modo afirmativo': há águas com sedimento)
<i>Kintralkin</i>	'lugar' (<küntral 'arbusto parasito' e -ken 'de modo afirmativo': nesse lugar abunda o arbusto <i>küntral</i>)

9. Por último, com base no mesmo material de análise, mostraremos agora alguns infixos que o *mapudungun* também usa para descrever fielmente as características naturais e precisar o significado de alguns topônimos: -pa- 'vir até cá'; -me- 'ir até lá', -ka- com valor 'freqüente de', e -le- significando 'estado'. Segundo Meyer Rusca (1955: 197) "...pa é uma partícula de direção que significa hacia muy adentro": Exemplos:

-pa-:	
<i>Kopawe</i> ²¹	'vulcão' (<ko 'lagoa', -pa 'vir até cá' e we 'ação': vir cá a tirar água)
-me-:	
<i>Komewe</i>	'lugar' (<ko 'lagoa', me 'ir lá' e we 'ação': ir lá pegar água)
-ka-:	
<i>Killaykawe</i>	'lugar, redução' (<killay 'arbusto', -ka 'muito' e we 'ação': onde vão pegar <i>killay</i> freqüentemente)

²¹ *Kopawe* é o nome de um vulcão basáltico (latitude 37° 50') de 3500 metros de altura. A cratera e na ladeira existe uma lagoa com água sulfurosa e quente. Berta de Koessler comentou (1963: 141) que os indígenas argentinos dão várias etimologias a este topônimo e que nenhuma corresponderia às registradas nos dicionários mapuches. De acordo com seus dados, a palavra seria quêchua e significaria "azul claro", devido ao fato de que no lugar cresce um arbusto com flores dessa cor. Segundo Erize (1988: 51) os mapuches não aceitam essa interpretação, porque para eles *kopawe* relaciona-se desde a antigüidade com 'águas termais' ou 'águas sulfurosas'.

Para nossos informantes, o fato do uso terapêutico dessa água acima está presente, mas a motivação principal baseia-se, por enquanto, na ação mesma: 'vir cá a tirar água'.

Em relação ao quêchua, essa região cordilheirana é interessante e que parecem de origem quêchua: Malla-Malla, Kúpuka Lepoy, etc.

- Namunkawe* 'riacho' (<*namun* 'pés', <*-ka* 'freqüentemente' e <*-we* 'ação':
 pasar um rio freqüentemente pela passarela natural (ponte
 feita de uma árvore)
- le-:
- Pailawe* 'montanha' (<*payla* 'de costas', <*-le-* 'estado' e <*we* 'ação': ficar
 ou estar de costas)

6.2 A formação morfológica dos topônimos hispânicos

Em geral, os topônimos hispânicos caracterizam-se por estar compostos por dois elementos, sendo o primeiro o que especifica o acidente geográfico e corresponde a um substantivo, ao qual pode estar ou não ligado um determinante; e, o segundo, o que indica uma característica do lugar (forma, tamanho, cor) e freqüentemente é um adjetivo ou um SN.

Além disso, o aqui chamado segundo elemento, algumas vezes pode-se referir a um nome próprio ou a um nome de santo como nos seguintes exemplos: *Bonifacio, Valdivia, Gonzálo, San Pedro, San Juan, Santa María*.

Quanto à relação sintática destes termos observamos que ocorre da seguinte forma:

1. Com a preposição *de*, especialmente, no caso do SN (*Agua de las Niñas, Paso de las Ranas, Cuesta de la Culebra, Paso de las Quilas, Colmillo del (de+el) Diablo, El Parque de los Ciervos, La Loma de la Cruz*

2. Sem a preposição (*Cordillera el Buey, Bajo Malleco, Cuesta el Tostao, Estero la Princesa, El Agua Azul*), devido ao fato de que, foneticamente, a consoante /d/ da preposição *de* suprime-se entre vogais, ou a preposição inteira desaparece (comum no espanhol de América).

É de ressaltar, neste particular, que esta tendência espontânea atual dos falantes do espanhol, que tem sido chamada por Rafael Lapesa "escasa conciencia de la separación de las palabras" e que permite "el desarrollo de la aglutinación" (1980: 469), também foi observada por Rago (1984: 38) na toponímia "llanera" da Venezuela:

"...parece ser una tendencia espontánea a la supresión que encabeza un SP dentro de un SN (de hecho el fenómeno ha sido señalado como un americanismo)"

Uma observação particular deve ser feita também em referência à ordem do adjetivo, a qual mostra que a mais comum é a posposição (substantivo + adjetivo), além de concordar em gênero e número com o substantivo ao qual se refere.

Como se vê, nessa seqüência ele tem função de adjetivo qualificativo e possui valor objetivo, devido ao fato de que a significação é de caráter descritivo (*Piedra Blanca, Piedras Grandes, Cerro Negro, Cerro Mocho, Estero Viejo, Río Claro, Aguas Negras*)

A respeito da outra possibilidade, a anteposição, registram-se poucos casos, e quando ocorrem, do ponto de vista semântico, o adjetivo alcança um sentido especial ou figurado, especialmente, em topônimos do tipo (*Alto Mirador, Primer Agua* 'riacho', *San Luis* 'lugar', *San Pedro* 'porto, rio, lugar, fundo', *Santa Bárbara* 'povoado', *Tres Ventanas* 'lugar', *Tres Pinos* 'lugar').

Da mesma maneira que as contruções anteriores, existem algumas formas pertencente à substantivação do adjetivo e com anteposição do determinante (em geral, do artigo). Estas, relacionam-se com hidrotopônimos (riachos: *El Claro, El Colorado, El Seco, El Fiero, El Cenizo, El Malo*), cromotopônimos (cordilheira: *La Blanca, Las Bayas*) e numerotopônimos (lugares: *El Dos, El Tres, El Cuatro, El Uno y Medio*).

Por último, existem outras duas possibilidades de formação dos topônimos hispânicos, mas em geral, representadas por poucos exemplos:

1. Aquelas constituídas por um termo (N), o qual pode ou não ter o determinante, referido a nomes de lugar de origem históricos:

Parlamento 'lugar' (lugar onde espanhóis e mapuches reuniam-se para fazer acordos sobre a paz)

Valdivia 'cidade' (pelo sobrenome do Conquistador do Chile)

Negrete 'povoado, forte' (pelo Capitán Don Juan de Negrete que em 1551 descobriu o vau no rio Bío-Bío)

La Imperial 'povoado, forte' (em honra ao Imperador Carlos V)

Villa-Rica 'cidade, forte' (pelo ouro encontrado no lugar)

Niebla 'lugar'

Tucapel 'povoado', forte' (cacique aliado do Conquistador Pedro de Valdivia e depois seu pior inimigo)

Gorbea, Lastarrias 'povoados' (sobrenomes de dois professores contratados da Europa no século XIX para desenvolver a educação no Instituto Pedagógico)

2. Aquelas constituídas por dois termos em aposição (N + N): (*Punta Ancla, Río Tornagaleones, Río Tornafragatas, Isla Teja, Piedra Cruz*)

6.3 Aspectos Semânticos

6.3.1 Relevância do significado na formação dos nomes

1. A percepção visual e auditiva, assim como as impressões intuitivas encontram-se expressadas através do mecanismo da metáfora. No *corpus* temos encontrado vários topônimos que demonstram estas características e dão conta deste recurso. Exemplos:

<i>Niwinko</i>	'riacho' (< <i>nüwün</i> 'perdido' e <i>ko</i> 'riacho': riacho perdido)
<i>Koilako</i>	'riacho' (< <i>koyla</i> 'mentira' e <i>ko</i> 'riacho': riacho que mente porque as vezes ele não tem água)
<i>Chollonkura</i>	'pedra' (< <i>chollong</i> 'de cócoras, agachado' e <i>kura</i> 'pedra': pedra de cócoras)
<i>Kollunko</i>	'riacho' (< <i>küyem</i> 'lua' e <i>ko</i> 'riacho': água onde se vê a lua ou pedras reluzentes como a lua)
<i>Wankizorra</i>	'montanha' (< <i>wankün</i> 'gritar' e zorro 'raposa': montanha onde grita a raposa)

2. A repetição ou reduplicação de alguns constituintes semântico-sintáticos é um recurso que usam muitas línguas para enfatizar o significado e expressar o grau superlativo. No *mapudungun* o fenômeno registra-se inúmeras vezes e o mecanismo desenvolvido por esta língua reduplica só o primeiro elemento da palavra, seja substantivo, adjetivo ou verbo, correspondendo esta classe de estrutura sintática a uma reduplicação justaposta (sem pausa e sem elementos conjuntivos).

Em "La reduplicación en mapudungun" (Sandvig 1986), único artigo conhecido sobre este tema, foram destacadas as pesquisas feitas em línguas diferentes de todos os continentes, pela lingüista Edith Moravcsik e suas contribuições a respeito do conceito de reduplicação e as formas e funções destas construções reduplicadas.

Sandvig, depois de considerar e comentar as classificações de Moravcsik (1978), conclui que a reduplicação em mapuche é uma "forma bimodal total", ou seja, a repetição não é parcial, não é possível repetir a última consoante, nem a última sílaba ou a sílaba interior do lexema, o que se deve repetir é o primeiro elemento apenas uma vez. Essa repetição é a que carrega a diferença semântica entre as construções.

Victoria Escandell (1991: 71-72) comenta que muitas línguas valem-se da reduplicação de modo sistemático para formar o plural (indonésio, warlpiri), para expressar diferentes classes de quantificação intensificadora (chinês, georgiano, makasarês, kinyarwanda), ou como procedimento derivativo que permite mudar a categoria gramatical de alguns termos (tagalo). No seu trabalho "Sobre las reduplicaciones léxicas", ela estuda o problema da interpretação das estruturas repetitivas do espanhol sob uma perspectiva formal, e tenta estabelecer: (1) os principais padrões sintáticos que apresentam estas construções e (2) qual é o significado que se associa a cada expressão.

Do ponto de vista metodológico, ela disse que os procedimentos sintáticos que têm que ser considerados para analisar as estruturas reduplicadas seriam três: a *justaposição*, a *coordenação* e a *anteposição com repetição*.

Observe-se, ainda, que os chamados gramáticos clássicos (Augusta, 1903 e Moesbach, 1962) comentaram apenas parcialmente este ponto, dando conta da presença de formas reduplicadas em mapuche sem estabelecer a análise.

Nos topônimos coletados a carga significativa refere-se principalmente à existência de plantas, aos fenômenos da natureza, aos ruídos e às formas geográficas. Exemplos:

- Truftruf* 'lugar' (<truf 'vapor, neblina': onde continuamente há vapor ou neblina)
- Traytrayko* 'riacho' (<tray 'som, ruído' e ko 'riacho': o som do riacho)
- Wallwalltukurawe* 'pedra' (<wallwalltu 'roló', kura 'pedra' e we 'ação': lugar onde rolou a pedra)

- Winkilliwliw* 'riacho' (<*ringkü* 'cachoeira pequena' e *lliwliw* 'deslocar': deslocou-se a água lentamente saltando por causa das pedras ou do terreno)
- Llawllawen* 'riacho' (<*llawllawwün* 'ruído leve provocado pelo vento' e *ko* 'riacho': ruído leve da água provocado pelo vento)
- Longlong* 'lugar' (<*llongoll-llongoll* 'o chefe máximo, principal': lugar onde ele mora)
- Llawllaw~llewlew* 'lugar' (<*llawllaw* 'abundantes': quando as lágrimas correm copiosamente)
- Roiroi* 'riacho' (<*roi* 'raivoso': riacho raivoso)
- Trufultruful* 'rio, lugar' (<*truful* 'ruído da água quando desce da cordilheira, bate nas rochas e levanta neblina)
- Triftrifko* 'riacho, redução' (<*trif* 'ruído da água quando desce o cerro e *ko* 'riacho')
- Koilako* 'riacho' (<*koila* 'mentira' e *ko* 'riacho': riacho que mente porque as vezes ele não leva água)
- Llikanko* 'lugar' (<*llükan* 'ter medo' e *ko* 'água': ter medo de cruzar essas águas)
- Kimpo* 'riacho' (<*kümpo* 'que tem forma de guarda chuva' e *ko* 'riacho': riacho que parece um guarda chuva devido à forma das árvores e arbusto que ele tem dos dois lados)
- Chuchuyko, Susuyko* 'riacho' (<*chuchuy* 'lento', como o caminhar dos avós, e *ko* 'água': águas lentas como o caminhar dos velhos)
- Inaprachewe* 'lagoa' (<*unan* 'seguir', *püra* 'para acima', *che* 'gente' e *we* 'ação': a água levanta-se, envolve as pessoas e as traz para o fundo)

3. Por último, a interação durante cinco séculos entre mapuches, espanhóis e chilenos (guerra, escola, evangelização) favoreceu a formação de muitas palavras e topônimos híbridos. Com o tempo várias formas foram modificadas à fonética da língua indígena. Exemplos:

- Chumpirukura* 'pedra' (<*chumpüru* 'chapéu' e *kura* 'pedra': pedra com forma de chapéu)
- Kilamanzano* 'lugar' (<*küla* 'três' e *manzano* 'árvore': três árvores)

Malalkawellu 'lugar, redução' (<*malal* 'curral' e *kawellu* 'cavalo': curral para cavalos)

Banderamawida 'cerro' (<*bandeira* e *mawida* 'monte': monte onde encontraram uma bandera)

Pangal 'redução' (<*pange* "nalca" e *al* (coletivo em espanhol): abundância de nalcas, planta silvestre)

Puente Willines 'ponte' (<*willin* 'nútria' e *-es* (plural em espanhol): ponte onde há nútrias)

Maiten, Maitenal 'lugar' (<*maiten* 'árvore' e *-al*, coletivo em espanhol: abundância de maiten)

6.3.2 A Etimologia popular²²

Como bem define Baldinger (1986: 1-2) é difícil crer que não existam trabalhos sobre etimologia e onomástica. Apesar de ter pesquisado com muita paciência a bibliografia especializada, ele não achou nenhum artigo relacionado a estes temas. Só existem estudos sobre etimologia popular, mas não ligados à onomástica.

Uma das características da etimologia popular refere-se ao fato de se poder trocar ou alterar o significante e o significado de um topônimo, ligando-o equivocadamente a outro termo que apresenta sons semelhantes. De fato, poderíamos dizer que este fenômeno estabelece motivações etimológicas espontâneas de caráter subjetivo. No entanto, a chamada etimologia científica, tenta explicar suas deduções semânticas seguindo suas próprias leis fonéticas (relações semânticas e considerações diacrônicas) com a maior objetividade possível

Uma das primeiras manifestações específicas sobre este fenômeno

²² Vale a pena explicar que junto a termo *etimologia popular*, introduzido por Förstemann, em 1852, (no artigo *Über deutsche Volksetymologie*), na terminologia científica, existem outras expressões propostas por diferentes autores. Por exemplo: *etimologia associativa* (Orr), *etimologia estática* (Vendryes), *etimologia secundária* (Gilliéron), *etimologia sincrônica* (Deutschmann), *paretimologia* (Pisani), *analogia léxica* (Runes), *atração léxica* (Ducháček), *atração paronímica* e *atração homonímica* (Dauzat), *motivação secundária* (Baumann), etc. (Baldinger 1986: 2).

Neste trabalho usa-se o termo *etimologia popular*, devido a sua ampla difusão no âmbito hispânico.

corresponde a Dauzat. Ele, falando dos nomes de lugares, constatou que a etimologia popular (1963: 63):

"...agit toujours sur des mots isolés, dont le sens originaire n'est plus compris, et que l'association des idées rattache inconsciemment à d'autres noms de lieux plus connus ou plus répandus, ou à des noms communs"

Por isso, o pesquisador que estuda a evolução do léxico de uma língua com as diferentes possibilidades de campos léxicos, sabe muito bem que as interferências e as interdependências sempre estarão presentes e, num determinado momento, até poderão perturbar a situação básica da análise. De acordo com o nome original de um artigo de Baldinger publicado na *Revista de Filología Española* (1966), às vezes a etimologia popular constitui "La pesadilla de los etimólogos". Segundo ele (1966: 104):

"Esta situación básica explica no sólo las interdependencias, sino también las interferencias mutuas, las contaminaciones, tanto en el nivel de las formas como en el nivel de los contenidos. Un cambio en una de las estructuras puede tener repercusiones en las demás. No se trata, pues, de algunos casos aislados al margen de la lengua, sino de una situación fundamental y las interferencias entre las familias de palabras hasta no son excepciones, sino más bien la regla, la situación normal y regular. La lengua es, por así decirlo, *!un hospital de choques!* Y el etimólogo no tiene más remedio que vivir con esta pesadilla y conformarse con su destino"

Quando alguns topônimos separam-se ou perdem seu significado primitivo, e associam-se a outros nomes de lugares mais conhecidos, pertencentes à língua geral, encontramos-nos ante uma interferência de caráter semântico e ante uma etimologia de nível secundário.

Se a pessoa que estuda os topônimos não atua com cautela, pode cometer erros e, involuntariamente, ajudar a multiplicá-los devido às camuflagens ou falsas aparências apresentadas por esta classe de motivação.

Deve-se, portanto, aceitar o fato de que se a etimologia popular origina mudanças na língua também estas podem ocorrer na toponímia.

Ao falar dos topônimos indígenas é possível pensar em duas fontes para a etimologia popular, com base na prolongada interação de duas culturas no sul do Chile: a mapuche e a européia-ocidental. De um lado, hispanos e chilenos modificaram os nomes de lugar pelo desconhecimento do *mapudungun*, pelos sons semelhantes e pelas dificuldades da escrita, e, de outro lado, os mapuches ficaram desconsertados ante os novos nomes oficiais impostos por decreto e procuraram associar formas alternativas e compreensíveis na sua língua.

Bertha de Koessler, no artigo "Etimología de algunos topónimos según informantes araucanos", discutiu as fontes etimológicas comentadas no parágrafo acima e mostrou que:

"Hasta la onomástica personal, por cuyas etimologías he consultado, más de una vez, a los propios indios que llevan cada nombre, suele no ser interpretada correctamente por ellos: un mismo informante me ha dado distintas interpretaciones de su nombre, y algunos han llegado a desconocer el significado del suyo" (1963: 139)

Com base nos dados do *corpus*, apresentaremos a seguir exemplos de etimologia popular provenientes dos nomes mapuches.

Lavapie ou *Punta Lavapie* 'ponta de uma ilha', localizada na parte norte do território, à primeira vista parece uma palavra do espanhol, contudo, a semelhança fonética com os topônimos mapuches *Lawwapi* (<*law* 'calvo' e *wapi* 'ilha') e *Llagwapi* (<*llag* 'resto' e *wapi*) provocaram várias dúvidas e descobrimos, finalmente, que por etimologia popular originou-se a forma *Lavapie*, mantendo, assim, a relação com o antigo significado, pois a ilha não possui vegetação devido ao solo rochoso e à força do vento no litoral.

Quilapalos tem uma história diferente. Segundo os informantes, o topônimo significaria 'três paus'. De acordo com a informação disponível só haveria coincidência com o primeiro elemento da palavra, *küla* 'três', e *palos* não corresponderia a pau ou pedaço de madeira, mas à voz mapuche *paļu* que significa 'tia do lado do pai', ou seja, o lugar onde moravam três tias paternas.

Outro exemplo interessante é *Vaquecha* 'cerro, fundo, vale na cordilheira', pronunciado neste caso com acento proparoxítono. A motivação inicial provém da forma de um cerro que visto de longe assemelha-se a uma "vaca hechada", 'vaca sentada'. Talvez a análise diacrônica possa ajudar a entender melhor a mudança deste topônimo. Em primeiro lugar, houve uma queda do /d/ intervocálico, tendência freqüente no espanhol de América, e depois eliminação do hiato (Vac-ahe-chada) pela troca da sílaba tônica. Daí, então, *Vaquecha*.

Finalmente, apresentamos o caso de *El Agrio*, nome atual do vulcão antigamente denominado *Copahue* (nome, hoje em dia, pouco utilizado). A razão da mudança deve-se ao fato da existência de uma lagoa localizada na parte baixa do vulcão que contém água mineral, ácida ou acre, e que os mapuches usam até hoje com fins medicinais. A passagem *Agua del Agrio* para o atual nome de *El Agrio*, demonstra a dinâmica da língua e as mudanças que oferecem as etimologias populares.

6.3.3 Eixos êmicos ou subjacentes

Nesta seção, pretende-se comentar algumas idéias sobre as motivações que levaram o homem da região a batizar a terra com diferentes nomes.

Examinando o material nota-se que acima das motivações individuais existem verdadeiras linhas diretrizes ou eixos êmicos que se relacionam com a cosmovisão ou visão do mundo de cada povo. Estes tópicos têm bastante relevância porque superam o estudo da etimologia e significado de um topônimo. A partir destas descrições, pressupõem-se algumas respostas sobre a organização interna dos nomes de lugares.

Entre as principais fontes de inspiração que ambas as culturas compartilham, encontram-se as relacionadas com a morfologia do terreno, a água, a flora, a fauna, os costumes e as crenças, mas outros aspectos não são comuns a tais culturas.

As motivações que os colonizadores espanhóis levaram em conta nos primeiros séculos da história do Chile, e mais tarde durante a Reconquista, caracterizam uma época e um sistema administrativo próprio e diferente. A toponímia que repousa na tradição hispânica aparece subordinada, como dissemos no artigo "La presencia de la Cruz y de la Espada en la toponímia del sur

de Chile" (Bernaes 1987 e 1993: 115), às idéias diretrizes simbolizadas com a "Cruz" e a "Espada".

A primeira, representaria o advento do Cristianismo e o sentimento religioso do soldado espanhol (*Punta San Mateo, Río San Pedro, San José de Alcudia, Nuestra Señora de los Remedios*), e a segunda, o poderio e a força avassaladora da coroa espanhola em América (*La Imperial, Isla Mancera, Río Tornagaleones, Río Tornafragatas, Fuerte de Corral, Ercilla*).

Junto a estes eixos percebe-se outro, referido ao demoníaco, à personificação do Mal, cujo símbolo é o "Diabo". Segundo Souza (1987), a tradição clássica dos europeus atribuía a estas terras incríveis histórias associadas a inúmeros monstros com diversas formas e tamanhos e julgava, inclusive, que o homem na América estava dominado pelas forças do demônio, já que não tinha religião e não sabia rezar. A respeito das decisões do demônio durante a Idade Média, a autora disse que quando este perdeu o controle sobre a Europa passou para cá e instalou-se vitorioso na América, escolhendo como ponto de chegada o Brasil.

Há vários nomes que associam sua presença ou que mostram suas características (*Nariz del Diablo, Escalera del Diablo, Fundo el Infierno, Río del Diablo, La Bajá del Diablo*).

As reformas político-administrativas realizadas no país nestas últimas décadas têm ocasionado mudanças de ordem social significativa entre os camponeses; tais mudanças atualmente se refletem na toponímia da região. A Reforma Agrária dos anos sessenta legislou sobre a propriedade da terra e muitas fazendas e "fundos" foram divididos em "Asentamientos" e outorgados aos próprios empregados. Os novos e até improvisados donos da terra sentiram a necessidade de batizar suas "parcelas" e elegeram nomes relacionados com os movimentos políticos e sociais da época.

Segundo Bernales (1992 e 1993: 115) trata-se de uma motivação recente e representativa que exerce influência sobre a toponímia da região. Exemplos:

Fundo Rapelco	> Despertar Campesino 'asentamento'
Fundo Malven	> <i>Triunfo Campesino</i> 'asentamento'
Fundo Chile Nuevo	> <i>Chile Nuevo</i> 'asentamento'
Fundo Los Olmos	> <i>Sol de Setiembre</i> 'asentamento'
Hacienda Ñuble Rupanco	> <i>Asentamiento 21 de Mayo</i>

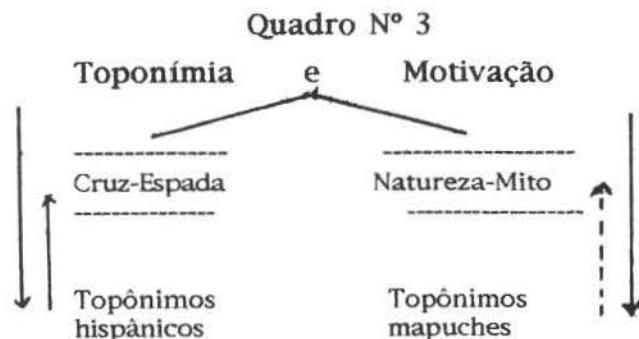
Fundo Mantahua	> <i>El Tablero</i> 'asentamento'
Fundo Rinconada	> <i>La Concepción</i> 'asentamento'
Fundo Kilamalven	> <i>Aurora de Enero</i> 'parcela'

Da mesma forma, nestas últimas décadas, constata-se um processo diferente de "toponomear", que aconteceu junto às praias e lotes de terreno localizados no lado sul do *Lago Villarrica*. Essa faixa de terra valorizou-se muito devido ao turismo e à beleza natural do lugar, e tem sido vendida, principalmente a pessoas da Capital. Os novos proprietários, pertencentes à classe alta, ao que parece, seguindo um critério que se poderia chamar de "moda", desejavam identificar-se com a região. E, de forma espontânea, esforçavam-se por batizar seus lotes de terreno com nomes mapuches, escolhidos aleatoriamente e desvinculados da realidade etnocultural e histórico-lingüística do povo mapuche e, portanto, distante de sua visão de mundo.

Os seguintes exemplos mostram o significado e a escrita dos recentes topônimos:

<i>Huimpalay</i>	'praia, camping'
<i>Antumalal</i>	'hotel'
<i>Loncotraro</i>	'praia'
<i>Anturrayen</i>	'praia'

Quanto aos eixos subjacentes dos topônimos mapuches, poderíamos dizer que estes se relacionam, especialmente, com o médio natural (morfotoponímia e hidrotoponímia) e com a dimensão mágica (mitotoponímia).



Em primeiro lugar, observa-se os eixos subjacentes hispânicos (Cruz-Espada) e mapuches (Natureza-Mito). Em segundo lugar, as linhas verticais mostram o processo da análise do *corpus*. A linha partilhada assinala a possibilidade de que os eixos encontrados na toponímia mapuche sejam os que se propõem.

7.0 CONCLUSÕES

7.1 O estudo do *mapudungun* tem uma tradição que se remonta ao ano de 1606 e surgiu com as primeiras gramáticas e dicionários escritos pelos missionários jesuítas e capuchinhos de La Araucanía. As observações feitas por seus autores, hoje, são insuficientes uma vez que as descrições são parciais e não se ajustam totalmente à realidade lingüística, mas mantêm seu valor histórico e lingüístico.

Os trabalhos científicos são poucos e infelizmente para esta língua ainda não existe uma gramática completa que permita ao pesquisador ter uma visão de conjunto.

7.2 A língua mapuche caracteriza-se também por ser só falada. Por conseguinte, as mudanças diacrônicas ou as variações dialetais poucas vezes foram registradas, além disso a complexidade natural e própria do *mapudungun*, dificulta a análise correspondente à gramática e neste caso à formação dos topônimos. Com o presente trabalho conseguimos uma primeira aproximação, especialmente porque contamos com um *corpus* recolhido *in situ* no atual território mapuche.

7.3 Por último, a interação de 500 anos entre mapuches e espanhóis tem repercutido na organização social, cultural, política e lingüística do povo. Por isso, a língua mapuche tem incorporado muitos empréstimos de ordem lexical neste último século, devido aos meios de comunicação, à escola e à evangelização. Na área norte e sul de La Araucanía onde existe mais contacto com o *wingka* (chileno), observam-se fortes mudanças morfológicas (perda da pessoa dual e de alguns paradigmas verbais).

A formação de topônimos híbridos é evidente, assim como a substituição dos nomes primitivos de lugar.

8.0 O GLOSSÁRIO

As siglas Bi, Ar, Ma, Ca, Va, representam as províncias de Bío-Bío, Arauco, Malleco, Cautín e Valdivia, respectivamente. Além disso, consultar o Mapa Nº 2.

Os números indicam os parágrafos onde os termos serviram de exemplos.

Afkintue	Ca-49	#6.2.1-7
Agua Buena	Ma-24	#4.4.3a / #5.2
Agua de las Niñas	Ca-45	#4.4.13 / #4.
Agua de la Torcaza	Ar-13	#4.1 / #4.4.13
Agua del Obispo	Va-53	#4.4.9d
Agua del Perro	Ar-13	#4.4.13
Agua Enterrá	Ca-37	#4.4.3a
Agua Santa	Ma-26	#4.4.3a
Agua Tendida	Ca-34	#4.4.13
Aguas Blancas	Ca- 37	#4.4.10-3
Aguas Negras	Bi-2	#4.3
Ainil	Va-53	#6.2.1
Alto Mirador	Ca-43	#4.3 / #4.4.11
Alulmawida	Bi-11	#4.3.1b
Ampeko	Bi-12	#4.3.2b / #4.3.4 / #6.2.1-6
Angachilla	Va-53	#4.3.5a
Angelonko, Allillonko	Ca-38	#4.3.6b
Antilwe	Ar-14	#4.3.1a
Antumalal	Ca-46	#6.4.3
Anturrayen	Ca-48	#6.4.3
Arakete	Ar-13	#4.3.1k
Arawko	Ar-13	#4.3.1f
Arenales	Ar-15	#4.4.1
Arroyo del Ternero	Bi-11	#4.4.3a
Arroyo Piedra Colorá	Ma-30	#4.4.3a
Asentamiento 21 de Mayo	Bi-10	#6.4.3
Aurora de Enero	Bi-10	#6.4.3
Avenida Alemania	Ca-36	#4.5b

Bahía de Corral	Va-54	#4.4 / 5.0/5.3
Bajo de la Paloma	Ma-25	#4.4.10-3
Bajá del Diablo	Ca-43	#4.4.2b / #4.4.9e
Bajo los Copihues	Ma-26	#4.4.2c / #4.4.11
Bajo Malleco	Ma-24	#4.4.10-3 / #4.3
Balneario Niebla	Va-53	#4.4.8
Banderamawida	Ca-32	#4.4.5 / #6.4.1-3
Batería de Chorocamayo	Va-53	#4.4.10-3
Batería del Barro	Va-53	#4.4.10-3
Batería del Bolsón	Va-53	#4.4.10-3
Batería del Carbonero	Va-53	#4.4.10-3
Batería el Molino	Va-53	#4.4 / #4.4.10-3
Batería del Morro Gonzálo	Va-53	#4.4.10-3
Batería del Piojo	Va-53	#4.4.10-3
Bernardo Ñanco	Ma-30	#4.3.6
Boca del Diablo	Ma-20	#4.4.2d / #4.4.9e
Bocatoma	Bi-11	#4.4.3b
Bombero Classing	Va-53	#4.5
Boyeco	Ca-31	#4.3.2b
Bukalemu	Bi-2	#4.3.1k
Bupaño, Kupaño	Ar-16	#4.3.1g
Butalelbun	Bi-11	#4.3.1f
Butalkura	Ca-45	#4.2.1-3
Butapaylan	B-11	#4.3.1b
Cabeza Foster	Ca-45	#4.5b
Calzado Rudloff	Va-53	#4.5c
Calzado Weiss	Va-53	#4.5c
Calle Adriazola	Va-53	#5.3
Calle Anwandter	Va-53	#4.5b/ #5.3
Calle Asenjo	Va-53	#5.3
Calle Carvallo	Va-53	#5.3
Calle Bennet	Va-53	#3.5b
Calle Dante	Ma-26	#4.5b
Calle Compañía	Va-5.3	#5.3
Calle de las Mercedes	Va-53	#4.4 / #5.3
Calle de las Tablas	Va-53	#5.3

Calle del Abasto	Va-53	#5.3
Calle del Barro	Va-53	#5.3
Calle del Medio	Ma-25	#4.4.11
Calle de los Perros	Va-53	#5.3
Calle del Manpuesto	Va-53	#5.3
Calle del Rey	Va-53	#5.3
Calle de los Conejos	Va-53	#5.3
Calle Fortaleza	Va-53	#5.3
Calle Fritz	Va-53	#4.5b
Calle Guarda	Va-53	#5.3
Calle Haverbeck	Va-53	#4.5b
Calle Henrique	Va-53	#5.3
Calle Independencia	Va-53	#5.3
Calle José Mazzini	Ma-26	#4.5b
Calle König	Va-53	#4.5b
Calle Libertad	Va-53	#5.3
Calle Lorca	Va-53	#5.3
Calle Philipp	Va-53	#4.5b
Camán	Va-53	#4.3.4b
Camino al Volcán	Ca-46	#4.4.10-1
Camino a Miraflores	Ma-23	#4.4.10-1
Camino a Quitaluto	Va-53	#4.4.10-1
Camino a Río Bueno	Va-53	#4.4.10-1
Camino a Villarrica	Ca-46	#4.4.10-1
Camino Ejército	Ca-32	#4.4.10-1
Camino Viejo a La Unión	Va-53	#4.4.10-1
Canal Bío-Bío	Bi-10	#4.4.3b
Canal Chufquen	Ma-28	#4.4.3b
Canal de Peñuelas	Bi-2	#4.4.3b
Canal el Globo	Ma-25	#4.4.3b
Canal el Ñanqui	Ma-20	#4.4.3b
Canal Ñipaco	Ma-20	#4.4.3b
Canal los Monos	Ma-29	#4.4.3b
Canal Parque Miraflores	Ma-20	#4.4.3b
Canal Yanki	Ma-20	#4.4.3b
Canal Zañartu	Bi-5	#4.4.3b

Cancha de los Salas	Bi-8	#4.4.8
Casa Blanca	Ca-36	#4.4.5
Capitán Pastenes	Ma-26	#5.2
Capricho	Ma-28	#4.4.10-3
Carmen Grande	Ma-28	#4.4.10-3
Castillo de Nacimiento	Bi-8	#4.4
Castillo de Niebla	Va-53	#4.4.10-3
Castillo de San Luis de Alba de Cruces	Va-50	#4.4.10-3 / #5.3
Castillo de San Pedro de Mancera	Va-54	#4.4.10-3
Castillo San Luis de Alba de Amargos	Va-54	#4.4.10-3
Cerro Blanco	Ca-31	#4.4.2a
Cerro Bonito	Ma-21	#5.2
Cerro Caballo Bravo	Ca-45	#4.4.2a
Cerro Camarón	Ca-47	#4.4.7
Cerro Colorado	Ma-30	#4.4.2a
Cerro Chuma	Ma-25	#4.4.8
Cerro Descabezado	Ca-38	#4.4.2a
Cerro de la Mona	Ma-23	#4.4.2a
Cerro de los Peucos	Ca-48	#4.4.2a
Cerro de Piedras	Ma-21	#4.4.1
Cerro el Diablo	Bi-7	#4.4.2a / #4.4.9e
Cerro el Malo	Bi-7	#4.4.2a
Cerro el Padre	Bi-5	#4.1 / #4.4.9d
Cerro la Bruja	Bi-12	#4.4.2a / #4.4.9e
Cerro Lomo de Toro	Ca-34	#4.4.2a
Cerro los Mellizos	Ca-27	#4.4.2a
Cerro Mocho	Ma-30	#4.4.2a / #4.3
Cerro Montura	Ca-47	#4.4.2a
Cerro Milagro	Ar-18	#4.4.2a
Cerro Negro	Bi-10	#4.4.2a / #4.3
Cerro Pan de Azúcar	Ar-19	#4.4.2a
Cerro Partío	Ar-19	#4.4.2a
Cerro Quemado	Ma-26	#4.4.2a

Cerro Redondo	Bi-11	#4.4.2a
Cinco Laureles	Ca-36	#4.4.13
Cinco Manzanos	Ca-35	#4.4.13
Ciruelos	Va-50	#4.4.6
Club Alemán de Valdivia	Va-53	#4.5a
Cocule	Va-52	#4.3.4c
Colegio Alemán	Va-53	#4.5a
Colmillo del Diablo	Ca-47	#4.4.2a /#4.3
Colonia Budi	Ca-39	#4.5
Colonia del Llaima	Ca-37	#4.5
Colonia del Transvaal	Ca-45	#4.5
Colonia Lonquimay	Ma-30	#4.5
Colonia Nueva Etruria	Ca-43	#4.5
Colonia Mendoza	Ca-37	#4.4.8
Colonia Monte Aguila	Bi-2	#4.4.8
Colonia Rodríguez	Ma-20	#4.4.8
Colonia San Guillermo	Bi-5	#4.4.
Comunidad Juan Traipe	Ma-24	#5.2
Comunidad Cantino	Ma-25	#5.2
Comunidad Millán	Ca-37	#4.3.6a
Comunidad Ñanco	Ca-36	#4.3.6a
Constantino	Va-53	#5.0/#5.2
Copahue	Ma-30	#4.3.1c
Cordillera del Buey	Bi-6	#4.4.2a /#4.3
Corte el Piñón	Bi-11	#4.4.2b
Cordillera el Toro	Bi-6	#4.4.2a
Cordillera Frutillar	Ma-19	#4.4.2a
Cordillera Pepa	Ca-38	#5.2
Cuesta de Arena	Ar-19	#4.4.2b
Cuesta de la Culebra	Va-53	#4.4.2b /#4.3
Cuesta de Soto	Va-53	#4.4.2b /#5.2
Cuesta Durán	Ca-49	#4.4.2b
Cuesta el Tostao	Ca-34	#4.4.2b /#4.3
Cuesta Lastarrias	Ca-45	#4.4.2b
Cuesta Pinico	Va-53	#4.5d
Chada	Ca-43	#4.3.1f / #4.3.2a

Chaiwin	Va-54	#4.1
Chacayal	Bi-7	#4.3.4b
Chanchan	Ar-18	#4.3.4c
Changillfütako	Bi-11	#4.3.2f / #6.2.1-3
Chapuco	Ma-26	#4.3.2a
Charuka	Ca-39	#4.3.3
Chaura	Ca-46	#4.3.4b
Chengkeko	Ma-26	#4.3.2f
Chepika	Ma-25	#6.2.1
Cherkenko	Bi-11	#4.3.2c
Cheske	Ca-45	#4.3.1e
Chijetá de la Vieja	Ma-29	#4.4.3a
Chile Nuevo	Bi-9	#6.4.3
Chilko	Va-53	#6.2.1
Chodoy	Ca-39	#4.3.5b
Chodpewen	Bi-11	#4.3.1b
Cholchol	Ca-35	#4.3.1g / #6.2.1-6
Cholwan	Vi-5	#4.3.2d
Chollonkura	Vi-11	#6.4.1-1
Chorocamayo	Va-53	#5.4
Choswenko	Va-52	#4.3.1c
Chuchuyko, Susuyko	Bi-8	#4.3.2g
Chukauko, Tricauko	Ca-35	#4.3.2c
Chumpürukura	Ca-31	#4.3.3 / #4.4.1-3
Chumulko	Ma-24	#4.3.2e
Despertar Campesino	Bi-6	#6.4.3
Diwen	Bi-10	#4.3.1g / #6.2.1-7
Dollinko	Bi-8	#4.3.2c
Edificio Marsan	Ca-36	#4.5c
El Agrio	Bi-11	#4.4.2
El Agua Azul	Ma-30	#4.3
El Agua de las Niñas	Ma-25	#4.4.3a
El Alamo	Ca-36	#4.4.6
El Almendro	Ma-21	#4.4.6
El Bajo de la Callana	Ma-29	#4.4.2c
El Buey	Bi-12	#4.4.7

El Canelo	Ar-15	#4.4.3a
El Castaño	Ma-13	#4.4.6
El Cardal	Ma-27	#4.4.6
El Cenizo	Ma-29	#4.4.3a / #4.3
El Claro	Ar-17	#4.3
El Colmillo del Diablo	Ca-28	#4.4.9e
El Colorado	Ma-29	#4.3
El Crucero de la Sétima	Ca-49	#4.4.13
El Cuatro	Ca-34	#4.4.13 / #4.3
El Dieciocho	Ma-25	#4.4.13
El Dos	Ca-34	#4.4.13 / #4.3
El Escorial	Ca-46	#4.4.1
El Fiero	Ma-29	#4.3
El Filo de la Bandera	Ca-33	#4.4.2a
El Infiernillo	Ar-15	#4.4.2a / #4.4.9e
El Killay	Bi-4	#4.3.4b
El Maitén	Va-23	#4.3.4a
El Malo	Ca-33	#4.3
El Manto de la Novia	Bi-6	#4.4.13
El Manzano	Ma-20	#4.4.6
El Melí	Va-53	#4.3.4a
El Membrillo	Ca-35	#4.4.6
El Mirador	Ca-37	#4.4.2a
El Molino	Va-53	#5.3
El Naranjo	Ma-29	#4.4.6
El Natral	Ma-26	#4.3.4b
El Natre	Ca-36	#4.3.4b
El Nogal	Bi-12	#4.4.6
El Ovillo	Ma-30	#4.4.6
El Palomar	Ar-15	#4.4.2a
El Papal	Ca-47	#4.4.6
El Parque de los Ciervos	Ma-29	#4.4.2a / #4.3
El Paso de las Quilas	Bi-6	#4.4.2d
El Peral	Ca-49	#4.4.6
El Pescado	Ca-45	#4.4.3a / #4.4.7
El Peumo	Ar-14	#4.3.4a

El Sagrado Corazón	Va-53	#4.4.9b
El Saltillo de las Minas	Ma-30	#4.4.3a
El Saltillo	Ca-46	#4.4.3a
El Salto	Ma-28	#4.4.3a
El Salto de la Turbina	Ca-33	#4.4.3a
El Salto del León	Ma-29	#4.4.13
El Salto Malven	Bi-10	#4.4.3a
El Seco	Ca-37	#4.3
El Tablero	Ca-45	#6.4.3
El Toro	Ma-25	#4.4.7
El Trébol	Ar-16	#4.4.6
El Tren	Bi-12	#4.4.13
El Tres	Ca-34	#4.4.13 / #4.3
El Uno y Medio	Ca-41	#4.4.13 / #4.3
El Veinte	Ma-25	#4.4.13
El Velo de la Novia	Bi-6	#4.4.13
Eputrayen	Ca-43	#4.3.8 / #6.2.1-4
Ercilla	Ma-24	#4.4.8 / #4.4.3
Escalera del Diablo	Bi-6	#4.4.4 / #4.4.9e / #4.4.3
Estación Guzmán	Va-53	#5.2
Estación Kùlkùlko	Va-53	#5.2
Estación Kollilewfü	Va-53	#5.3
Esterero de la Aguada	Va-53	#4.4.3a
Esterero de la Plata	Ca-48	#4.4.3a
Esterero de la Poza	Va-53	#4.4.3a
Esterero el Obispo	Va-53	#4.4.9d
Esterero la Paloma	Ca-37	#4.4.3a
Esterero de la Princesa	Ma-29	#4.4.3a / #4.3
Esterero Lirken	Ca-39	#4.3.2d
Esterero Santa María	Va-50	#4.4 / #4.4.9c
Esterero Viejo	Ca-49	#4.3
Faja Maisa	Ca-43	#4.5b
Faja Ricci	Ca-45	#4.5b
Faja Stricke	Ca-43	#4.5b
Fernando Carilao	Ma-22	#4.3.6
Filoko, Filolafken	Va-53	#4.3.2c

Francisco Huenupangui	Ca-34	#4.3.6
Fuerte Amargos	Va-54	#4.4/#5.3
Fuerte Corral	Va-54	#4.4.3
Fuerte de Concepción	Bi-1	#4.4
Fuerte de la Aguada del Inglés	Va-53	#4.4.10-3
Fuerte de La Imperial	Ca-35	#4.4
Fuerte de Las Animas	Va-53	#4.4.10-3
Fuerte del Nacimiento de Nuestro Señor	Bi-8	#4.4.10-3/#5.2
Fuerte de Negrete	Bi-9	#5.2
Fuerte de Santa Juana de Guada-Alcázar	Bi-8	#4.4
Fuerte de Mancera	Va-54	#4.4
Fuerte de Mariquina	Va-50	#4.4
Fuerte de San Carlos	Va-53	#4.4.10-3
Fuerte San Carlos de Purén	Ca-22	#4.4.9a
Fuerte San Francisco de Borjas	Bi-8	#4.4.9a/#5.2
Fuerte de Vallenar	Ar-13	#4.4.10-3
Fuerte de Villa-Rica	Ca-46	#4.4
Fuerte de Trubunleo	Ca-47	#4.4.10-3
Fundo Chile Nuevo	Bi-10	#6.4.3
Fundo Danubio	Ca-37	#4.5a
Fundo el Infierno	Ca-45	#4.4.3
Fundo Germania	Ca-37	#4.5a
Fundo Kilamalven	Bi-10	#6.4.3
Fundo Los Olmos	Bi-9	#6.4.3
Fundo Malven	Bi-10	#6.4.3
Fundo Rapelco	Bi-10	#6.4.3
Fundo Rinconada	Ca-49	#6.4.3
Fundo Mantahua	Ma-20	#6.4.3
Fundo Mañiwal	Bi-5	#4.3.4a
Fundo San Agustín	Ma-29	#4.4.10-3
Fundo San Alejandro	Ca-46	#4.4.10-3
Fundo San Andrés	Ma-25	#4.4.10-3

Fundo San Antonio	Ma-28	#4.4.10-3
Fundo San Bernabé	Ca-32	#4.4.10-3
Fundo San Carlos	Ma-25	#4.4.10-3
Fundo San Cornelio	Ma-29	#4.4.10-3
Fundo San Eloy	Bi-1	#4.4.10-3
Fundo San Ernesto	Ar-18	#4.4.10-3
Fundo San Francisco	Ca-45	#4.4.10-3
F. San Gabriel de Rihue	Bi-9	#4.4.10-3
Fundo San Gerardo	Bi-4	#4.4.10-3
Fundo San Gregorio	Ma-28	#4.4.10-3
Fundo San Isidro	Bi-4	#4.4.10-3
Fundo San Jorge	Ca-37	#4.4.10-3
Fundo San José	Ca-35	#4.4.10-3
Fundo San Juan	Ca-37	#4.4.10-3
Fundo San Justo	Ma-26	#4.4.10-3
Fundo San Lauro	Ca-45	#4.4.10-3
Fundo San Lorenzo	Ca-45	#4.4.10-3
Fundo San Luis	Ma-20	#4.4.10-3
Fundo San Martín	Bi-10	#4.4.10-3
Fundo San Miguel	Ma-24	#4.4.10-3
Fundo San Nicolás	Bi-8	#4.4.10-3
Fundo San Paulo	Bi-12	#4.4.10-3
Fundo San Pedro	Ca-46	#4.4.10-3
Fundo San Rafael	Bi-2	#4.4.10-3
Fundo San Ramón	Ca-49	#4.4.10-3
Fundo San Roque	Bi-8	#4.4.10-3
Fundo San Rosendo	Bi-1	#4.4.10-3
Fundo San Vicente	Ma-22	#4.4.10-3
Fundo Santa Adriana	Bi-12	#4.4.10-3
Fundo Santa Alicia	Ca-32	#4.4.10-3
Fundo Santa Amelia	Ma-27	#4.4.10-3
Fundo Santa Ana	Ca-37	#4.4.10-3
Fundo Santa Anatilde	Ca-49	#4.4.10-3
Fundo Santa Anselma	Ca-37	#4.4.10-3
Fundo Santa Bárbara	Bi-11	#4.4.10-3
Fundo Santa Berta	Ca-45	#4.4.10-3

Fundo Santa Catalina	Ma-25	#4.4.10-3
Fundo Santa Clara	Ma-23	#4.4.10-3
Fundo Santa Elena	Ca-31	#4.4.10-3
Fundo Santa Elcira	Bi-4	#4.4.10-3
Fundo Santa Elisa	Ma-23	#4.4.10-3
Fundo Santa Ema	Ma-29	#4.4.10-3
Fundo Santa Emilia	Bi-10	#4.4.10-3
Fundo Santa Filomena	Ma-29	#4.4.10-3
Fundo Santa Fresia	Ca-37	#4.4.10-3
Fundo Santa Gertrudis	Bi-8	#4.4.10-3
Fundo Santa Helena	Ca-37	#4.4.10-3
Fundo Santa Inés	Ca-37	#4.4.10-3
Fundo Santa Isabel	Bi-4	#4.4.10-3
Fundo Santa Juana	Ma-28	#4.4.10-3
Fundo Santa Julia	Ma-25	#4.4.10-3
Fundo Santa Laura	Ca-31	#4.4.10-3
Fundo Santa Lucía	Ca-31	#4.4.10-3
Fundo Santa Luisa	Ma-25	#4.4.10-3
Fundo Santa María	Ma-28	#4.4.10-3 / #4.4.9c
Fundo Santa Margarita	Ma-25	#4.4.10-3
Fundo Santa Marta	Ma-24	#4.4.10-3
Fundo Santa Mónica	Bi-10	#4.4.10-3
Fundo Santa Raquel	Bi-10	#4.4.10-3
Fundo Santa Rosa	Ma-26	#4.4.10-3
Fundo Santa Sara	Bi-2	#4.4.10-3
Fundo Santa Silvia	Ma-26	#4.4.10-3
Fundo Santa Soledad	Ma-28	#4.4.10-3
Fundo Santa Teresa	Ca-37	#4.4.10-3
Fundo Santa Victoria	Ma-21	#4.4.10-3
Fundo Santo Domingo	Ma-28	#4.4.10-3
Futa	Va-53	#5.1
Futalifkan	Bi-11	#4.3.1a / #6.2.1-3
Fütapelan	Bi-11	#6.2.1-3
Futawingkul	B-11	#4.3.1a
Füchadegiñ	Ca-37	#4.3.1c
Galletué	Ma-30	#4.3.2f

Gorbea	Ca-45	#4.3
Güiguacabin	Va-54	#5.0
Guindo Chico, G. Grande	Ma-27	#4.4.6
Guadey, Guachay	Va-53	#5.4
Gwape, Wapi	Va-53	#4.3.1j
Hacienda los Cántaros	Bi-4	#4.4.5
Hotel Pelz	Va-53	#4.5c
Hotel Schuster	Va-53	#4.5c
Huinpalay	Ca-46	#6.4.3
Ikulpe	Va-53	#4.3.1i
Inaprachewe	Bi-11	#4.3.2g
Inspector Fernández	Ma-28	#5.2
Instituto Alemán	Va-53	#4.5a
Iñintumawida	Ar-18	#4.3.4c / #6.2.1-8
Isla Blanca	Bi-3	#4.4.2d
Isla Chijete de la Vieja	Ma-21	#4.4.2d
Isla de Duqueco	Bi-3	#4.4.2d
Isla de la Laja	Bi-3	#4.4.2d
Isla del Chingue	Ma-20	#4.3.5a
Isla del Rey	Va-53	#3.1 / #4.4.2d
Isla de Vergara	Bi-3	#4.4.2d / #4.4.8
Isla Mancera	Va-54	#4.4.2d / #4.4.3 / #5.0
Isla Mocha	Ca-34	#5.2
Isla Mota	Va-53	#4.4.2d
Isla Realeja	Va-53	#4.4.2d
Isla Santa María	Ar-13	#4.4.2d
Isla Teja	Va-53	#4.4.2d / #4.3 / #5.0
Isla Valenzuela	Va-53	#4.4.8 / #5.0
Itropulli	Va-53	#4.3.1f
Juan Calfucura	Ca-37	#4.3.6
Kachillawe	Ca-36	#6.2.1-7
Kalafken	Va-52	#6.2.1-6 / #5.1
Kalfuko	Ca-40	#4.3.2d / #6.2.1-3
Kalfuray	Ca-46	#6.4.3
Kallarken	Bi-11	#4.3.1c / #5.2
Kallekalle	Va-53	#6.2.1-6

Karilafken	Va-52	#4.3.2d /#6.2.1-3 /#6.2.1-6
Kaukau, Kawkaw	Va-53	#4.3.5b/#5.1
Kauñiku	Bi-11	#4.3.7
Kautin	Ca-36	#6.2.1-6
Kayukura	Ca-34	#4.3.8
Kechuko	Va-50	#4.3.8
Kechupüllli, Kechupulli	Va-51	#4.3.8
Kenchuwe	Va-52	#4.3.3
Kepe	Ca-36	#6.2.1-6
Kepé	Va-50	#5.0
Ketroko, Ketroleufu	Bi-11	#4.3.2f
Ketropillan	Va-52	#4.3.1
Kewle	Ca-44	#4.3.1d
Kewpuwe	Ca-35	#4.3.1d
Kidiko	Ar-19	#4.3.1k
Kilamanzano	Ca-35	#4.4.1-3
Kilapalo	Bi-12	#4.3.1e
Kilape	Ma-29	#4.3.6a
Kilómetro Cuatro	Ca-41	#4.4.13
Killaykawe	Bi-11	#6.2.1-9
Killayleo	Bi-6	#4.3.2b /#6.2.1-6
Kimpo	Bi-10	#4.3.2g
Kiriko	Ar-14	#4.3.1f
Kitraukin	Ca-44	#6.2.1-8
Kochuko	Ma-21	#4.3.1h /#6.2.1-6
Koilako	Ca-47	#4.3.2g /#6.4.1-1
Koipuko	Ca-34	#4.3.2c
Koipuwe, Koipúe	Ca 43	#4.3.5a
Koiweko	Bi-6	#4.3.2b
Kolchawa	Bi-1	#6.2.1-3
Kololwe	Va-53	#4.3.3
Kolwe	Bi-11	#4.3.1h
Kolliko	Ar-14	#4.3.1d /#6.2.1-3/#5.0
Kollimallin	Ca-36	#4.3.3 /#6.2.1-3/#5.1
Kollipulli	Ma-25	#4.3.3
Kolluko	Ma-27	#4.3.1h

Kollunko	Ca-33	#6.4.1-1
Komewe	Ma-22	#6.2.1-9/#5.1
Koñaripe	Va-47	#4.3.6b
Kopawe	Bi-11	#6.2.1-9
Kopiwko	Bi-11	#4.3.2b
Koyke	Va-53	#4.3.4a
Kudiko	Va-50	#4.3.2a
Kulenko	Bi-8	#4.3.2b
Kulentue	Ca-31	#6.2.1-8
Kultrunkura	Bi-11	#4.3.3
Kumkumyaki, Kümkümrakiñ	Ca-48	#4.3.5b
Kunkuman	Bi-11	#4.3.1h
Kuñeleleu	Ma-24	#4.2.1-4
Kurako	Ma-25	#4.3.2a
Kuraleufu, Kuralewfü	Ca-39	#4.3.2a /#6.2.1-6
Kuranilawe	Ar-14	#6.2.1-2
Kureo	Bi-11	#4.3.2c
Kuriche	Bi-7	#4.3.1a /#6.2.1-3
Kurileufu	Ca-42	#4.3.2d
Kuriñamko	Va-53	#4.3.6a
Kuriwillin	Ca 41	#6.2.1-3
Kuyamo	Va-54	#5.2
Külako	Ar-18	#4.3.1k
Külamanzano	Ma-27	#4.3.8
Külapalo	Bi-12	#6.2.1-4
Kümeke	Ma-27	#5.2
Künkülko	Ca-33	#4.3.2b
Külayiwiñ,	Ca-47	#4.3.2f
Külonko	Ca-35	#4.3.2b
La Agua Azul	Bi-11	#4.4.3a
La Baja del Diablo	Ca-45	#4.4.1-2
La Blanca	Bi-6	#4.3.1c/#5.2
La Capilla	Ca-46	#4.4.9b
La Cascada	Bi-6	#4.4.3a
La Catedral	Ma-29	#4.4.9b

La Concepción	Bi-1	#6.4.3
La Cruz Blanca	Va-53	#4.4.5
La Chascuda	Ma-25	#4.4.3 / #4.4.9e
Lago Villarrica	Ca-46	#5.2
La Gruta	Bi-12	#4.4.9b
La Gruta de Lourdes	Va-5	#4.4.9b
Laguna Angostura	Bi-11	#4.4.3a
Laguna Azul	Ma-30	#4.4.12
Laguna Hidalgo	Ma-29	#4.4.3a
Laguna el Laja	Bi-6	#4.4.3a
Laguna el Potro	Bi-6	#4.4.3a
Laguna el Treile	Bi-6	#4.3.2c
Laguna Sánchez	Ma-30	#4.4.3a
Laguna San Pedro	Ma-30	#4.4.3a
Laguna Negra	Ar-18	#4.4.12
Laguna Trauleo	Bi-11	#4.3.2f
Laguna Trewa	Ma-30	#4.3.2g
La Habana	Va-53	#5.2
La Imperial	Ca-35	#4.4.3/#5.2
Lakuchulafken, Llakütülafken	Va-53	#5.1
La Lobera	Ar-19	#4.4.4
La Loma Atravesada	Bi-12	#4.4.2a /#4.3
La Loma de la Cruz	Bi-8	#4.4.2c /#4.3
La Matriz	Ca-43	#4.4.10-1
La Merced	Va-53	#4.4.9c
Lamewapi	Va-53	#4.3.1j
La Muerte	Bi-12	#4.4.9e
La Negra	Ma-29	#4.4.3a
La Pasá del Diablo	Bi-6	#4.3.1d /#4.4.9d
La Peña del Conde	Ar-19	#4.4.4
La Peña del Lobo	Ar-13	#4.4.4
Lapi, Lape	Va-54	#4.3.1f
Lapüyu	Bi-11	#4.3.1b
La Quebrá de la Zorra	Bi-5	#4.4.2b /#4.4.7
La Quebrá del León	Bi-5	#4.4.2b

La Quebrá del Moro	Bi-11	#4.4.2b
Las Animas	Va-53	#4.4.9e
Las Bayas	Bi-11	#4.4.2a /#4.4.12
Las Cabeceras	Bi-11	#4.4.4
Las Castellanas	Bi-12	#4.4.2a /#4.4.12
Las Gaviotas	Va-53	#4.4.7
Las Lomas de Tucapel	Bi-5	#4.4.2c
Las Lumas	Bi-11	#4.3.4a
Las Maletas	Va-54	#4.4.5
Las Mellizas	Bi-4	#4.4.3a
Las Mulatas	Va-53	#5.4
Las Palomas	Bi-10	#4.4.7
Las Quemadas	Ar-14	#4.4.5
Las Quinientas	Ca-45	#4.4.13
Las Ranchas	Bi-12	#4.4.2a
Las Romasas	Bi-6	#4.4.2a
Lastarrias	Ca-45	#4.3
Las Toscas	Bi-10	#4.4.1
La Turbina	Ca-33	#4.4.5
Lautaro	Ca-33	#4.3.4b
La Virgen de Lourdes	Va-53	#4.4.9c
La Vuelta de la Culebra	Bi-12	#4.4.2b
Las Cardas	Ma-28	#5.2
Las Vegas	Bi-12	#4.4.2a /#4.4.2c
Las Venenosas	Bi-11	#4.4.3a
Lavapie, Punta Lavapie	Ar-13	#4.4.2
Lawwapi, Llagwapi	Ar-13	#4.4.2
La Verde	Ma-30	#4.4.3a
Las Ventanas	Ar-16	#4.4.5
Lilekura	Ca-34	#4.3.3
Lingue, Pichilingue	Va-23	#4.3.4a
Lirken	Ca-36	#6.2.1-8
Litrán	Va-53	#5.2
Liwkura	Ar-19	#4.3.3
Lolko	Bi-11	#4.3.1h
Loncopan	Ca-47	#4.1 /#4.3.5a

Lonkotrarro	Ca-41	#6.4.3
Loncoyen	Va-53	#4.1
Longlong	Ca-40	#6.4.1-2
Lomas de Angol	Bi-2	#4.4.2c
Loma de la Diuca	Ar-19	#4.4.2c /#4.4.7
Los Arenales	Ma-30	#4.4.1
Los Aromos	Ca-40	#4.4.6
Los Barros	Ma-40	#4.4.1
Los Canelos	Ar-19	#4.4.6
Los Cascajos	Ca-37	#4.4.1
Los Conales	Va-53	#4.3.6b/#5.4
Los Cristales	Bi-7	#3.4.2a
Los Cuervos	Ca-39	#3.4.7
Los Chilcos	Ca-42	#4.3.4b
Los Ganzos	Bi-8	#3.4.7
Los Guindos	Ca-45	#3.4.6
Los Guanacos	Bi-4	#3.4.7
Los Lagos	Va-53	#5.2
Los Laureles	Ca-41	#4.4.6
Los Llanos	Ca-33	#4.4.2c
Los Notros	Ma-22	#4.4.6
Los Patos	Bi-8	#4.4.7
Los Planchaos	Ca-35	#4.4.5
Los Pinos	Ca-49	#4.4.6
Los Potreros	Ca-35	#4.4.2c
Los Sauces	Ma-23	#4.4.6
Los Ulmos	Ca-44	#4.3.4a
Los Venados	Ma-28	#4.4.7
Luanmawida	Ma-20	#5.2
Lumako	Ma-26	#4.3.2b
Lumalla	Ca-46	#4.3.1b
Llani	Ar-15	#4.3.1f
Llawlawen	Bi-11	#4.3.2e
Llawlaw, Llewilew	Ca-46	#4.4.1-2
Llemelelkura,	Ma-30	#4.3.3
Llemellelkura		

Llemülelkura		
Yemelelkura		
Llikanko	Ca-36	#4.3.2g
Lloben	Va-53	#5.1
Madre de Dios	va-51	#4.4 /#3.4.9c
Makewe	Ca-36	#4.3.4b/#6.2.1-7
Mailef	Va-50	#5.1
Maiten, Maitenal	Va-53	#6.4.1-3
Malalkawellu	Bi-11	#4.2.1-3 /#4.4.1-3
Malalkura	Bi-11	#4.3.1h
Malalwe	Bi-6	#4.3.1g
Mankeante	Ca-39	#4.3.7
Manzanal, Manzanar	Ma-29	#4.4.6
Mallolafken	Va-46	#5.2
María Jesús	Ma-30	#4.4.3a
Marikina	Ca-50	#4.3.8 /#6.2.1-4/#5.1
Mariano Rosas	Ca-24	#4.3.7
Mariwala	Ca-43	#4.3.6c
Matanza	Bi-10	#4.4.10-3
Maulen	Ca-45	#6.2.1-8
Mawidanche	Ca-40	#6.2.1-2
Melikina	Ca-46	#4.3.8
Melipeuko	Ca-38	#4.3.5b
Melirewe	Ca-45	#4.3.8 /#6.2.1-2
Menukomawida	Ma-30	#4.3.1b
Meriwe	Ca-45	#4.3.1i
Merriwe	Ca-45	#6.2.1-7
Metafilu	Ma-24	#6.2.1-2
Mewin	Va-50	#4.3.4c
Mininko	Ma-26	#4.3.2e
Misión de Arique	Va-53	#4.4 /#4.4.10-3
Misión de Boroa	Ca-44	#4.4
Misión de Cudico	Va-53	#4.4.10-3
Misión Franciscana de Mulchén	Bi-10	#4.4.10-3
Misión de Niebla	Va-53	#4.4.10-3/#5.2

Misión de la Purísima de Quilaco	Bi-12	#4.4.10-3
Misión de Río Bueno	Va-53	#4.4.10-3
Misión de Toltén	Ca-44	#4.4
Misión de San José	Va-50	#4.4 /#4.4.10-3/#5.1
Misión de Wanewe	Va-53	#4.4 /#4.4.10-3
Mitrinwe	Ma-30	#6.2.1-7
Molfetue	Ca-45	#6.2.1-8
Molko	Ca-46	#4.3.2b
Molino Grob	Ma-27	#4.5c
Molino Kunstmann	Va-53	#4.5c
Montecabro	Ar-17	#4.4.10-3
Monte de las Viudas	Ma-22	#4.4.2a
Monte del fundo el Salto	Ma-27	#4.4.2a
Monte Mateo	Ma-28	#4.4.2a
Monte Redondo	Ca-38	#4.4.2a
Monte Valencia	Ca-31	#4.4.2a
Monte Verde	Ma-29	#4.4.2a
Morro Bonifacio	Va-53	#4.4.2a /#4.4.8 /#4.2.1-3/#5.2
Mortandad	Ca-35	#4.4.2b
Morro Gonzálo	Va-53	#4.4.2a /#4.4.8 /#4.3/#5.2
Muelle Schuster	Va-53	#4.5d
Nankawe, Nalkawe	Ca-49	#4.3.4c /#6.2.1-7
Namunkawe	Ca-41	#4.2.1-9
Namunchoyke	Ma-30	#4.3.1a/#5.1
Nariz del Diablo	Ma-29	#4.4.3
Nawelbuta	Ma-22	#4.3.2b /#4.3.5a
Nawelfüta	Ma-22	#4.3.5a
Nawelkura	Ca-41	#4.3.3
Nawelwapi	Ca-39	#6.2.1-2
Negrete	Bi-9	#4.1 /#4.3
Nepum	Ma-23	#4.3.1h/#6.2.1
Ngetrafken, Mitrawken	Ma-30	#4.3.1i
Ngürümawida	Ma-24	#4.3.1a
Ngürüweko	Bi-11	#4.3.2c
Ngürüvilo	Bi-12	#4.3.7

Niblinto	Bi-8	#6.2.1-8
Nicolás de Talentino	Ca-34	#5.2
Niebla	Va-53	#1.1 /#4.3/#5.2
Nilwe	Va-50	#4.3.4c
Nitrao	Ma-26	#4.3.1i
Niwinko	Ar-18	#4.3.2e
Nuestra Sra. de la Limpia Concepción de Lemos	Va-53	#4.4
Nuestra Sra. de los Remedios	Va-53	#4.4 /#4.4.3
Nueva Italia	Ca-26	#4.5a/#5.2
Nukolil	Ma-30	#4.3.1d
Nuñgennuñgen	Ar-18	#4.3.1a
Ñuble	Ca-49	#6.2.1-8
Oromüta	Ma-44	#4.3.1a
Pailawe	Ca-33	#4.2.1-9
Paillako	Va-53	#4.3.2e
Palguin	Ca-47	#4.3.4b
Paliwe	Ca-38	#6.2.1-7
Palmucho	Ca-39	#4.3.2a /#4.3.5a
Palo Muerto	Ca-41	#4.4.5
Pampa Kramer	Va-53	#4.5d
Pancho Bulnes	-	#4.3.6
Pangal	Ca-36	#4.4.1-3
Pangue	Ca-39	#4.1
Panguipulli	Va-52	#5.1
Parlamento	Ca-31	#4.3
Pasaje Behrens	Va-53	#4.5b
Pasaje Berlín	Va-53	#4.5a
Pasaje Bischoff	Va-53	#4.5b
Pasarela Chicofica	Bi-8	#4.4.8
Paso de las Quilas	Ca-38	#4.3
Paso de las Ranas	Ca-45	#4.4.2d /#4.3
Paso Paz	Ma-30	#4.4.2d
Patachoyke	Ma-30	#4.3.1a/#5.1
Pata de Gallina	Ma-30	#4.4.13

Pata de Vaca	Ca-48	#4.4.13
Patawa, Patawal	Ca-34	#5.1
Paylalewe	Ma-38	#6.2.1-8
Pedregal	Ca-37	#4.4.1
Pedregoso	Ca-47	#4.4.1
Pelamawida	Ma-26	#4.3.1b
Pemuko	Ca-35	#4.3.2b
Peñike	Va-53	#4.3.1j
Pewenko, Cajón Pewenko	Ca-46	#4.3.1i /#4.3.3b
Pewko	Ca-38	#6.2.1
Pewmu	Ca-40	#6.2.1
Pichibudi	Ca-39	#6.2.1-3
Pichibureo, Pichiureo	Ca-44	#4.3.2
Pichikoyam	Ma-28	#4.3.4a /#6.2.1-3
Pichikoyawe	Ca-46	#4.3.1h
Pichilwanko	Ma-20	#4.3.5a
Pichipon	Va-52	#4.3.4c
Pichiwinkul	Ca-49	#6.2.1-3
Pidenko	Ca-35	#4.3.2c /#4.3.5b
Piedra Blanca	Va-53	#4.4.4 /#4.3
Piedra Bruja	Bi-11	#4.4.9e
Piedra Colgá	Ma-25	#4.4.4
Piedra Cruz	Ca-32	#4.4.4 /#4.3
Piedra de la Angostura	Bi-12	#4.4.4
Piedra de la Cabra	Ma-30	#4.4.4
Piedra del Diablo	Bi-7	#4.4.9e
Piedra Descachaora	Ma-25	#4.4.4
Piedra el Abanico	Bi-6	#4.4.4
Piedra el Aguila	Ma-20	#4.4.4
Piedra el Burro	Ma-30	#4.4.4
Piedra el Sapo	Ma-29	#4.4.4
Piedra la Gaviota	Ar-19	#4.4.4
Piedra Mala	Ca-48	#4.4.4
Piedra Marcá	Ma-30	#4.4.4
Piedra Meona	Bi-11	#4.4.4
Piedra Mora	Va-54	#4.4.4

Piedra Overa	Bi-11	#4.4.4 /#4.4.12
Piedra Pará	Ar-19	#4.4.4
Piedra Pata del Diablo	Bi-6	#4.4.4 /#4.4.9e
Piedra Peiná	Ma-29	#4.4.4
Piedras Grandes	Ca-48	#4.3
Piedra Resbalosa	Ca-48	#4.4.4
Pikoyken, Pucara de Pikoyken	Bi-8	#5.2
Pilinmapu	Ma-26	#5.2
Pilmayken	Va-53	#4.3.5b
Pilunchalla	Ca-37	#4.3.1a
Pilpilko	Ma-24	#4.3.5b
Pindako	Ca-33	#4.3.5b
Pinowacho, Pinowetro	Ca-46	#4.3.4a
Pitrufken	Ca-43	#5.2
Pirkinko, Perkenko	Ca-32	#4.3.2a
Piwchenko	Ca-34	#4.3.7 /#6.2.1-6
Playa Blanca	Ar-16	#4.4.2d
Playa el Chino	Ar-15	#4.4.2d
Playa el Chivo	Ar-15	#4.4.2d
Playa el Saco	Ar-15	#4.4.2d
Playa Faro Viejo	Ar-13	#4.4.2d
Playa Linda	Ca-46	#4.4.2d
Playa los Lobos	Ar-15	#4.4.2d
Plaza del manzano	Ca-36	#5.2
Playazo	Va--50	#5.3
Plazuela Berlín	Va-53	#4.5a
Poco a Poco	Ca-45	#4.4.10-3
Polue, Pulluken	Ma-24	#6.2.1-8
Ponpon	Ma-23	#4.3.4c
Primer Agua	Ca-34	#4.3
Primer Watro, Segundo Watro	Va-50	#4.3.4b
Pua	Ma-28	#4.3.5c /#6.2.1-5
Puente Cuarenta	Ca-41	#4.4.10-2 /#4.4.10-13
Puente el Guadrao	Ca-45	#4.4.5

Puente el Perro	Ca-37	#4.4.10-2
Puente el Ratón	Ca-45	#4.4.5
Puente Hediondo	Va-52	#4.4.5
Puente la Leona	Ca-45	#4.4.10-2
Puente las Toscas	Ma-28	#4.4.5
Puente Laulau 1, 2, 3	Ca-37	#4.4.10-2
Puente los Mellizos	Ca-35	#4.4.10-2
Puente Negro	Ca-44	#4.4.5
Puente Piedra Blanca	Ma-29	#4.4.10-2
Puente Salinas	Ca-45	#4.4.10-2
Puente San José	Va-50	#4.4.10-2
Puente Willines	Ca-41	#4.4.1-3
Puerto de Corral	Va-54	#3.4.8/#5.2
Puerto lago Ranco	Va-53	#5.3
Puerto Rosales	Va-53	#5.3
Puküreo, Pukereo	Ca-46	#4.3.2c /#6.2.1-5
Pultrüpadawe	Bi-11	#4.3.1i
Pullinke	Va-52	#4.3.5a /#6.2.1-5
Pumalal	Ca-36	#5.4
Punta Ancla	Va-53	#4.4.5 /#4.3
Punta Galera	Va-54	#5.2
Punta Riñinawe	Va-53	#5.2
Punta San Mateo	Va-54	#4.4 /#4.4.3
Punta Vulchuchen	Va-53	#5.2
Purakina	Ca-46	#4.3.8
Puraral	Ca-49	#6.2.1-5
Puringue Rico, Puringue Pobre	Va-50	#4.3.4b
Purulon	Va-51	#4.3.1g
Puyewe	Ca-49	#4.3.5a/#5.1
Quebrá el Temblor	Bi-12	#4.4.2b
Quebrá Honda	Va-53	#4.4.2b
Quilapalos	Ca-32	#4.4.2
Quinta Faja	Ca-45	#4.4.13
Quinta Voss	Va-53	#4.5d
Radal	Ca-41	#4.3.4a

Rancho Grande	Ma-26	#4.4.5
Raileu	Ca-35	#4.3.6
Ranka	Va-50	#4.3.4b
Rangilwenu	Ca-31	#5.2
Rankilko, Rankülko	Ca-34	#4.3.2b /#4.2.1-6
Rapelko	Ma-26	#4.3.2e /#4.3.2f
Rawe	Ca-31	#4.3.2a
Rayenko	Ca-47	#4.3.1i
Rayenmawida	Ca-48	#4.2.1-2
Rayenwingkul	Ca-48	#4.2.1-2
Reducción Ignacio Wenchullan	Ma-27	#5.2
Reducción Kuriche	Ca-31	#4.3.6c
Remolachalwe	Ca-40	#6.2.1-7
Renaiko	Ma-21	#4.3.2f
Rengilwenu	Ma-24	#4.3.1b
Renge	Ma-30	#4.3.7
Reñako	Ca-35	#4.3.2f
Riñiwe	va-53	#5.1
Río Bio-Bío	Ma-30	#4.4
Río Bueno	Va-53	#4.4
Río Claro	Ca-38	#4.3
Río Cruces	Va-49	#4.4.3a/#5.0
Río Cutipay	Va-53	#5.4
Río de la Junta	Ca-38	#4.4.3a
Río del Diablo	Ma-25	#4.4.3
Río Engorda	Bi-6	#4.4.3a
Río la Mancha	B-12	#4.4.3a
Rinconá de la Laja	Bi=3	#4.4.2b
Río Plegaria	Bi-11	#4.4.3a
Río San Pedro	Va-53	#4.4.3a /#4.4.3
Río Santa María	Va-53	#4.4.9c
Río Tornafragatas	Va-53	#4.4.3a /#4.3 /#4.4.3/#5.0
Río Tornagaleones	Va-53	#4.4.3a /#4.3 /#4.4.3/#5.0
Río Valdivia	Va-53	#1.1
Río Vergara	Bi-8	#4.4.3a /#4.4.8/#5.2

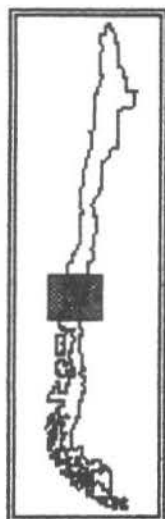
Roiroi	Va-53	#4.3.2g /#6.4.1-2
Rukalwe	Ca-42	#4.3.7
Rukañam	Bi-11	#5.2
Rukayeko	Ar-19	#4.3.1i
Rukatayo	Ma-25	#4.3.4a
Rukatrile	Ca-31	#4.2.1-3
Salto Chico	Bi-10	#4.4.3a
Salto del Centro	Bi-9	#4.4.3a
Salto el Laja	Ma-20	#4.4.3a
Salto Grande	Ma-20	#4.4.3a
Salto del Medio	Ma-20	#4.4.11
San Carlos	Va-54	#4.4.9a
San Francisco	Bi-10	#4.4
San Gabriel de Riwe	Bi-10	#4.4.9a
San Ignacio	Va-53	#5.2
San José	Va-50	#4.4 /#3.4.8
San José de Alcudia	Va-53	#4.4.3
San Juan	Ma-26	#4.4 /#4.3
San Juan de Renako	Ma-26	#4.4.9a
San Luis	Ca-45	#4.4 /#4.3
San Pablo	Ca-34	#5.2
San Paulo	Ca-45	#4.4.9a
San Pedro	Ca-49	#4.4 /#4.4.9a /#4.3
San Ramón	Ca-43	#4.4 /#4.4.9a
Santa Ana	Ca-45	#4.4.9a
Santa Bárbara	Bi-11	#4.4/#5.2
Santa Carmen	Bi-9	#4.4
Santa Inés	Va-53	#5.0
Santa Juana de Guada-Alcázar	Bi-8	#5.2
Santa Luisa	Ca-46	#4.4.9a
Santa María	Ma-26	#4.3
Santa María la Blanca	Va-53	#4.4 /#4.4.9c
Santa Rosa	Ca-32	#4.4 /#4.4.9a
Santa Silvia	Ma-28	#4.4.9a
Santa Teresa	Ma-27	#4.4 /#4.4.9a

Santo Domingo	Ma-26	#4.4
Sector Cinco	Ca-37	#4.4.13
Sector Siete	Ca-35	#4.4.13
Sierra Velluda	Bi-6	#4.4.2a
Siete Picos	Bi-11	#4.4.2a /#4.4.13
Soloyo	Ca-36	#4.4.10-3
Subida de Hofmann	Ca-45	#4.5b
Tambo, Tambillo	Ma-29	#5.4
Temuko	Ca-36	#4.3.2b/#5.2
Tenkelen	Va-53	#5.1
Tolten	Ca-44	#4.4
Torreón de Cantarranas	Va-53	#4.4.10-3
Torreón del Barro	Va-53	#4.4 /#3.4.10-3
Torreón de los Canelos	Va-53	#4.4.10-3
Trafonchalla	Ca-32	#4.3.1d
Trana	Va-51	#4.3.1f
Tranakepe	Ca-37	#4.3.1k
Tranikura	Ca-48	#4.3.3
Trapatrapa	Bi-11	#4.3.1h
Trapilwe	Ca-40	#6.2.1-7
Traytrayko	Ca-42	#4.3.2e /#6.4.1-2
Trentren	Ca-43	#4.3.7
Tres Espinos	Ca-37	#4.4.6
Tres Pinos	Ca-36	#4.4.13 /#4.3
Tres Ventanas	Va-53	#4.4.5 /#4.3
Trewako	Ca-42	#4.3.2c
Triftrifko	Ca-31	#4.3.2g/#5.1
Trintre	Ca-31	#4.3.6b
Tripayante	Ca-26	#4.3.1a
Triunfo Campesino	Bi-5	#6.4.3
Tucapel	Bi-5	#4.3
Trofküpen, Troküptün	Bi-11	#4.3.1b
Trubunleo, Trumunleo	Ma-26	#4.3.2f
Trifultriful	Ca-38	#4.3.2g
Truftruf	Ca-38	#6.4.1-2
Trumulko, Chumulko	Bi-7	#4.3.2d

Trupan	Bi-5	#4.3.1i
Vado Negrete	Bi-9	#4.4.3a
Valdivia	Va-53	#4.3
Vaquecha	Bi-12	#4.4.2
Vegas de Pelawenko	Ma-27	#4.4.2c
Vega Redonda	Ca-37	#4.4.2c
Vertiente los Manantiales	Ca-46	#4.4.3a
Vilukura	Ca-48	#4.3.1a
Villa-Rica	Ca-46	#4.3/#5.2
Virgen del Rosario	Ma-26	#4.4
Volcán Antuko	Bi-6	#4.3.1c
Volcán Copa	Bi-11	#4.3.1c
Volcán Llama	Ma-29	#4.3.1c
Wada, Wadawe	Ma-23	#4.3.4c
Walafken	Ca-38	#4.3.1c
Walpin	Ca-44	#5.1
Wallali, Wallalil	Ma-30	#4.3.1d /#6.2.1-2
Wallanto	Ca-45	#4.3.4b/#4.2.1-8
Wallwalltukurawe	Bi-11	#4.3.3 /#4.4.1-2
Wamaki	Ca-34	#4.3.4b
Wangkungürü	Bi-11	#4.3.1b
Wankizorra	Bi-11	#6.4.1-1
Wapikura, Wapekura	Ca-39	#4.3.1j /#3.3.4
Wechulepun, Wechulefun	Ca-38	#4.3.1a
Wechuliay	Bi-11	#4.3.1b
Weikolla	Va-54	#4.3.2a
Wekeriwe, Wekerüwe	Ca-34	#4.3.1k
Weñebale	Ma-29	#4.3.6c
Wepil	Ca-47	#6.2.1-3
Werere	Ca-41	#4.3.5b /#6.2.1-3
Wichawe	Ca-41	#6.2.1-7
Wichakontue	Ca-35	#4.2.1-8
Wilkilefun, Wilkilel	Ca-40	#4.3.5b
Wilkilko	Ca-43	#4.3.2c
Wilowilo	Ca-42	#4.3.4c
Willinko	Ar-19	#4.3.2c

Winkaromero	Ca-41	#4.3.6c
Wiriwire	Ca-38	#4.3.5b
Witrlechilkura	Ma-23	#4.3.2
Winkilliwliw	Bi-11	#4.3.2e
Wüdüntukuwe	Bi-11	#4.3.2f
Wirinlil	Ca-38	#4.3.1b
Yeko	Va-53	#4.3.5b
Zanja	Ca-36	#4.4.2b

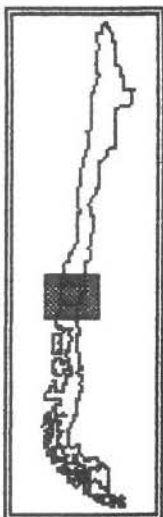
9. M A P A S



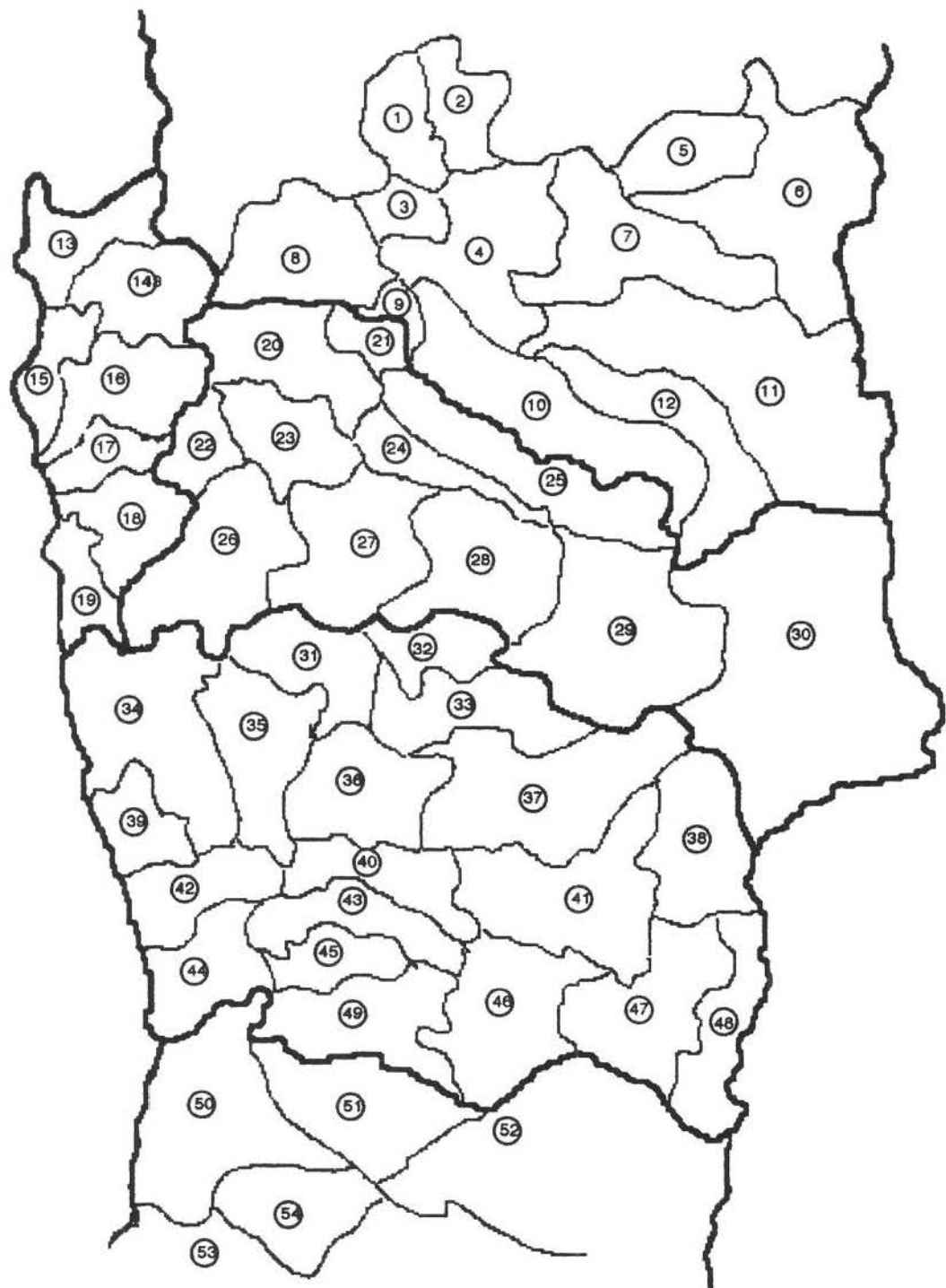
MAPA Nº 1



Províncias consideradas nos inquéritos
-Oitava Região (Bío-Bío e Arauco)
-Nona Região (Malleco e Cautín)
-Décima Região (Valdivia)



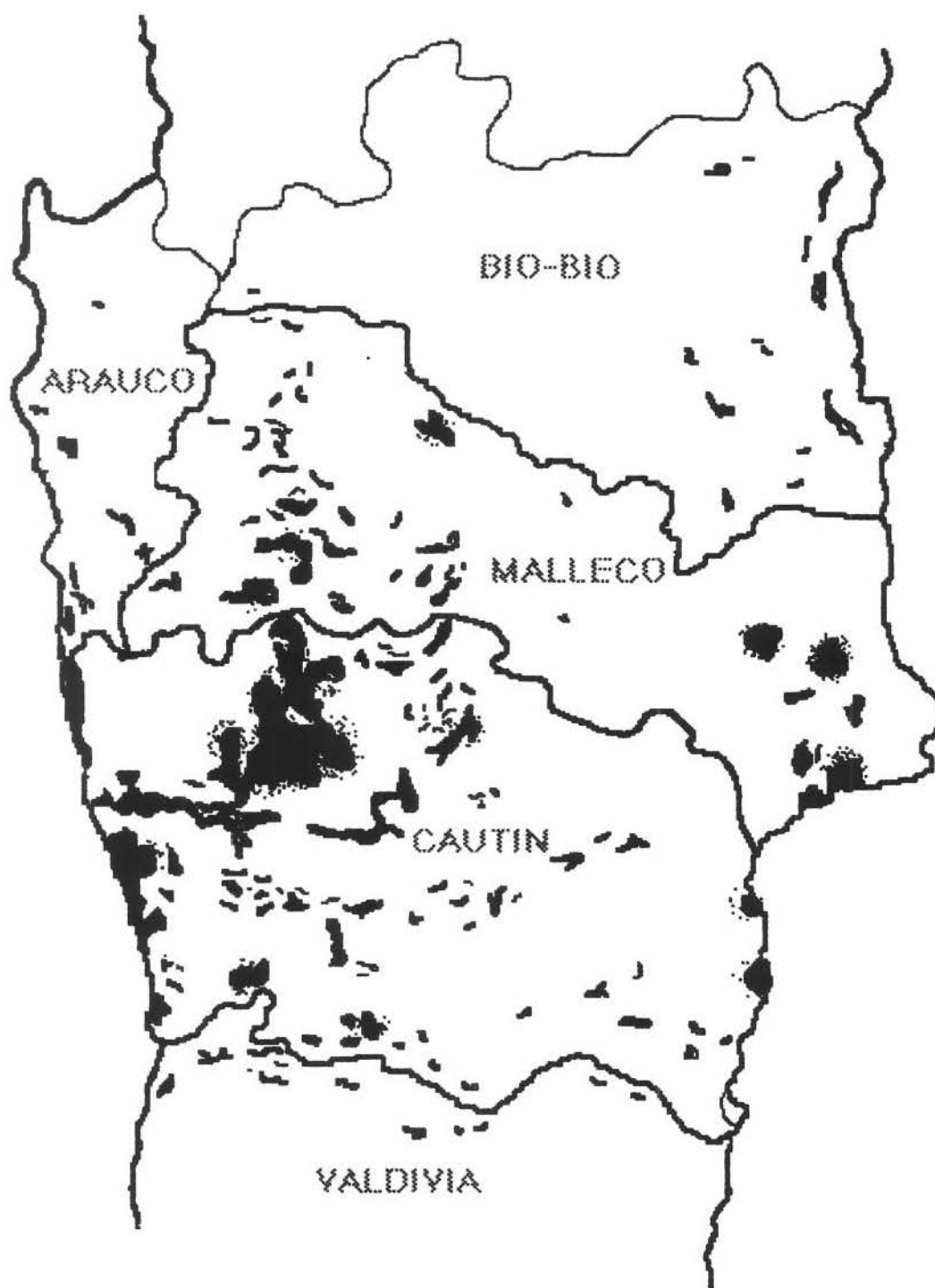
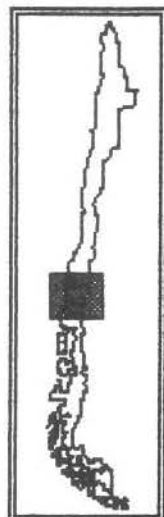
MAPA Nº 2



1. YUMBEL
2. CABRERO
3. LAJA
4. LOS ANGELES
5. TUCAPEL
6. ANTUCO
7. QUILLECO
8. NACIMIENTO
9. NEGRETE
10. MULCHEN
11. STA. BARBARA
12. QUILACO
13. ARAUCO
14. CURANILAHUE
15. LEBU
16. LOS ALAMOS
17. CAÑETE
18. CONTULMO
19. TIRUA
20. ANGOL
21. RENAICO
22. PUREN
23. LOS SAUCES
24. ERCILLA
25. COLLIPULLI
26. LUMACO
27. TRAIQUEN
28. VICTORIA
29. CURACAUTIN
30. LONQUIMAY
31. GALVARINO
32. PERQUENCO
33. LAUTARO
34. CARAHUE
35. N. IMPERIAL
36. TEMUCO
37. VILCUN
38. MELIPEUCO
39. SAAVEDRA
40. FREIRE
41. CUNCO
42. T. SCHMIDT
43. PITRUFQUEN
44. TOLTEN
45. GORBEA
46. VILLARRICA
47. PUCON
48. CURARREHUE
49. LONCOCHE
50. MARIQUINA
51. LANCO
52. PANGUIPULLI
53. VALDIVIA
54. CORRAL

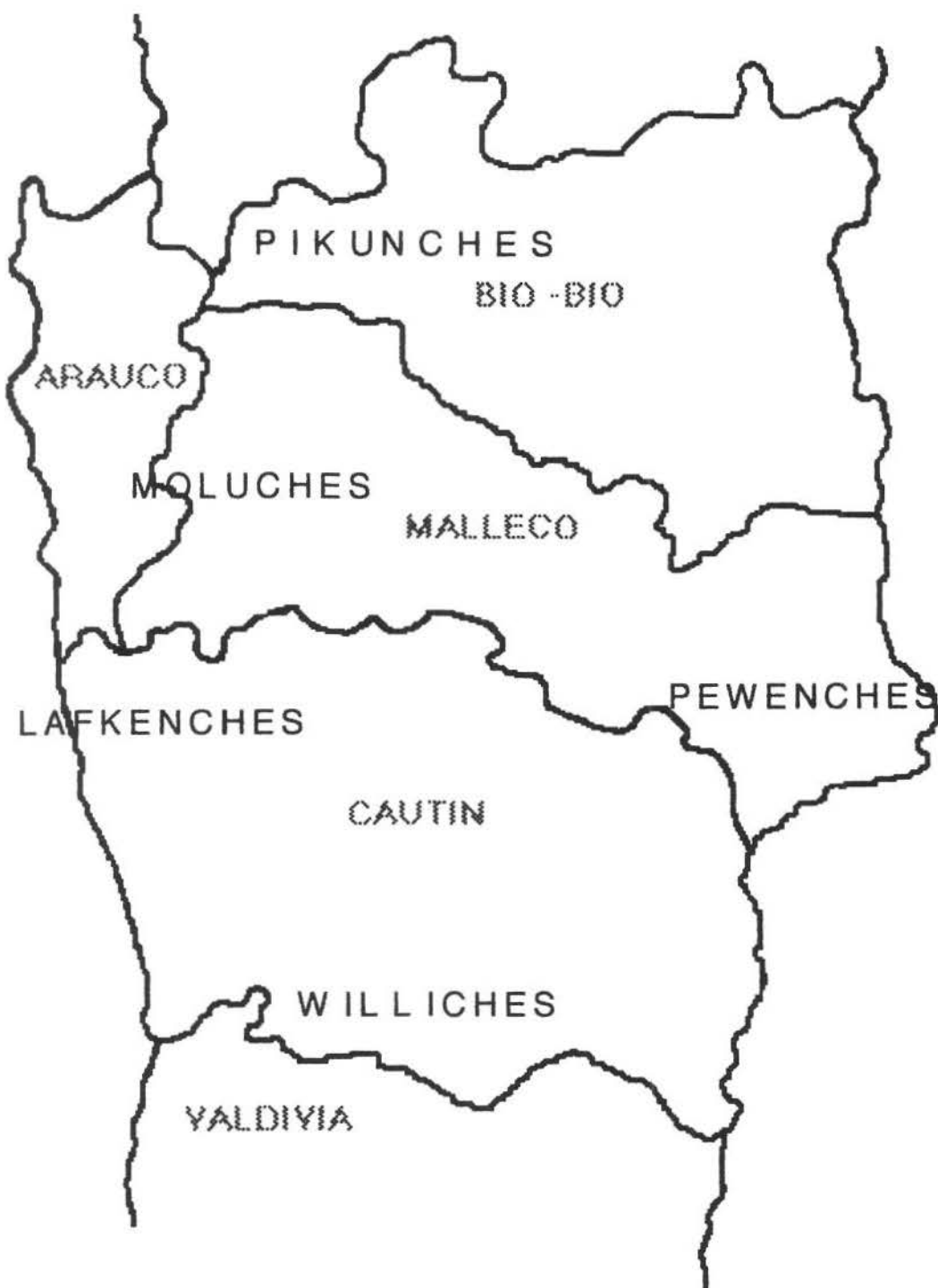
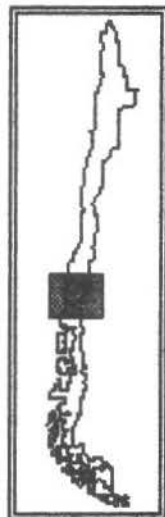
Provincias e suas correspondentes comunas

MAPA Nº 3



Comunidades mapuches (1995)

MAPA Nº 4



Variação lingüística: dialetos

10. BIBLIOGRAFIA

1. *Album Bibliográfico de Valdivia y la Región* (1941): Sociedad Editora Austral Ltda. Imprenta Moderna. Valdivia.
2. Alonqueo, Martín (1989): *El habla de mi tierra*. Ediciones Kolping. Temuco.
3. Alonso, Amado (1967): *Estudios Lingüísticos. Temas Hispanoamericanos*. Editorial Gredos, Madrid.
4. Araya, Guillermo; Wagner, Claudio; Contreras, Constantino y Bernales, Mario (1973): *Atlas Lingüístico-Etnográfico del Sur de Chile (ALESUCH)*, tomo I, Editorial Universitaria, Santiago de Chile.
5. Augusta, Fray Félix José Kathan de (1903): *Gramática Araucana*. Imprenta Central J. Lampert, Valdivia.
 —————(1907): *Cómo se llaman los araucanos?* Imprenta San Francisco, Valdivia.
 —————(1910): *Lecturas Araucanas (narraciones, costumbres, cuentos, canciones, etc.) ... con la colaboración de Fray Sigifredo de Fraunhaeusl*. Imprenta da Prefectura Apostólica. Padre Las Casas-Temuco.
 —————(1911): "Zehn Araukaner Lieder". Em *Anthropos*, 6: 684-698.
 —————(1916): *Diccionario Araucano-Español y Español-Araucano*. Imprenta Universitaria, Tomo I e II. Santiago de Chile.
6. Baldinger, Kurt (1986): "Etimología popular y Onomástica". Em *Lexis, Revista de Lingüística y Literatura*, Vol. X, Nº 1: 1-24, Pontificia Universidad Católica del Perú. Lima.
 —————(1966): "La pesadilla de los etimólogos". Em *Revista de Filología Española*, 48: 95-104, Madrid.
7. Basílio, Margarida et alii. (1993): "Derivação, composição e flexão no Português falado: condições de produção". Em *Gramática do Português Falado*, Volume III: 363-429, Editora da UNICAMP.
8. Bengoa, José (1991): *Historia del pueblo mapuche. Siglo XIX y XX*. Ediciones Sur. Colección Estudios Históricos. Santiago de Chile.
9. Bernales, Mario (1984): "Acerca de la unidad y variedad de los hidrotopónimos". Em *Actas de lengua y literatura mapuches*, 2: 107-115. Universidad de la Frontera. Temuco.
 —————(1985): "Alcances a la toponimia de la IX Región". Em *RLA Revista de Lingüística Teórica Aplicada*, 23: 59-63. Universidad de Concepción

- (1987): "La presencia de la Cruz y de la Espada en la toponimia del Sur de Chile". A ser publicado nos *Anais da ALFAL* (VIII Congreso Internacional), Tucumán. Argentina.
- (1990): *Toponimia de Valdivia*. Serie Quinto Centenario, Vol. 6. Universidad de la Frontera. Temuco.
- (1992): "Lengua y realidad a través de la toponimia". Palestra apresentada na Academia Chilena de la Lengua (27 de marzo): pp. 145-153. Em *Boletín de la Academia*.
- (1993): "Toponimia y motivación". Em *Contextos étnicos del lenguaje. Aportes en educación y etnodiversidad*. Universidad Autónoma "Benito Juárez" de Oaxaca. Instituto de Investigaciones Sociológicas. México, pp. 11-118.
10. Boas, Franz (1964): "On Geographical Names of the Kwakutl Indians". Em Dell Hymes *Language in Culture and Society. Reader in linguistic and Anthropology*. Harper & Row. Publ. NY., pp. 171-181.
11. Catrileo, María (1985): "Concepto y forma de la cuantificación en mapudungun". Em *R.L.A. Revista de Lingüística Teórica Aplicada* 23: 731-752, Universidad de Concepción. Concepción.
- (1988): "Grafemario unificado para el mapudungun: objetivos sociolingüísticos y principios fonémicos". Em *América Indígena*, Vol. XLVIII, núm. 4: 731-752. México.
12. Comrie, Bernard (1989): *Language Universals and Linguistic Typology. Syntax and Morphology*. Second Edition. The University Chicago Press.
13. Contreras, Constantino (1977): "Toponimia aborígen magallánica: vigencia, extinción, sustitución". Em *Estudios Filológicos*, 12: 81-96, Universidad Austral de Chile. Valdivia.
14. Coseriu, Eugenio (1973): *Sincronía, diacronía e historia. El problema del cambio lingüístico*. Edit. Gredos, Madrid.
15. Croese, Robert (1980): "Estudio dialectológico del mapuche". Em *Estudios Filológicos*, 15:7-29. Universidad Austral de Chile. Valdivia.
16. Dauzat, Albert (1946): *Les Noms de Personnes. Origine et Évolution (Prénoms, Noms de famille, Surnoms, Pseudonymes)*. Libraire Delagrave. Paris.
- (1963): *Les Noms de Lieux. Origine et Évolution. (Villes et Villages, Pays, Cours d'Eau, Montagnes, Lieux-dits)*. Libraire Delagrave. Paris.

17. Díaz Alayón, Carmen (1988): *Materiales toponímicos de La Palma. Santa Cruz de Tenerife (Islas Canarias)*. Gráficas Tenerife S.A.
18. Dick, Maria Vicentina de Paula de Amaral (1990): *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. Edições Arquivo de Estado São Paulo. Secretária de Estado da Cultura.
 —————(1992): *Toponímia e antroponímia no Brasil. Coletânea de Estudos*. São Paulo.
19. Dillehay, Tom (1990): *Araucanía: Presente y Pasado*. Editorial Andrés Bello. Santiago de Chile.
20. Drumond, Carlos (1965): *Contribuição do Bororo à Toponímia Brasileira*. Universidade de São Paulo. Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo.
21. Echeverría, Max (1964): "Descripción fonológica del mapuche actual". Em *Boletín del Instituto de Filología* da Universidad de Chile XVI:13-59. Santiago do Chile.
22. Echeverría, Max y Contreras, Heles (1965): "Araucanian Phonemics". *IJAL*, 31, 2: 132-135.
23. Englert von Dillingen, P. Sebastian (1936): "Lengua y literatura araucana" Em *Anales* da Universidad de Chile, Tomo I, Cuadernos 2 y 3: 62-109. Santiago do Chile.
24. *En Viaje* (1952): Organo de Propaganda y Turismo de lod F.F.C.C. del Estado. dedicado al 4to. Centenario de Valdivia. Edición 220. Santiago do Chile.
25. Erize, Esteban (1988): *Mapuche 4. Toponímia*. Editorial Yapun. Buenos Aires. Argentina.
 —————(1960): *Diccionario comentado mapuche-español. Araucano, pehuenche, pampa, picunche, rankülche, huilliche*. Universidad Nacional del Sur. Buenos Aires.
26. Escandell, Victoria (1991): "Sobre las reduplicaciones léxicas". Em "*Lingüística Española Actual*" (LEA), XIII, 1: 71-86. Instituto de Cooperación Iberoamericana. Editorial La Muralla, S.A., Madrid.
27. Fernández, Ana e Golluscio, Lucía (1978): "Rogativas Araucanas", *VICUS Cuadernos-Lingüística*, 11: 103-132. Amsterdam.
28. Ferrando, Ricardo (1986): *Y así nació La Frontera. Conquista, Guerra, Ocupación, Pacificación. 1550-1900*. Editorial Antártica S.A. Santiago do Chile.

29. Golbert, Perla (1975): *Epu peñiwen ("los dos hermanos"). Cuento Tradicional Araucano, Transcripción Fonológica, Traducción y Análisis*. Centro de Investigaciones en Ciencias de la Educación. Buenos Aires.
30. Guarda, Fernando (1953): *Historia de Valdivia, 1554-1952*. Imprenta Cultura. Santiago do Chile.
31. Guarda O.S.B., Gabriel (1975): *1645-1850 y La Toma de Valdivia*. Imprenta Zig-Zag, Santiago do Chile.
- (1980): *Conjuntos urbanos históricos arquitectónicos de Valdivia, s. XVIII-XIX*. Pontificia Universidad Católica de Chile. Santiago do Chile.
32. Harmelink, Bryan (1990): *Vocabulario y frases útiles en Mapudungun*. Ediciones Universidad de la Frontera. Temuco.
- (1969): "Hacia un análisis funcional de -ael y -am" Em *Lengua y Literatura Mapuches*, 2: 67-77, Universidad de la Frontera. Temuco.
- (1987a): "La negación en mapudungun". Em *Actas del Séptimo Seminario de Investigación y Enseñanza de la Lingüística*. Universidad Católica de Valparaíso. Valparaíso, pp. 149-160.
- (1987b): "Incorporación nominal en el mapudungun". Palestra apresentada no Congreso de la ALFAL, Tucumán. Argentina.
- (1987c): "The uses and functions of mew in mapudungun". Em *Lenguas Modernas*, 14: 173-178. Santiago do Chile.
- (1988): "The expression of temporal distinctions in mapudungun". Em *Lenguas Modernas*, 15:125-130. Santiago do Chile.
- (1989): "Procesos de derivación en mapudungun". Palestra apresentada no Octavo Seminario de Investigación y Enseñanza de la Lingüística. Universidad de Santiago de Chile. Santiago do Chile.
- (1993): *Manual de Aprendizaje del Idioma Mapuche*. A ser publicado na Universidad de la Frontera. Série Didáctica. Temuco.
33. Hasler, Juan (1989): "Topónimos mapuches". Em *Anales de la Universidad de Chile*. Quinta Serie, 17: 153-166, Santiago do Chile.
34. Havestadt, Bernard (1777): *Chilidúgu sive Tractatus Linguae Chilensis*, 2 volumens, Leipzig, B.G. Teubner, 1883. Segui à edição princeps *Chilidúgu sive Res Chilenses*, Monasterii Westphaliae.
- "Viaje a Chile, desde 1746 hasta 1748, sus 20 años de permanencia, hasta 1768, y su regreso en el año 1770". Documento do século XVIII, Capítulo V (Tradução ao espanhol do Prof. Rolf Hofmann)

35. Hernández, Arturo e Ramos, Nelly (1978): "Rasgos del castellano hablado por estudiantes mapuches". Em *R.L.A. Revista de Lingüística Teórica y Aplicada*, 16: 141-149, Universidad de Concepción. Concepción.
- (1983): "Situación sociolingüística de una familia mapuche. Proyecciones para abordar el problema de la enseñanza del castellano. Em *R.L.A. Revista de Lingüística Teórica y Aplicada*, 21: 35-44, Universidad de Concepción. Concepción.
36. Hernández, Consuelo (1978): *Toponimia de la Provincia de Murcia (Núcleos de población)*. Murcia, Universidad de Murcia. Separata, pp. 1-35.
37. Hockett, F., Charles (1972): *Curso de lingüística moderna*. Editorial Universitaria de Buenos Aires, EUDEBA. Argentina.
38. Hubschmid, Johannes (1960): "Toponimia prerromana". Em *Enciclopedia Lingüística Hispana*, tomo I, Madrid, pp. 447-499.
39. INE (Instituto Nacional de Estadística (1992): *Censo de Población y Vivienda*. Chile.
40. Koessler de, Bertha (1963): "Etimología de algunos topónimos según informantes Araucanos". Em *Primer Congreso del área araucana argentina*, tomo II, San Martín de los Andes (Neuquén, 1961). Provincia de Neuquén y Junta de Estudios Araucanos. Buenos Aires, pp. 139-145
41. Lagos, Daniel (1984): "Fonología del mapuche hablado en Victoria". Em *Actas, Jornadas de Lengua y Literatura Mapuche*, 1: 41-50 Universidad de la Frontera e Instituto Lingüístico de Verano
42. Lapesa, Rafael (1980): *Historia de la Lengua Española*. Editorial Gredos. Madrid.
43. Latcham, Ricardo (1928): *La prehistoria chilena*. Sociedad Impresora y Literatura, Universo. Santiago do Chile.
44. Lenz, Rodolfo (1896): Introducción a los "Estudios Araucanos" publicados em os *Anales de la Universidad de Chile*. Imprenta Cervantes. Santiago do Chile.
- (1905-1910): "Diccionario etimológico de las voces chilenas derivadas de lenguas indígenas americanas". Em *Anales de la Universidad de Chile*. Imprenta Cervantes, 1. Santiago de Chile.
- (1920): *La Oración y sus Partes. Estudios de gramática general y castellana*. Editorial Nascimento. Santiago do Chile.
45. Lopez Santos (1960): "Hagiotoponimia". Em *Enciclopedia Lingüística Hispana*, tomo I, Madrid, pp. 579-613.

46. Mansur Guérios (1981): *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. Editora Ave Maria Ltda. São Paulo.
47. Marsá, Francisco (1960): "Toponimia de reconquista". Em *Enciclopedia Lingüística Hispana*, tomo I, Madrid, pp. 615-646.
48. Medina, José (1952): *Los aborígenes de Chile*. Fondo Histórico y Bibliográfico José T. Medina. Imprenta Universitaria. Santiago do Chile.
49. Menéndez Pidal, Ramón (1952): *Toponimia prerrománica hispánica*. Madrid. Gredos.
 -----(1960): "Dos problemas iniciales relativos a los romances hispánicos". Em *Enciclopedia Lingüística Hispánica*, Tomo I, Madrid, pp. XXVII-CXXXVII.
50. Middendorf, E.W.(1890): *Wörterbuch des Runa Simi oder der Ketschua-Sprache*. Leipzig, F.A. Brockhaus.
51. Moesbach, P. Ernesto Wilhelm de (1953): *Los huilliches a través de sus apellidos*. Imprenta San Francisco. Padre Las Casas-Temuco.
 -----(1962): *Idioma Mapuche*. Imprenta San Francisco. Padre Las Casas-Temuco.
52. Mounin, G.(1972): *La linguistique du XXe siècle*. Presses Universitaire de France.
53. Nida, E. (1975): "Linguistics and ethnology". Exploring semantic structures, Munich. Fink Verlag.
54. Palmer, Leonard (1975): *Introducción crítica a la lingüística descriptiva y comparada*. Gredos, Madrid.
55. Pedersen, Paulo (1992): *Historia de San José de La Mariquina (1551-1990)*. Ediciones de la Universidad de la Frontera. Temuco.
56. Perón, Juan (1950): *Toponimia patagónica de etimología araucana*. Dirección General de Cultura del Ministerio de Educación de la Nación. Buenos Aires.
57. Quiroga, César (1987): "La toponimia de la provincia de San Juan. Una indagación lingüística de carácter interdisciplinario". Seminario de Investigaciones Toponímicas. Em *Cuadernos, 1*, Universidad de San Juan. San Juan.
58. Rabanales, Ambrosio (1970): "Obra lingüística de don Ramón Menéndez Pidal". Em *Boletín de Filología de la Universidad de Chile (BIFUCH)*, XXI: 193-273, Santiago.

59. Rago, Víctor (1984): "Notas sobre toponimia llanera". Em *Boletín de Lingüística*, 3: 29-47, Departamento de Lingüística. Universidad Católica de Venezuela.
60. Raguileo, Anselmo (1990): "Morfosintaxis de la lengua mapuche". Em *Actas de lengua y literatura mapuches*, 4: 1-9, Universidad de la Frontera. Temuco.
61. Ramírez, Carlos (1979, 1983): Diccionario de topónimos de procedencia indígena de la provincia de Cautín (Chile)". Em *Serie Ars et Humanitas*. Universidad Austral. Valdivia.
 -----(1983): "Toponimia indígena de Cautín". Em *Estudios Filológicos*, 12: 179-236, Valdivia.
62. Rivano, Emilio (1987): "Funciones sintácticas en mapudungu". Em *R.L.A. Revista de Lingüística Teórica y Aplicada*, 25:19-26. Universidad de Concepción. Concepción.
 -----(1988): "Morphosyntactic functions in Mapudungun" Em *R. L. A. Revista de Lingüística Teórica y Aplicada*, 26: 57-90. Universidad de Concepción. Concepción.
63. Robins, R.H. (1979): *Pequena história da lingüística*. Lingüística e Filologia, RJ.
64. Rohlf, Gerhard (1957): *Manual de Filología Hispánica. Guía bibliográfica, crítica y metódica*. Publicaciones del Instituto Caro y Cuervo, XII.
65. Rodrigues, Aryon (1986): *Línguas Brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas*. Edições Loyola. São Paulo.
66. Salazar, Adolfo (1978): La toponimia en Venezuela. Universidad Católica "Andrés Bello". Caracas.
67. Sandvig, Timothy (1986): "La reduplicación en mapudungun". Em *Actas de Lengua y Literatura Mapuches*, 2:143-156. Temuco.
68. Sandvig, Timothy e Llanquín, Arturo (1983): *Aprendamos a leer y escribir en mapudungu (Adümaiñ papeltun ka wiringen mapudungu)*. 1a. edição bilingüe. Temuco.
69. Salas, Adalberto(1971): "Notas sobre el verbo en el mapuche de Chile (IV)". Em *R.L.A. Revista de Lingüística Teórica y Aplicada*, 9: 43-51. Universidad de Concepción. Concepción.
 -----(1974): "Los fonemas del mapudungun, lengua de los mapuches o araucanos de Chile". Instituto Central de Lenguas. Universidad de Concepción. Concepción.

- (1974a): "Notas sobre el verbo en mapuche de Chile (V)". Em R.L.A. *Revista de Lingüística Teórica y Aplicada*, 12, 49-88. Universidad de Concepción. Concepción.
- (1974b): "Modo, persona y número en el verbo mapuche". *Ediciones Nueva Universidad*. Colección Universidad y Ciencias Sociales. Pontificia Universidad Católica, Temuco, pp. 107-136
- (1978): "Terminaciones y transiciones en el verbo mapuche. Crítica y bases para una nueva interpretación. Em R.L.A. *Revista de Lingüística Teórica y Aplicada*, 16: 167-179. Universidad de Concepción. Concepción.
- (1980): "La lingüística mapuche en Chile". Em R.L.A. *Revista de Lingüística Teórica y Aplicada*, 18: 23-57. Universidad de Concepción. Concepción.
- (1985): "Mapuche Lengua o dialecto?". Em *Cultura-Hombre-Sociedad*, 2, Nº 1: 109-124. Universidad Católica de Chile. Temuco.
- (1987) : "Hablar en mapuche es vivir en mapuche. Especificidad de relación Lengua/Cultura". Em R.L.A. *Revista de Lingüística Teórica Aplicada* 25:27-35. Universidad de Concepción. Concepción.
- (1992): "El componente indoamericano en la identidad sociocultural chilena. Una presentación etnolingüística". Em *Actas Literaria*, 17: 11-24, Universidad de Concepción. Concepción.
- (1992): *Fonología, gramática y antología de cuentos*. Editorial MAPFRE, S.A., Madrid.
70. Schaff, Adam (1967): *Lenguaje y conocimiento*. Edit. Grijalbo. México.
71. Sepúlveda, Gastón (1976): "Algunos aspectos de la fonología de los préstamos del español al mapudungu". Em Tom D.Dillehay (ed.), pp. 41-68.
- (1978): "Aspectos de la relativización en el mapudungu". Em R.L.A. *Revista de Lingüística Teórica y Aplicada*, 16: 161-166. Universidad de Concepción. Concepción.
- (1978a): "Algunos aspectos de la relativización en el mapudungu". Em R.L.A. *Revista de Lingüística Teórica y Aplicada*, 16: 116-166. Universidad de Concepción. Concepción.
- (1979): "Partículas performativas en la lengua de los mapuches de Chile". Em *Estudios Generales*, 1: 241-246. Universidad Técnica del Estado. Santiago do Chile.

- (1982): *Castellano para mapuche-hablantes*. Convenio Universidad Austral-Ministerio de Educación. Programa de Educación Rural Mapuche.
- (1985): *Consideraciones lingüísticas a un Plan de Enseñanza Básica para mapuches de Chile*. Em Cuadernos de Filología, Universidad de Chile, 11: 5-31, Antofagasta. Chile.
72. Sociedad Chilena de Lingüística (1986): *Encuentro para la unificación del alfabeto mapuche. Propositiones y acuerdos.*(π Comp.) Arturo Hernández. Editado pela Universidad Católica de Temuco. Temuco.
- (1988): *Alfabeto mapuche unificado*. Editado pela Universidad Católica de Temuco. Temuco.
73. Souza, Laura (1986): *O diabo e a terra de Santa Cruz, feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. Companhia das Letras. São Paulo.
74. Staube, León (1963): "Fitotoponimia araucana". Em *Primer Congreso del área araucana argentina*, tomo II. San Martín de los Andes (Neuquén, 1961), Provincia de Neuquén y Junta de Estudios Araucanos, Buenos Aires, pp. 449-471.
75. Tovar, Antonio e Larrucea de Tovar Consuelo (1984): *Catálogo de las lenguas de América del sur. Con clasificaciones, indicaciones tiopológicas, bibliografía y mapas*. Madrid. Gredos.
76. Tovar, Antonio (1944): "Lingüística y Filología. Su situación actual". Revista de Occidente, Madrid.
77. Verniory, Gustave (1975): *Diez años en Araucanía 1889-1899*. Ediciones da Universidad de Chile. Santiago do Chile.
78. von Humboldt, Wilhelm (1990): *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad*. Tradução e prólogo de Ana Agud. Barcelona-Madrid.
79. Wagner, Claudio (1965): "Contribución al estudio de la toponimia de Chiloé". Em *Estudios Filológicos*, 1: 283-302, Valdivia.
80. Zapater, Horacio (1973): *Los aborígenes de chilenos a través de crónicas y viajeros*. Editorial Andrés Bello. Santiago do Chile.
81. Zgusta, Ladislav (1971): *Manual of Lexicography*. Mouton, The Hague-Paris.